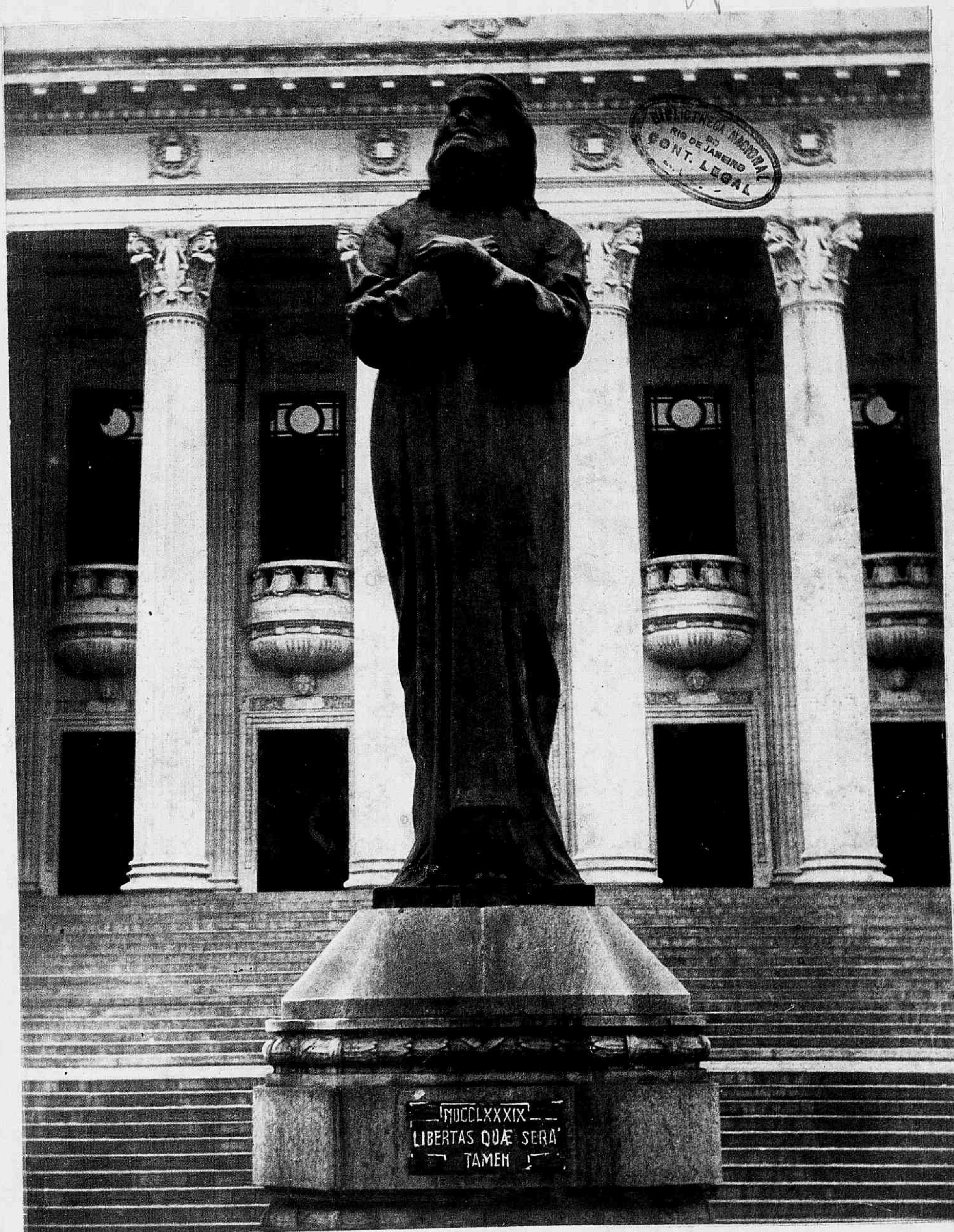


Ano XLIII -- N.º 17  
1\$500 em todo o Brasil

# Revista da Semana

25 de Abril  
de 1942

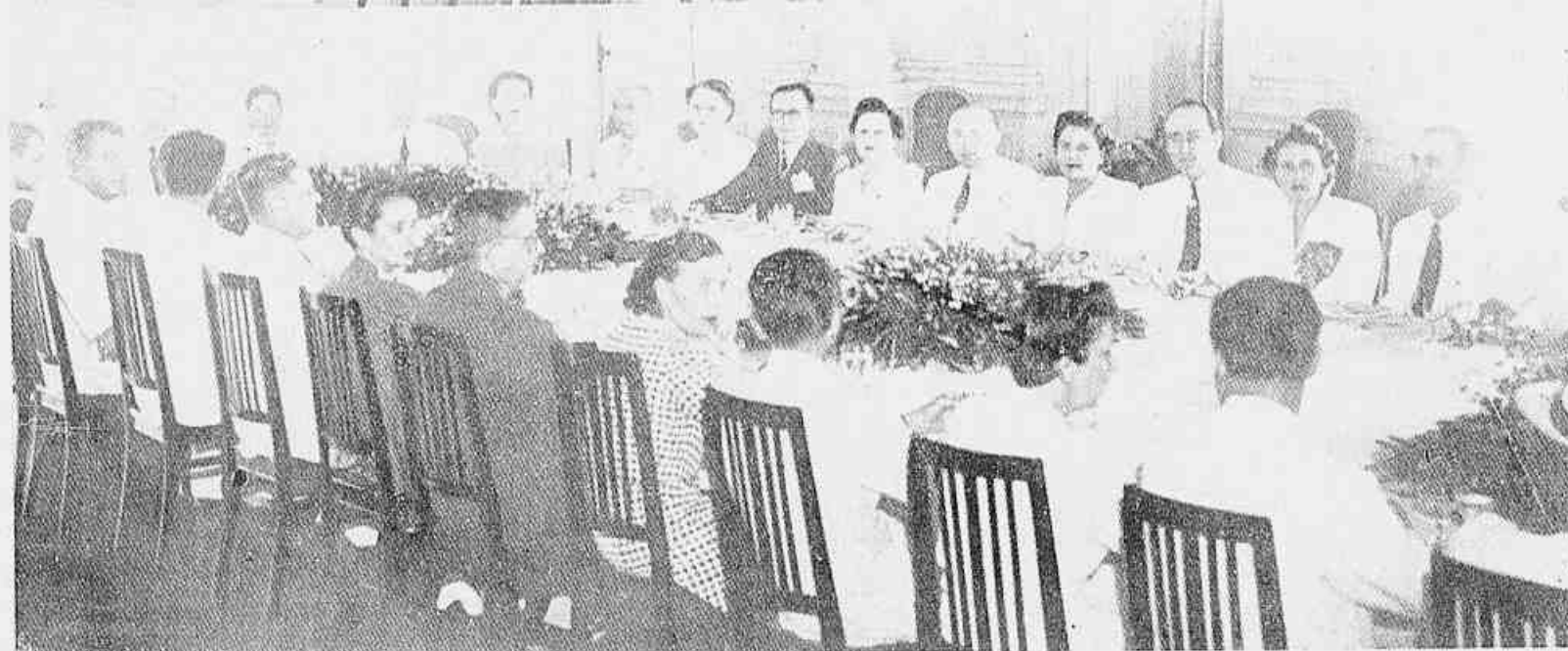
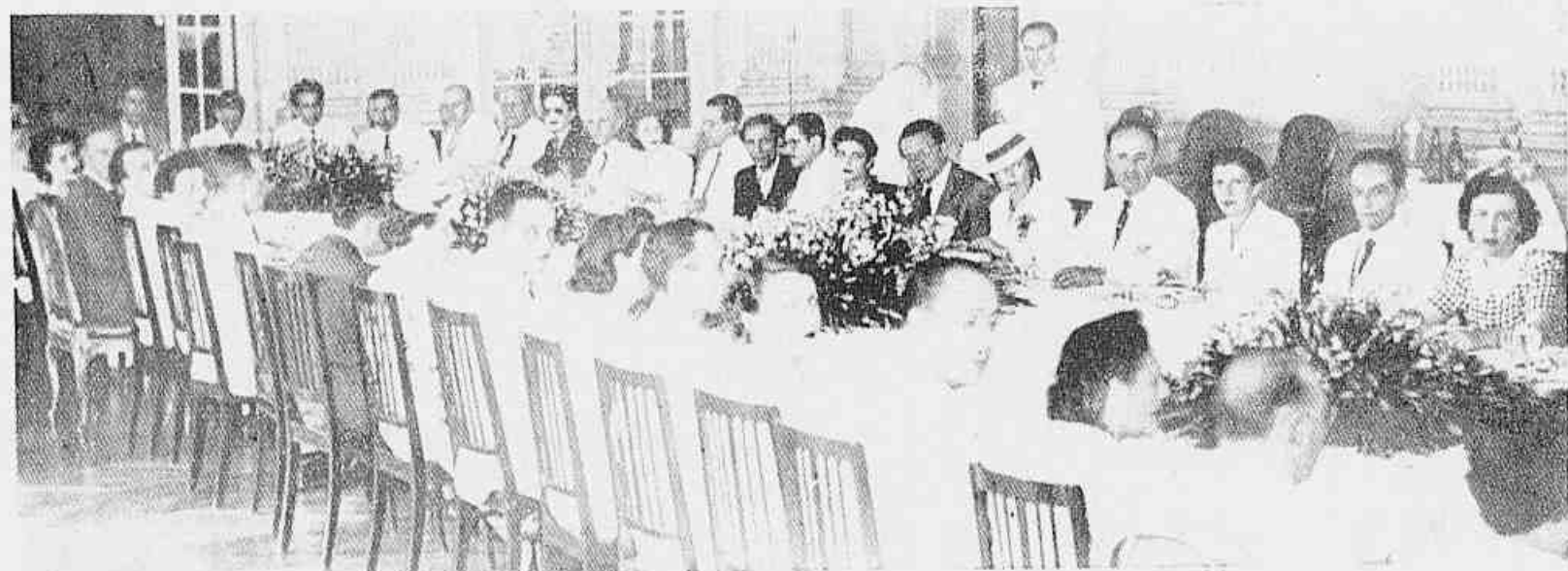
R



O MONUMENTO A TIRADENTES NO RIO DE JANEIRO.

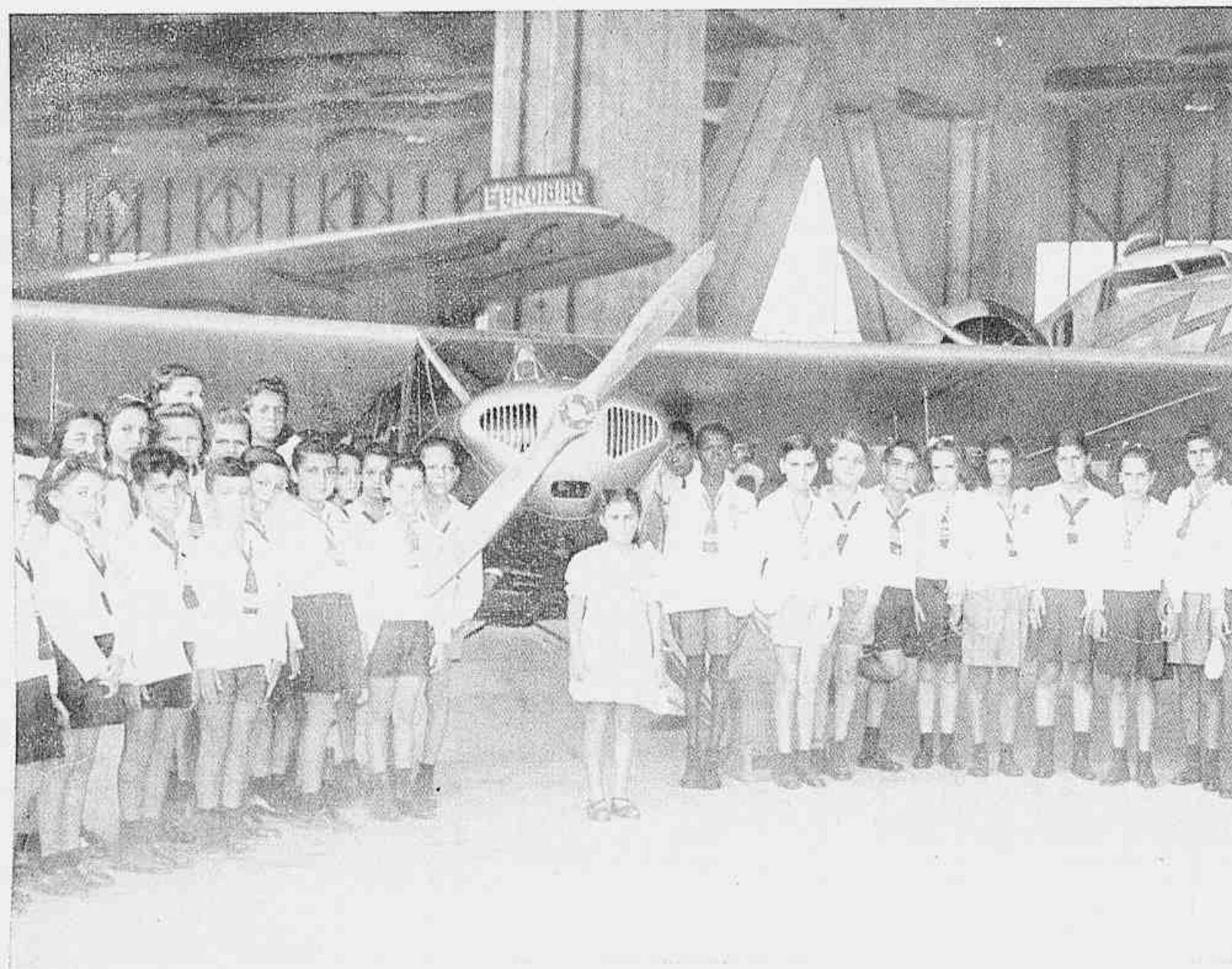


# O batismo do "Prudente de Moraes"



Flagrantes apanhados no Jockey Clube, após a cerimonia do batismo, durante o almoço que o dr. Drault Ernany, diretor do Banco do Distrito Federal, ofereceu aos srs. Pedro Alseio, Morganti e exmas. senhoras, achando-se presentes o Ministro da Aeronautica, outras autoridades e pessoas gradas.

O Aero-club de Patos, cidade do sertão da Paraíba, foi contemplado com um avião de treinamento doado pela família Morganti, e que tomou o nome de "Prudente de Moraes". A cerimonia de entrega desse aparelho teve a presença do ministro da Aeronautica, D. Moisés Coelho, arcebispo da Paraíba, o general Meira de Vasconcelos, os srs. Pedro Alseio, Pedro Morganti, Alcides Carneiro, e outras pessoas gradas, escolares, etc. Os flagrantes fixados nesta página reproduzem instantes da solenidade do batismo do "Prudente de Moraes", e do almoço com que foi comemorado o grato acontecimento.



Alunos da "Escola Prudente de Moraes" formados em frente ao avião doado pela família Morganti à cidade de Patos. No centro, vê-se a pequena Myriam, filha do casal Drault Ernany.



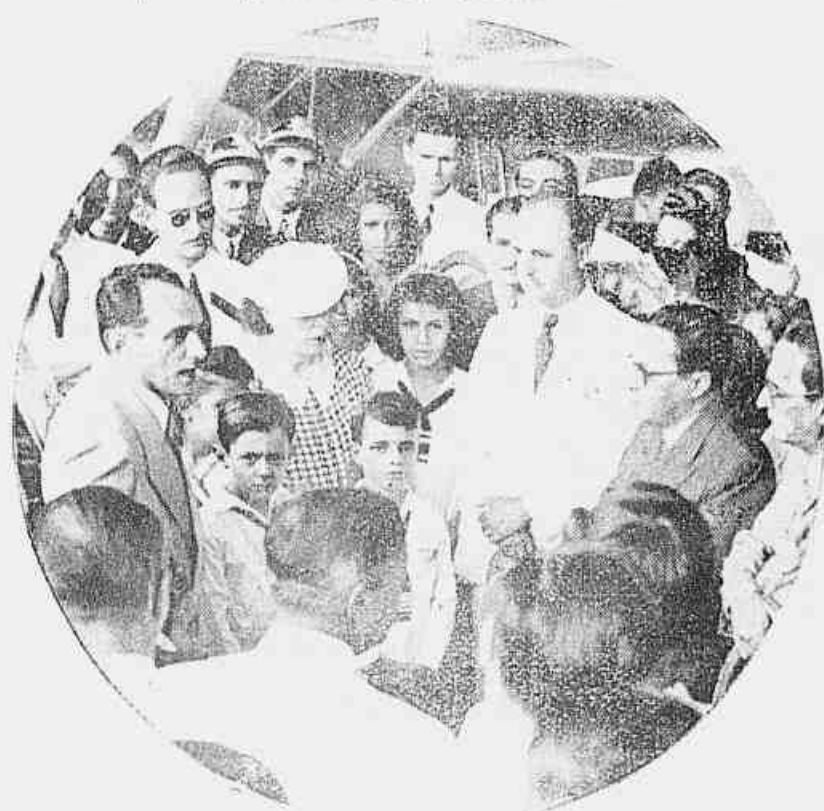
O sr. Pedro Morganti falando, em nome dos doadores do aparelho, durante a solenidade.



Quando o dr. Assis Chateaubriand prendia a atenção dos presentes lendo seu interessante discurso em nome da Campanha Nacional da Aviação.



O sr. Pedro Aleixo, padrinho do avião, quando proferia seu importante discurso.



O dr. Alcides Carneiro, em brilhante improviso, agradece em nome do Prefeito e do Aero clube da cidade de Patos.



Minha Senhora:

Não! Não é falsa a notícia que os jornais publicaram a respeito de um refrião adotado, como política de tempo de guerra, pela National Farm & Garden Association dos Estados Unidos. Mude o seu jardim e coma-o! é o lema da «nova ordem» que os Gengis Khans de hoje querem impôr ao Mundo. A flor é uma escrescência num momento em que morrem á fome centenas de milhares de homens. O jardim, como a biblioteca, como a discoteca, é um enfeite dos tempos pacíficos em que é grato ao Homem aspirar o perfume de uma flor, penetrar a profundidade de um raciocínio, sentir o infinito de uma melodia... As artes — como já o dissera Herbert Spencer — são "flores da Civilização". Ora, onde não há jardins quietos, como poderão desabrochar flores viçosas e rescentes?...

Repugna a V. Ex., como a todas as almas sensíveis, a idéia de comer o seu jardim... Talvez o faça com os olhos, metaforicamente, como convem aos espíritos versados nas figuras literárias — que servem a embelezar a frase assim como os jardins aformoseiam a casa... Mas o que a sociedade rural americana aconselha é que os yankees plantem legumes em vez de rosas, nabos em lugar de violetas, cenouras rubicundas ao invés de pálidas assucenas... O quiabo, a alface, a abóbora são mais uteis, nesta hora triste da humanidade, do que toda a formosíssima família das flores, que a deusa Primavera faz vicejar com o sopro de sua boca fecunda... Se a Guerra destrói templos mais velhos que a civilização cristã e monumentos que veem das eras bíblicas dos reis David e Salomão, como há de respeitar a fragilidade das flores, suspiros da terra, emanções fragrantas da alma de Deus?... A cenoura, o espinafre, o tomate e outros nutritivos seres da família vegetal matam a fome aos donos do jardim e resolvem, providencialmente, o angustioso problema do abastecimento da retaguarda... E' certo que a abóbora é obesa como um comendador rico e que a couve é triste como uma Sexta-feira Santa — mas onde a Guerra trocou a beleza pela utilidade, a graça pelos mantimentos?...



## Os jardins de Marte

Atentai, senhora, em que todas as calamidades da História sacrificaram, antes de tudo, as mulheres formosas e as flores odorantes... Que aconteceu ás vilas romanas criadas pelos Petrônios de fina alma, quando os Bárbaros desceram dos países do Norte e as arrasaram com bruta inconsciência? Viram os seus jardins transformados em currais e as suas mulheres reduzidas á escravidão. As mais frageis edificações da Natureza (e as mais belas) são as presas diletas do barbudo Marte... Depois que passam os exércitos vitoriosos, as terras estão revolvidas e as almas dilaceradas... Tombam as rosas de seus galhos, decaem as mulheres da sua pureza... Expressões superiores da infinita capacidade artística da Natureza, cresta-lhes a face o sopro dos incêndios, rouba-lhes formosura o hálito das batalhas...

Que fazer para suprir a falta angustiante das camélias, a ausência dolorosa das gardênias?... Dí-lo a National Farm & Garden Association: "Chama-se bem a atenção para os efeitos decorativos que podem ser obtidos pela plantação de frutas e legumes ricos em vitaminas, juntamente com as flores decorativas. A couve-vermelha e o ruibarbo foram legumes recomendados como adicionais ao jardim decorativo".

Ouçá, minha senhora, a heresia anti-estética e monstruosa! O ruibarbo vermelho em vez do cravo aristocrático! A couve — para substituir o miosotis!

Aonde nos levarão as contingências da Guerra, as fatalidades do conflito intercontinental? Deveremos abolir a flor na lapela, o riso na boca, o ideal no pensamento?

Se o Mundo se torna bruto e utilitário, de que nos serviram seis mil anos de idade bíblica — ou 800 milhões de anos de evolução geológica?

Voltaremos, aí de nós! — ao período utilitário em que os homens saíam na antemanhã, em busca da caça para alimentar os filhos rudes e a mulher cabeluda... Armado da sua acha de madeira, o Adão do século XX habitará a caverna, onde não há sombra de Poesia nem vestígio de Romantismo. Tudo se resumirá no matar a Fome, motor sutil do Indivíduo, e no seciar o Amor — imposição feroz da Espécie...

E as sombras da barbaria de novo se adensarão sobre a Terra, e nada terá mudado desde a época do homem de Neanderthal — o primeiro que deixou, na terra, os vestígios do seu passo bruto e da sua fealdade simiesca...

♦ ♦ ♦

Os jardins refletem melhor o estado de civilização de um povo do que a sua literatura ou os seus monumentos. Os de Babilônia, que eram suspensos, segundo a tradição, constituíram uma das sete maravilhas do mundo antigo. Em Roma, as "vilas" eram floridas e revelavam, no primor do trato, a nobreza da gente... Os povos mais ilustres da História cultivaram as suas flores,

cuidaram dos seus canteiros, como se da sua alma cuidassem... Onde há um sábio ou um santo, aí está um roseiral... As ordens mais severas, como a dos Trapistas, eliminam a Mulher das proximidades do monastério, mas não dispensam a flor, não condenam o jardim... E' que a flor, como a Santidade, é uma exalação terrena de Deus, um hálito colorido da Eternidade... Eliminar os jardins é como apagar os nomes do Agiologio, riscar os santos dos altares... O Jardim é uma cidade de perfumes, onde decerto desfilam as almas dos mortos, as criaturas imateriais que passaram a outra Vida.

Onde há um jardim, aí está uma ressurreição... Porque a flor é a súpula da capacidade creadora da Terra, o sorriso dos minerais, a alma dos corpos simples que compõem o Universo... O jardim é o resumo colorido do Cosmos, assim como a música é a síntese sonora do Infinito...

A Guerra, que já matou tanta criança em flor, não poderia poupar as rosas, os jasmims e outras criaturas diletas de Deus. A idéia da juventude está encarnada nas flôres, assim como a da maturidade está fixa no tronco e a da família impressa nos ramos das arvores... Esgalhar é multiplicar-se, florir é renascer em outrem, frutificar é semear de novo... Eis o ciclo vegetal da Vida, a síntese florida da história da Creação...

Destruir flores para plantar legumes é despir a túnica do filósofo para envergá-la a pele do troglodita. E' recuar milhões de anos e remontar á infância da Humanidade. E' renunciar ao dever de pensar para garantir o direito de comer. E' dar ao estômago a preeminência que a Anatomia lhe negou. E' exilar Pascal para dar um trono a Pantagruel. E' queimar os livros de Platão para aumentar a glória de Epicuro... E' morrer para o espírito, afim de viver na Carne. E' afrontar o Evangelho para exaltar o armazém de comestíveis. E', enfim, despir-se o Homem dos atributos da divindade, para se aturar no oceano dos instintos...

Deus nos livre, senhora, de imitar o exemplo da sociedade americana. Cultivemos o nosso jardim, porque, através das flores que nele vicejam, louvamos melhor a Deus que com todos os salmos de Salomão e todas as loas de David...

Acreditei, senhora, no fervor com que vos beija as mãos fidalgas.

*FERREIRA*



## Uma viagem «nevada»

## New-york a Montreal

Por D. G. COIMBRA

Em Nova York chovia torrencialmente quando tomei o trem às 9 e meia na Estação Grand Central, aquela maravilhosa e enorme gare que assombra os turistas com o seu luxo, o seu movimento e a sua limpeza absoluta. Conheço-a há mais de vinte anos — tão bem conservada e tão asseada como no ano em que foi inaugurada. Uma conservação perfeita.

O trem partiu quasi repleto — carros de aço, modernos, com assentos forrados de veludo cinza claro, cadeiras separadas, inclináveis, como as dos barbeiros — soldados, paisanos e algumas freiras conversando baixinho e docemente em francês. Mal partiu o trem, marquei o meu lugar e fui ao carro dos fumantes provar mais um charuto do Brasil com que o Abelardo me obsequiou no Natal. No *fumoir* muita gente falando francês. Vê-se bem que o trem é para Montreal.

Vamos margeando o majestoso Hudson, largo, calmo, querendo esconder-se aqui



e ali sob uma camada grossa de gelo. Matas e florestas de quando em quando, mas todas despicas de folhagem — galhos e troncos escuros, nus, esperando a primavera para se esverdearem de novo.

Depois de passar os suburbios movimentados da grande cidade e ir além da sua enorme área, começamos a vêr neve amontoadada aqui, ali, adiante!... Continuamos margeando o rio; cidades e vilas já nossas conhecidas de longa data; finalmente chega a zona da neve. Agora sim, estamos com o chão todo alvo, bem branquinho — as margens do rio com muito gelo, as partes alagadas, todas bem geladas. De quando em vez avistamos as cabines de madeira dos pescadores de inverno, que furam o gelo, metem a linha e o anzol pelo orifício e, sentados e bem abrigados, aguardam a picada no anzol. Levam sandwiches, café numa garrafa thermos, revistas e livros e esperam o peixe incauto para alçá-lo pelo buraco do gelo, no proprio chão da cabine de taboas.

Terminado o charuto, fui ao carro restaurante, onde uns garçons amáveis e discretos nos serviram refeições por preços em dobro aos da cidade, mas muito boas, extraordinariamente boas.

As estradas de ferro aqui, em geral, possuem um serviço de alimentação super-fino. Há uma limpeza notável, neste país, que já por si é extremamente asseado.

Estava a deliciar-me com um pedaço de galinha (só carne branca) quando se sen-

taram à minha mesa uma senhora e uma moça, falando espanhol. Deixei correr a prosa até o segundo prato e perguntei-lhes para principiar a conversa se eram cubanas!

— Não senhor: somos venezuelanas. E o senhor, é americano?

— Não; sou brasileiro.

— Ah! quero muito ir ao Rio; tenho feito muitas viagens aos Estados Unidos — disse a moça, que aliás foi quem puxou o fio da conversa para o seu lado. Gosto daqui, mas não para residir.

— As senhoras vão a Montreal?

— Sim, vamos; e o senhor também?

E assim fomos falando toda a refeição. Terminado o almoço, puxou um maço de cigarros; acendi-lhe um e fomos depois para o nosso carro. Iam mudar o restaurante para botar outro no lugar. Até Troy o carro é de uma companhia; depois, para diante, continuamos no mesmo vagão, mas a linha é Delaware & Hudson. Questão de donos, mas não atrapalha em nada os viajantes dos carros de passageiros...

Perto de Troy avistei, junto da linha, um enorme armazem ou loja (*magasin*) que ocupa um enorme edificio de 8 andares, quasi no meio do mato, pois fica entre Albany e Troy, no campo, e que já conhecia de 1933. Aumentaram muito o edificio, com uma ala de um lado, quasi do mesmo tamanho da construção primitiva, que mesmo assim já era maior do que, por exemplo, o Gatt & Chaves de Buenos Aires, para não fazer comparação com as lojas do Rio e S. Paulo.

Neve por todos os lados. Tudo branco! Lá fora não faz muito frio para quem anda agasalhado...

Pelas quatro da tarde entraram mais soldados no trem. Uma rapaziada alegre, jovial, moça e barulhenta. Deixei o meu lugar e fui fumar no corredor do carro, pelo lado de fora, perto da sanfona que liga um vagão a outro. Outro grupo de soldados... Começamos a conversar. Moços de toda parte, de Alabama, com o sotaque vagaroso do sul; de Maryland, Nova York, Novo Mexico; havia até um de Chicago, a quem os outros gostavam de dirigir piadas sobre metralhadoras, *gangsters* e outras notáveis coisas da grande cidade.

Como tinham muita sede de bebidas e o *whisky* estava "lá no outro carro", lembrei-me que levava na mala uma garrafa de excelente clarete chileno, coisa muito agradável.

— Se vocês me arranjam uma saca-rolhas, resolveremos o problema da seca, pois tenho uma garrafa de vinho do Chile.

— Traga a garrafa — disse-me um que entendia profundamente do assunto — se ela estiver cheia eu abro sem nada, batendo com a mão pelo fundo e com o gargalo para baixo.

Meio em duvida fui buscar o chileno e com uma duzia de petelecos fortes no fun-



do da garrafa a rolha foi saindo aos poucos, e depois com a mão mesmo foi retirada intacta!

Destampada a garrafa, apanhamos os copinhos gratis de papel que há em todos os carros e meia duzia de soldados e eu matámos a sede. Fiquei ao mesmo tempo sabendo que não há garrafa de rolha que agüente umas pancadas secas com a mão, dadas pelos fundos, com a boca para baixo... E' batatal...

Já estava escurecendo e caindo muita neve, uma verdadeira tempestade, quando vieram os guardas da imigração e da Alfandega. Examinavam os passageiros e os papéis com rapidez. Chegando a vez das duas freiras, *encrencaram*, porque as mesmas não possuíam documentos válidos para ausentar-se. Em meio da tempestade de neve fizeram-nas, com todo respeito, delicadeza e calma, retirar-se do trem, para passarem a noite ali, ou arranjar os papeis em ordem... ou voltarem a Nova York! Não protestaram; falaram baixinho, docemente, entre si, e lá foram para a estação, no meio da neve grossa que caía.

Quando o guarda da Alfandega me perguntou se tinha alguma coisa a

## REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

## ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.  
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

## ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.  
Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;  
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —





declarar, avisei-lhe que levava uma maquina de escrever, nova, para o consul do Brasil.

— E por que ele não mandou pedir diretamente da fabrica?

— Porque eu lhe arranjei preço mais baixo. Quer vêr a carta do Consul?...

— Fui buscá-la...

— Ah! Isto aqui está em português!

— Sim, mas espie aqui a marca da maquina!... Está vendo? E' a tal que estou levando. Tem teclado português...

Bem, de qualquer modo, se ela ficar na Estação em Montreal, ele irá buscá-la livre de direitos e terá ainda o incômodo!

— Está bem, pode passá-la! E na sua mala, há alguma cousa?

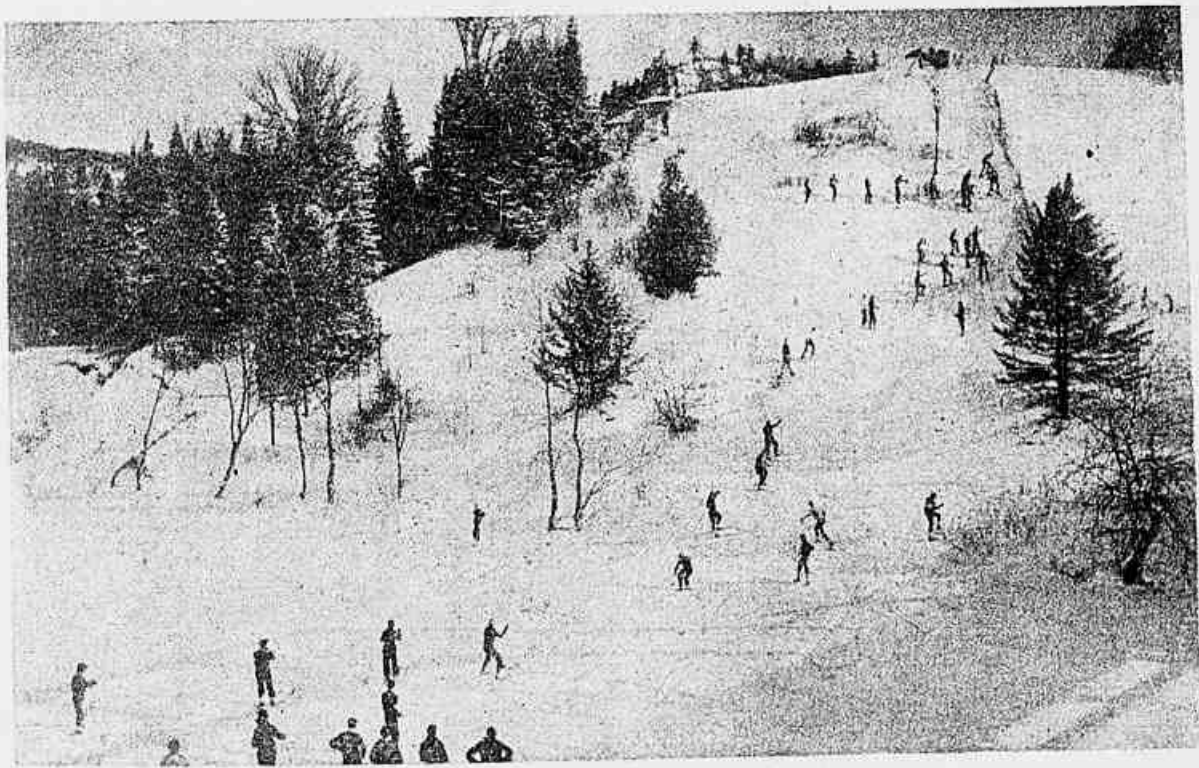
— Não. Nada que pague direitos! Quer vê-la?

— Não, não precisa. Até logo!...

O trem andando, não se perdeu um minuto. O serviço é feito quando nos aproximamos de Montreal. Se houvesse algum direito a pagar, o serviço seria terminado na Estação, rapido, comodo, pratico, sem selos, requerimentos nem estampilhas.

O conferente aduaneiro é um homem de boa memoria. Quando terminou o seu serviço foi procurar-me e perguntou se eu era o mesmo que havia escrito umas noticias em "La Presse" sobre o Brasil. Que havia lido o meu artigo (que, aliás, foi traduzido de "The Montreal Gazette") e tinha gostado muito. Cumprimentei-o pela excelente memoria, pois o artigo fôra publicado há mais de um mês.

Ao vêr na Estação um grupo numeroso de freiras, lembrei-me imediatamente do



que acontecera no caminho. Dirigi-me ao agrupamento e, tirando o chapéu, perguntei respeitosamente se estavam aguardando duas freiras?!...

— Sim, estamos, senhor!...

— Na fronteira desembarcaram duas.

E contei-lhes o acontecido!

— Ah! Que pena! Que pena! E' a nossa Madre Superiora!

Fizeram-me mais varias perguntas e partiram bem tristes! Eu imagino como aqueles bons corações devem ter ficado aborrecidos com o incidente.

Felizmente tive a lembrança de comunicar-lhes o fato. Assim não ficaram mais na duvida.

A's 7 e 20, pontualmente, mesmo com a tempestade de neve, chegámos a Montreal.

Dois palmos de neve pelas ruas, pelas calçadas, por toda parte; neve nos sapatos, nas polainas, nas calças e nas meias. Fui ao "Queens Hotel". Cheio. Nem um quarto! Fiquei surpreso. Telefonei. O Ford, nada! Mount Royal, Ritz Carlston, uma lista de hotéis — tudo cheio!...

## Mocinhas e Mulheres

*As congestões e inflamações de certos órgãos internos*



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

Já estava pensando em ir à A. C. M. Deixei a mala guardada, mandei a maquina ao Consul num taxi, para não andar carregando-a para cá e para lá, e saí. Neve que não acabava mais! Cai, cai em flocos brancos, tão bonitinhos no cinema e quando se vêem através do vidro da janela de um quarto bem aquecido! Fui a um, perto da Estação.

— Não senhor; está tudo cheio, até ao telhado!

Continuei o passeio. Agora já não me incomodava mais a apparencia; estava disposto a dormir no primeiro hotel.

— Pronto! Tenho! Custa 4 dólares. Só tenho quarto de casal, com chuveiro.

— Está bem.

Puxei os quatro e entreguei, em francês, ao homem, dizendo-lhe que iria buscar a mala na Estação ao lado. Voltei, fui para o quarto. Numero 8. Bem bomzinho; bem limpo; nada de luxo. O braço da cadeira ficou na minha mão quando a puxei, mas não fazia mal... Já estou abrigado da neve. E' este um daqueles hoteisinhos que há em todas as cidades do mundo, pertinho das Estações. No Rio este homem teria agenciador com boné na cabeça esperando o "matuto". Ninguém sabe como estes hoteis vivem em tempos normais, mas muita gente desconfia...

Depois de deixar a mala no Hotel, e lavar o rosto, saí para jantar. Quasi dez horas. Muita fome.

Fui procurar o homem que tem o restaurante RIO. Lá estava. Ficou alegre em vêr-me; perguntou-me por onde tinha andado. Preparou 2 ovos, presunto, batata frita, torta de maçã, café. Acendi um charuto. Tudo por 60 centavos! Conversámos um pouco. Depois, em meio da mesmissima tempestade, fui à rua dar um giro. Cai neve. O sobretudo, o chapéu, tudo branco! Passa um pesado bonde com um aparelho forte e barulhento, uma serie de vassouras que mandam a neve para fora dos trilhos e do caminho. Lá vai o limpador de neve!

Entro num restaurante para descansar, *desnevar* e tomar uma chicara de café com leite (10 centavos). Ando em direção ao hotel e, por engano, vou ao quarto 17, do 3.º andar, com a mesmissima chave do n.º 8 (2.º). Só estranhei, porque encontrei a cama desfeita, uma bolsa de senhora na mesinha, sapatos, roupas e uma maleta.

Como entrei, saí. Não vi ninguém. Ninguém me viu. Felizmente! Não gostei muito desse negocio de chave que abre o 8 e o 17 da mesma maneira... Estou desconfiado de que qualquer chave aqui abre qualquer porta... Felizmente, temos o trinco por dentro. Não é lá muito forte, mas serve.

Lá fora continua nevando, nevando...



# OUTROS RIRAM...



— Caro amigo, soube que morreu seu irmão.  
— Não foi meu irmão, foi minha esposa.  
— Não faz mal. Queira aceitar os meus sinceros pesames.



— E' verdade que sua esposa mandou vir todos os vestidos de Nova York?  
— E' verdade. Aqui já ninguém nos fia...



— Que tal você achou o sermão do padre Xavier sobre a caridade?  
— Explendido! Fiquei até com vontade de ir pedir esmola.

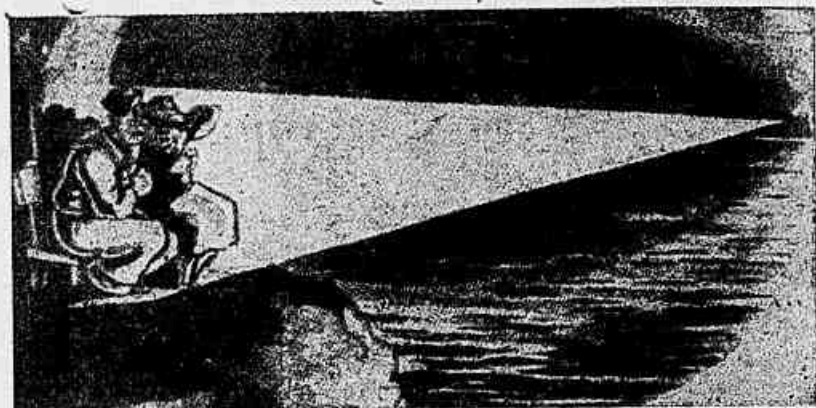


— Se gosta de ler, porque não compra jornais?  
— O seu me bastaria, se o senhor ficasse quieto algum tempo.

## PENSAMENTO

Modere sempre os arrebatamentos de entusiasmo ou de reprovção para depois não se envergonhar das demonstrações excessivas ou intempestivas.

Renato Kehl.



— Veja. Que atrevimento!



## PROTEJA ESSES

*belos Dentes*

Quem não invejaria esses dentes admiráveis, sadios e brilhantes? Quem, possuindo-os, não estaria disposto a fazer tudo que é necessário para os proteger?

Cuide de que seu regime alimentar contenha os elementos apropriados para a nutrição dos dentes e dos ossos. Procure seu dentista, cada seis meses, para um exame. Enquanto isso, complete em casa estes cuidados científicos, escovando seus dentes com o Creme Dental Squibb.

Possue um sabor delicioso e deixa uma sensação de agradável frescura após seu uso. Também contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com a acidez bacteriana da boca, ajuda a neutralizá-la. Mais de 100 rigorosas provas asseguram a pureza do Creme Dental Squibb. Experimente um tubo — hoje mesmo.

### ESCÔVA ANGLE SQUIBB

cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



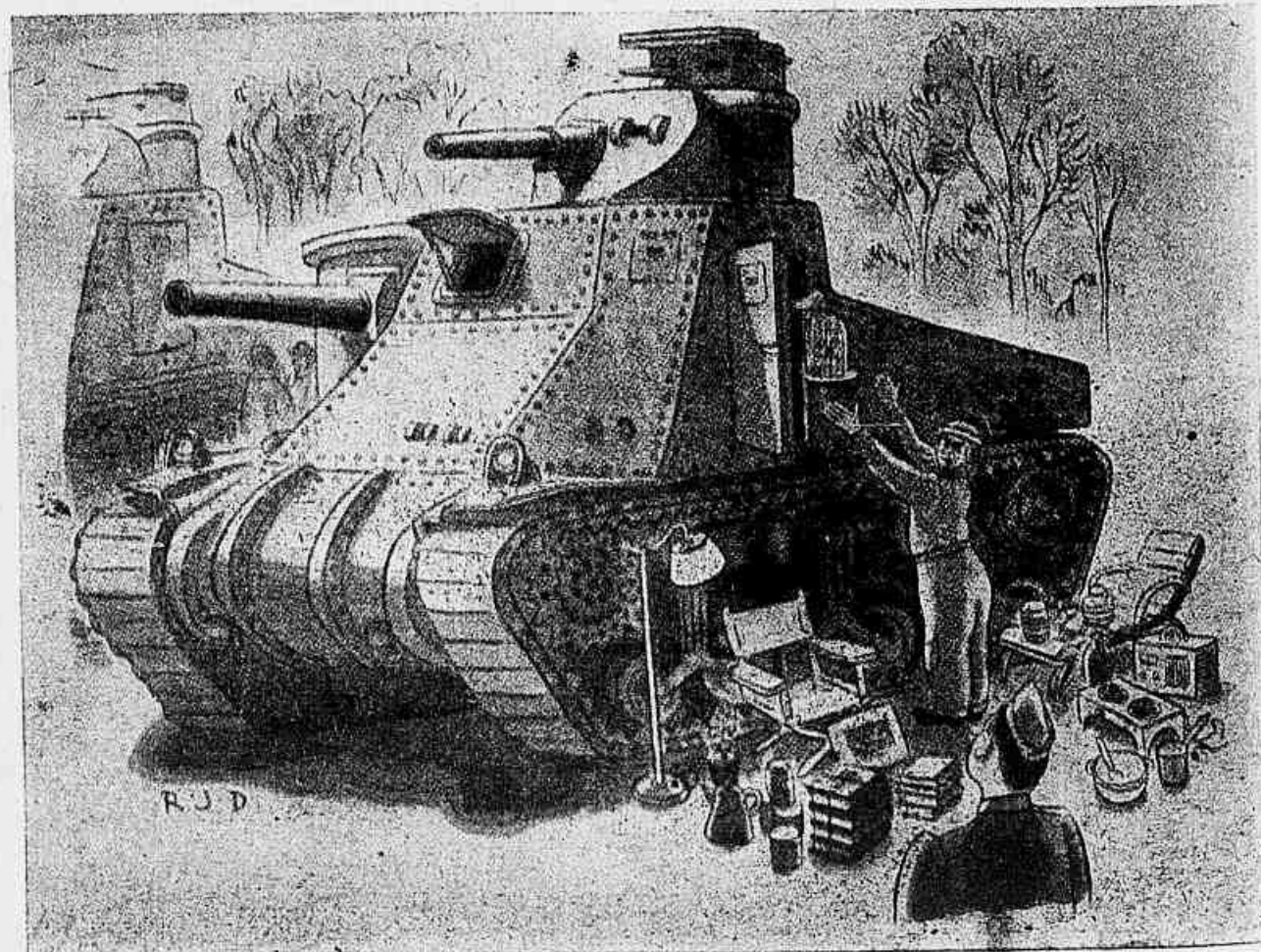
431



**Creme Dental SQUIBB**  
...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO



Aproveite a oportunidade, senhor!



Chegamos há pouco, e já nos transferem para a defesa anti-aérea.



# Santos e Efemérides da Semana

ABRIL

**25 São Marcos.** — São Marcos, discípulo e interprete de São Pedro, escreveu seu evangelho a pedido dos fiéis de Roma e segundo os dados que tinha do próprio São Pedro. Foi pregar o Evangelho na Cirenaica e no Egito, onde fundou, em 52, a Igreja de Alexandria. Em 68, foi martirizado no dia da Pascoa. Padroeiro da cidade de Veneza, é sempre representado na companhia de um leão.

— **Venerável Osana.** — Jovem pastora, retirou-se ao sair da infância para uma cabana para aí levar uma vida de anacoreta, e morreu em 1565, aos oitenta anos, após uma vida cheia de virtudes e penitências.

— Nasce no Rio de Janeiro Luiz Gonçalves dos Santos, padre, o "Perereca", autor das "Memórias históricas do Brasil" (1767). — Embarca para a Europa D. João VI, cuja partida se realizou no dia seguinte (1821). — Falece em São Paulo João da Costa Ferreira, brigadeiro (1822). — Falece o senador Almeida Torres, visconde de Macaé, um dos chefes do Partido Liberal (1850). — Falece no Rio de Janeiro Alvares de Azevedo, natural de São Paulo, poeta, prosador, patrono da cadeira n.º 2 da Academia Brasileira (1852). — Falece no Rio José Joaquim de Lima e Silva, marechal de campo (1821).

**26 São Riquier.** — Pobre lavrador que se consagrou a Deus por intervenção de dois padres irlandeses. Tendo estudado a ciência dos santos na Inglaterra, foi ordenado padre. Dagoberto, que o tinha em grande estima, fez-lhe ricos presentes, de que ele fez uso para exercer a caridade e fundar um convento. Morreu em 645, aproximadamente.

— **Santa Esperança.** — Virgem da diocese de Troyes, morta em 380, cujo corpo estava conservado na igreja de São Frodoberto.

— E' celebrada por frei Henrique de Coimbra a primeira missa no Brasil, no ilhéu da Corôa-Vermelha (1500). — Inicia-se o governo do príncipe regente D. Pedro (1821). — Falece em Lisboa João Francisco Lisboa, natural do Maranhão, jornalista, historiador, patrono da cadeira 18 da Academia Brasileira (1863).

**27 Santo Anímo.** — Quando bispo de Nicomédia, seu zelo pela religião o apontou à colera do imperador. Concitado em vão a renegar a fé, teve a cabeça cortada no próprio lugar do seu apostolado, em 303, no decurso da terrível perseguição do imperador Diocleciano.

— **Santa Zila.** — Nasceu em 1211, filha de pobres camponeses do território de Lucques. Aos doze anos entrou para o serviço de um habitante da cidade. Foi nessa modesta condição que decorreu toda a sua vida. Nunca deixou de ser um modelo de caridade e de virtudes cristãs.

— Nasce na Bahia o notável naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1756). — Nasce Luiz Teles da Silva Caminha e Menezes, marquês de Alegrete, tenente-general (1775). — Falece no Rio o pintor fluminense Manuel da Cunha (1809). — Nasce no Recife Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, medico, político, poeta, diplomata, patrono da cadeira 27 da Academia Brasileira (1804). — Falece repentinamente à frente da cavalaria imperial no Passo do Azeredo, perto de Porto Alegre, o general Bonifácio Isas Calderón (1840).

**28 São Vital.** — Foi um dos primeiros cristãos de Milão. Era pai dos santos Gervasio e Protasio. No decorrer de uma viagem a Ravena, foi martirizado e morto, em 62. Sua esposa, Santa Valéria, foi massacrada por camponeses, ao voltar de Milão.

— **Santa Valéria.** — Mulher de São Vital, padroeiro de Ravena. Foi morta por camponeses, quando de uma viagem a Milão, por se ter recusado a tomar parte numa festa pagã e sacrificar aos falsos deuses. Sofreu o martírio com a maior coragem.

— **Santa Teodora.** — Virgem, presa, por causa de sua fé, em Alexandria, exposta num lugar infame, e martirizada com São Didimo, que queria salvá-la, em 304.

— Nasce em Palmital de Saquarema (E. do Rio) Alberto de Oliveira, poeta, professor, da Academia Brasileira (1857). — Falece na Bahia o poeta e jornalista Constantino do Amaral Tavares (1889).

**29 São Pedro de Verona.** — Discípulo de S. Domingos, foi nomeado inquisidor geral em 1252 pelo papa Gregório IX. Morreu assassinado vinte anos depois, no decurso de uma das suas viagens, em 6 de Abril de 1252, na estrada de Como a Milão, por instigação dos inimigos que o seu zelo ardente pela fé havia feito por toda parte e em grande numero.

— **São Roberto.** — Nasceu em 1024, em Champagne, Abade de São-Miguel de Tonnerre, passou pelos anacoretas de Colan, que transportou para Molesmes. Desligou-se depois para fundar os Cistercienses, e regressou para terminar sua vida em Molesmes, em 1098.

— **Santa Antonia.** — Virgem da Numidia, que deu hospitalidade a Agapê e seus companheiros e foi morta com eles, no século III.

— Nasce em S. Bernardo, no Ceará, Manuel Eliário de Castro Menezes, ministro do Supremo Tribunal (1815). — Chega ao Rio, por haver terminado a guerra do Paraguai, o marechal Conde d'Eu (1870). — Nasce em Paty do Alferes (E. do Rio) Osório Duque Estrada, professor, jornalista, poeta, critico, teatrologo da Academia Brasileira (1870). — Falece na Bahia Antonio de Cerqueira Lima, ministro do Supremo Tribunal (1869).

**30 São Maximo.** — Negociante de profissão e cidadão de Efeso. Foi levado como cristão à presença de Otimo, proconsul da Asia. Recusando-se a sacrificar aos idolos, foi condenado a ser lapidado, em 250.

— **Santa Catarina de Sena.** — Nasceu em Sena em 1347. Era filha de um rico tintureiro chamado Benincasso. Com a idade de vinte e nove anos, entrou para a instituição das Irmãs de São Domingos; teve aí revelações que lhe deram logo uma grande celebridade, e aí compôs escritos que foram muito apreciados. A conselho seu, o papa Gregório XI consentiu em voltar de Avinhão para Roma. Morreu nesta ultima cidade em 1380, extenuada pelo jejum e pelas penitências.

— E' assinada na Bahia a capitulação dos holandeses (1625). — Inaugura-se a Estrada de Ferro de Mauá, primeira construída no Brasil, devida à iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, que então recebeu o titulo de barão e depois de Visconde de Mauá (1854).

MAIO

**1 São Filipe.** — Nasceu em Betsaida, na Galileia. Foi um dos primeiros chamados por Jesus, do qual foi um dos doze apóstolos, e ao qual acompanhou até

ao Jardim das Oliveiras. Após a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, no dia de Pentecostes, partiu como os outros, e foi pregar o Evangelho na Frigia, onde morreu, aproximadamente, no ano 80, em idade muito avançada.

— **Santa Grata.** — Piedosa mulher de Lombardia, que converteu os pais e o marido. Enviuvando, dedicou-se à pratica da caridade, e morreu em 305 mais ou menos.

— Cerimônia da posse da terra descoberta por Pedro Alvares Cabral e celebração da segunda missa no Brasil (1500). — E' desta data a celebre carta de Pero Vaz de Caminha, narrando o descobrimento do Brasil (1500). — Nasce em Mecejana (Ceará) José de Alencar, jurista, político, grande romancista, patrono da cadeira 23 da Academia Brasileira (1829). — Inaugura-se no Rio o Imperial Collegio de Pedro II (1838). — Falece no Rio Bernardo Pereira de Vasconcelos, grande estadista, natural de Minas Gerais (1850). — Assina-se em Buenos Aires o tratado de aliança entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai contra o ditador do Paraguai (1865).

Cada 5 destas lâmpadas podem proporcionar **GRATIS** a luz de mais uma!

● Cinco lâmpadas Edison Mazda G. E. valem por 6 lâmpadas comuns, pois, graças ao filamento **DUOSPIRAL**, dão até 20% mais de luz, sem aumento de despesa. Faça economia permanente, preferindo as lâmpadas Edison Mazda G. E.



Uma lâmpada de 100 watts junto à sua poltrona tornará repousante a leitura.



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.



A vista de seus filhos exige proteção: uma lâmpada de 150 watts no teto, uma de 100 para a mesa.



Junto à penteadeira duas lâmpadas de 40 watts permitirão maquiagem mais perfeita.

Lâmpadas  
**EDISON-MAZDA**  
GENERAL ELECTRIC



# Sofia Nappi

Conto napolitano  
de  
Salvatore di Giacomo

Junto à janela que dava para o pátio, a criadinha absorvia-se num trabalho de agulha. O sol passava-lhe e repassava-lhe pela face, o peito, as mãos avermelhadas que pouco antes tinham lavado as panelas, na cozinha. No peitoril da janela, entre um vaso de malva e os fascículos dum romance ilustrado, o gato, que ali se instalara a seu gosto, contemplava-a, piscando os olhos. Estava-se em Agosto; a temperatura pesava no parque silencioso; as horas da tarde arrastavam-se penosamente.

Subitamente, ergueu-se o som breve duma voz. A pequena levantou a cabeça; o gato ergueu-se também e arredondou o dorso, bocejando. A voz vinha do quarto da signorina Sofia e chamava a empregada:

— Emilia!

Houve um silencio. O gato desceu da janela. A pequena, com as mãos no peitoril, apurou o ouvido. E a voz, mais veemente agora, implorativa, repetiu:

— Emilia!

— Meu Deus do céu... suspirou a mocinha.

Dobrou o trabalho, depô-lo sobre os fascículos, perto do vaso de malva:

— Lá vou, lá vou!

O quarto de Sofia estava quase às escuras. Apenas uma tira de sol, escapando-se pela juntura da porta-janela da sacada que dava para a rua, ia cair junto da cama; tudo o mais era sombra.

— Signorina... disse a criada. — Onde está?

— Aquí, na cama... indicou a voz dolorosa. — Vem cá... Aproxima-te. — Do leito a que se atirara, revestida, Sofia agarrou, com a mão febril, o pulso da criada. — Escuta... Tu me queres bem? Compreende o que te pergunto. Queres-me bem, de verdade? Si eu precisar de ti, posso contar contigo? Responde, Emilia!

— Oh, signorina! balbuciou a empregada, como si tal pergunta, tal dúvida a ofendesse.

— Pois bem... Não custa nada. Leva esta carta ao sr. Henrique, na estação da estrada de ferro. Ele vai partir. Não te será difícil encontrá-lo.

Sofia voltou-se no leito e tirou a carta que estava debaixo do travesseiro; ao contacto do papel, as mãos de Emilia retraíram-se medrosamente... A ama, porém, segurou-as, com doçura, entre as suas, enfiou entre as duas palmas a carta e apertou-as de novo:

— Por que não queres? Tens medo? Não há razão para isso. Papai só chega logo à noite. Sei com toda a certeza. Então? Faz-me isso... E' um favor... uma caridade!

Pausa. Hesitante, a pequena continuava de olhos baixos e não respondia.

— Responde, Emilia! Não queres bem à tua ama? Não lhe queres bem? — E de repente, sacudindo-lhe com força o braço:

— Não me fazes isto? Pois vou eu mesma!

— Isso, não, signorina... choramingou Emilia. — Dê-me a carta...

A carta tinha caído junto ao leito, sobre os sapatos de verniz com os quais o gato estava brincando. A criadinha apanhou-a, suspirando:

— E que é que eu lhe digo?

— Que quero a resposta ao que lhe escrevi. E... si for verdade.

— Si for verdade...

— O que se diz.

— Que a signorina quer a resposta ao que escreveu, si for verdade o que se diz.

— Isso mesmo. Vai, Emilia, vai.

— E si o patrão voltar?

— Não volta antes da noite, já te disse! Vai!

— Levo a chave da casa?

— Pois sim. Mas vai! Lembra-te bem? Quando ele for partir. Chama-o de parte. E volta depressa!

Ao passar defronte da janela onde estivera trabalhando, Emilia avisou do outro lado do pátio estreito, a professora pública Marangi, que escrevia a uma mesa e de vez em quando sugava o dedo medio da mão direita, enegrecido de tinta.

— Signorina Marangi... chamou a empregada. — Vou aviar um recado. A signorina Sofia fica sozinha. Quería me fazer o favor de olhar de vez em quando para o lado de cá, a ver si há novidade?

A professora ergueu levemente a cabeça:

— Está bem.

Emilia desceu a escada. Havia tal silencio no prédio que a sra. Marangi ouviu distintamente a voz da criadinha recomendando em baixo ao porteiro:

— Don Angiolo, si alguém procurar, faça favor de dizer que não estamos em casa. Vou comprar uma carta de agulhas e já volto.

A professora depôs por um momento a caneta e suspirou profundamente. Sentia-se cansada de emendar tantos temas de alunas e ainda faltava um maço enorme...

— Paciencia! murmurou ela, esfregando os olhos com os dedos.

Como um eco, mas em tom diferente, quase sarcástico:

— Paciencia...

— Ah, Sofia, és tu?

— Que estás fazendo, Laura?

A professora Marangi sorriu melancolicamente e com os olhos indicou a papelada em cima da mesa:

— Como vês. Escrevendo. Emendando os temas dos alunos. — Pausa. Olharam-se pensativa, tristemente: — E tu, que fazes?

— Nada.

— Nada... Não é verdade. Tu sofres, Sofia. Sofres, que eu bem sei...

E o tom de voz da professora era doce, compadecido como os seus olhos azues.

A sra. Marangi deixou o trabalho, veio até à janela. Apoiou as mãos no peitoril. E gravemente, com a voz um tanto velada pela comoção, murmurou:

— Escuta, Sofia, deixa esse homem. Pensa em ti... Pensa em ti... Não é digno da tua bondade, da nobreza dos teus sentimentos. Si o não deixares, ele te deixará. E' triste, bem sei, mas... Ouve o que te diz a tua amiga, Sofia!

Sofia Nappi tremia. Tremendo, as suas mãos pálidas amarfanhavam os fascículos do romance, o novelo e o trabalho que a pequena deixara no peitoril:

— Si ele fizer isso... Tu verás, Laura, tu verás!

A Marangi meneou condoidamente a cabeça. Falavam ambas baixinho, mas, tal era o silencio, que as vozes chegavam distintamente duma janela à outra.

Sofia contemplava a amiga. E de repente, com os olhos cheios de lágrimas, exclamou:

— Como te invejo, Laura!

— Não digas isso, filha!

— Não tens coração para certas coisas, Laura. Não amaste nunca!

— Oh, Sofia... balbuciou a professora, com o coração a transbordar de recordações e de queixumes.

Curvou a cabeça, sentiu-se fraquear. Procurou a quina da mesa, ali se apoiou, quase a desfalecer. Quando reabriu os olhos para a janela fronteira, Sofia tinha desaparecido. A professora deu lentamente volta à mesa, reocupou o seu lugar, retomou a caneta, olhou os temas das alunas... Duas, três vezes molhou a pena, pegou num dos temas, sem o tirar donde estava. Inclinou a cabeça para o braço que dobrara sobre a mesa e escondeu nele o rosto amargurado...

Emilia voltava de fora. Ouviam-se-lhe os sapatos grossos subindo a escada. Depois a porta do apartamento dos Nappi abriu-se e fechou-se, com dois ruidos secos. A professora não levantou a cabeça, não se moveu. Chorava sobre o braço dobrado, chorava baixinho, mas tão doloridamente...

De repente, sacudiu-a um grito de aflição. Da outra janela, a criadinha a chamava, fazendo gestos desesperados.

— Emilia! gritou a professora.

— Atirou-se da sacada! A signorina atirou-se da sacada! Oh, meu Deus do céu! Foi a resposta daquele homem...

A Marangi tapou o rosto com as mãos, levantou-se, caiu de novo na cadeira, soluçando:

— Sofia! Nossa Senhora!

Desvairada, Emilia continuava a gritar:

— Da sacada! Atirou-se da sacada!

Conseguindo finalmente mover-se, a Marangi abriu a porta, arremessou-se para a escada. Outras portas se abriam, batiam. Ouviam-se vozes confusas, passos se precipitavam pelos degraus abaixo... E já até às janelas subia um sussurro da rua emocionada.

O rumor crescia rapidamente. Chegavam curiosos de todos os lados. Das janelas inquilinos perguntavam:

— Morreu? Está morta?

Ouviu-se a campainha amarrada à sacada do primeiro andar, onde surgiu, abotoando a sotaina, o pároco de Santa Maria do Refugio, que ali morava há um ano.

Depressa! gritou o porteiro que tocara a campainha. — A Extrema Unção! Desça depressa!

O sacerdote desceu os degraus sem chapéu, com o livro de missa na mão direita, murmurando já uma oração. Saiu do pátio para a rua, correndo. E logo depois formava-se um silencio profundo.



## UMA VELHA IDEIA

London 24<sup>th</sup> January 1880

A black and white portrait of a man with glasses and a mustache, wearing a suit and tie. The image is a high-contrast, grainy photograph, possibly a photocopy or a stylized print. The man has dark hair, wears round-rimmed glasses, and has a prominent mustache. He is dressed in a dark suit jacket over a light-colored shirt and a dark tie. The background is dark and indistinct.

INF. E PEDIDOS — RUA SOUZA DANTAS, 23 — RIO

FERNANDO DE LESSEPS

LESSEPS

SUEZ EM RELAÇÃO  
A' GUERRA DE  
HOJE



**IN**

Quem usa dentes

SE USA  
DENTADURA  
liberte-se do  
COMPLEXO DE  
INFERIORIDADE!

Quem usa dentes postiços, pensa que todo o mundo o nota. Mas só as dentaduras mal cuidadas chamam atenção pelo aspecto e mau hálito. Se usar dentadura em perfeito estado de limpeza, nada tem a recear. Use o Pó Hamilton e evite quebrar ou desgastar a dentadura com a escova, prejudicando a sua perfeita adaptação. Pó Hamilton é seguro. Não contém ácidos nem substâncias abrasivas. Uma solução de Pó Hamilton, durante 15 minutos ou enquanto dorme, assegura seu bem-estar.

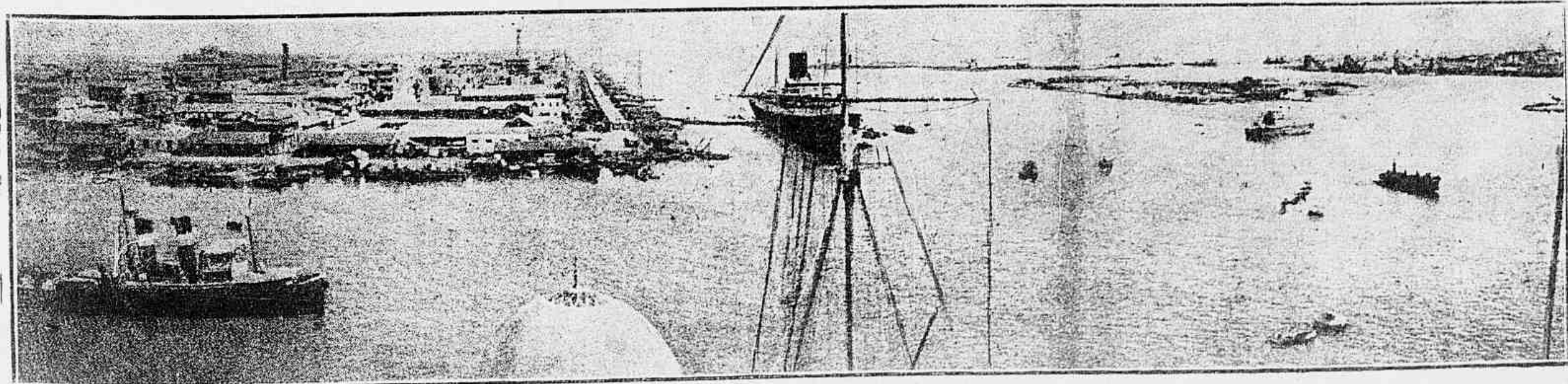
# PÓ HAMILTON

Em todas as farmácias, drogarias, perfumarias e depósitos dentários. — Distribuidor: PROFAR LTDA. - Rio — Caixa Postal, 61 — Preço pelo Correio: 13\$000

**NÃO** ESCOVE SUA DENTADURA!



**ESTERILIZE-A!**



Port Said — Estação terminal da Europa no Éste.



## DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000



### Impossível dormir!

Qual a causa dessa terrível insônia que a aflige? Preocupações morais? Motivos de ordem física? Sejam quais forem as causas da insônia, esta encontrará remédio seguro em um ou dois comprimidos de ADALINA de Bayer.

ADALINA é um calmante inofensivo, de acção suave sobre o sistema nervoso; combate a insônia, permitindo um sono tranquilo e reparador, bem como um despertar natural.

**ADALINA**  
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS  
SUAVE E INOFENSIVO

**CABELLOS BRANCOS**

**CASPA**  
Queda dos Cabellos

**JUVENTUDE ALEXANDRE**

## CONFLAGRAÇÕES...



- Quero vêr quem ri no fim da festa  
- Eu... rio amarelo



- Ora essa! Quíz meter uma lança em África e vejo que não acaba Derna...



- Tomo conta da casa e passo Darlan  
- Vae dar lá, mas sae tosquiado



- Que dís você da governança francesa?  
- É um circulo vichiôso.



- Que é do inimigo?  
- Moscôu-se...



# A SEMANA QUE PASSOU

## (DE SEGUNDA A DOMINGO)

A notícia mais interessante da semana que passou foi a da condenação de um lavrador da França meridional à multa de cinco mil francos, por ter dado a um solipede de sua propriedade o nome de "Darlan".

Que desafio! Isso é coisa que se faça?

São sem conta os nomes ilustres dados a irracionais, notadamente cavalos de corridas, sem que por isso o mundo ameace desabar; mas no momento atual dar-se o nome do almirante francês, substituto eventual do marechal Pétain na suprema governança da França, a um asno, é, realmente, uma coisa que brada aos céus!

O lavrador defendeu-se com grande inteligência, dizendo que não poderia haver mais destacada homenagem aos grandes homens do que dar os seus nomes a animais domésticos, que servem fielmente aos seus donos e são por eles estimados.

Aí está a coisa contada como foi. Entretanto, muito peor seria se o lavrador desse o nome de Darlan a algum carneiro. Porque não faltaria quem imaginasse nisso uma segunda intenção, já que a missão do carneiro é dar lan...

—oOo—

**CÃES EM JUÍZO.** — Parece que se trata de um caso inédito no nosso Fórum. Tempos atrás, nas proximidades da lagoa Rodrigo de Freitas, um cavalheiro foi mordido por um ou dois cães. É possível que a vítima não se lembre se foi um só ou se foram dois os agressores... O fato é que houve um homem que estava passeando com dois exemplares da raça canina e o tal cavalheiro foi mordido.

Para resolver a situação, só mesmo a Justiça; e o mordido bateu à porta do templo de Temis.

A ação não deixa de ser interessante, mas o seu mais interessante aspecto nos foi dado quando o advogado do queixoso pediu o comparecimento dos cães à audiência...

A diligência foi levada a efeito, mas só compareceu um dos cães, porque o outro — exatamente a digníssima esposa do que foi a juízo — já havia morrido!

Diante do ocorrido, há uma indagação muito natural: o cavalheiro foi mordido por um só ou pelos dois? Se foi por um só, qual teria sido o agressor: o que foi a juízo ou o que morreu?

Se foi o que morreu, a questão está perdida, porque — diz o brocardo jurídico — *mors omnia solvit*.

E parece que a que morreu foi a agressora. Tanto assim que sucumbiu... de remorso.

Entretanto, dada a circunstância de ser a questão levada à Justiça, não há quem não reconheça que a vítima estava em condições de ser mordida...

—oOo—

**SINOS E SANTOS.** — Duas questões interessantes surgiram no noticiário dos jornais: uma de Minas, procedente de Guaxupé, e outra do Pará, da ilha de Marajó, ambas entendendo com cousas de religião.

Em Minas apareceu uma pendenga sobre um sino tradicional, que anunciava as horas do almoço e do jantar. Dizia a proprietária do hotel que o sino era seu; a arrendatária atual contesta a propriedade... E agora, uma firma que adquiriu o prédio afirma — é, de fato, a firma que afirma — que o sino já tem outro pai vivo... Solução natural: a Justiça irá ver para que lado o sino dobrará...

No Pará a questão gira em torno de uma imagem do Senhor Morto que uma cidade ilhoa de Marajó emprestou a outra e que essa outra não quer restituir. Aí, o recurso foi a lesada apelar para o bispo — que no Pará, aliás, é arcebispo.

Ficam todos sabendo que o mundo é isto mesmo: um bando de gente que vive a brigar por qualquer coisa e até por outras respeitáveis como os sinos e as imagens.

—oOo—

**JACARÉS TURISTAS.** — No momento em que, por acaso, alguns pescadores traziam para terra a maior arraia que já apareceu na Guanabara, pesando mais de meia tonelada, circulou a notícia estranha de andarem dois jacarés passeando na pacata estação suburbana de Quintino Bocayuva.

Que turistas esquisitos!

A primeira vista a notícia dá que cismar. Pensando bem, no entanto, chega-se à conclusão de que a coisa é explicável.

Quintino Bocayuva fica longe de qualquer pouso de jacarés, e bem longe do pouso máximo — Jacarépaguá — de nome tirado do traícoeiro saúrio. Como, então, poderiam eles surgir nas suas ruas tranquilas?

Há cousas misteriosas que acabam tendo explicação natural. Os jacarés de Quintino só poderiam ter ido parar lá levados por mãos de algum palhaço, ansioso por divertir-se à custa do medo alheio.

É como se pode compreender o fenômeno.

Lembram-se de que, há poucos anos atrás, muitos moleques de rua divertiram-se vários dias apanhando peixes vermelhos no lodo do canal do Mangue? A coisa explicou-se: os peixes eram do parque da Praça da República, e chegaram ao canal devido à lavagem dos tanques do grande jardim e através de comunicações existentes.

Quem foi que disse que podia nascer jacaré em Quintino, sem mais nem menos?

—oOo—

**BALAS COM ROTULO.** — O combate à quinta-coluna revelou uma coisa estranha: em poder de um alemão, foram encontradas em São Paulo várias balas de fuzil com rotulos, isto é com o nome de figuras de grande destaque político. O desejo do quinta-colunista foi desfeito com uma simples medida policial e as balas rotuladas, ao invés de se meterem no corpo de ilustres personalidades, irão, necessariamente, parar no lixo.

Ficam os interessados, agora, cientes de que não se pode contrariar a ordem natural das cousas, porque como sempre foi entendido no mundo, principalmente pelos que já viram um "rôlo" ou assistiram a uma batalha, bala não tem letreiro...

—oOo—

**A EVASÃO AEREA.** — Um preso tentou fugir de uma colônia penal agarrando-se ao flutuador de um avião que ali baixara para deixar um medico. Fato virgem na America.

Quando o avião decolou, houve seria dificuldade; mas, por fim, pôs-se a voar, mas sem poder equilibrar-se no espaço. O piloto, naturalmente, ficou pensativo, sem atinar com a razão por que a aeronave descia, pouco depois, velozmente. Até que um dos tripulantes deu com o "pingente"...

Realizou-se uma descida de emergência e o passageiro suplementar, que já se via inteiramente despido — porque o vento lhe levava a roupa toda — foi levado novamente à colônia penal.

Coitado! Aguentou firme durante um tempo enorme; o vento tirou-lhe tudo o que tinha sobre o corpo, e ele não largou o avião!

Depois, sentindo a verdade do "suplício da esperança" de Villiers de l'Isle Adam, deve ter pensado com os seus botões:

— Fui uma besta! Fugir de avião... Isso é resolução que só se toma aereamente.

—oOo—

**A SEGUNDA INFANCIA.** — Em Minas, um ancião de setenta e três anos de idade matou um desafeto, outro ancião que tinha mais dez anos ainda do que o criminoso.

Agora, a Câmara Criminal confirmou a absolvição do matador.

De cá de longe, ignoram-se as razões da não condenação.

Será que a Justiça entende que os septuagenários têm natural privação de sentidos?

Não... Talvez pense, com razões respeitáveis, que a velhice é uma segunda infância, e as crianças são irresponsáveis.

RIGADIN

**PARIS**  
DE GALLY

**UM PERFUME LUZ!**  
**UMA JOIA DA PERFUMARIA**  
**PARA A ALEGRIA DA VIDA**

EXTRATO Nº 1717 75%  
1711 75%  
1711 75%

EXTRATO Nº 1717 75%  
1711 75%  
1711 75%

COLONIA Nº 1700

LOÇÃO Nº 1720  
1722

*A venda em todo o Brasil*



# LIVROS NOVOS

TRADUÇÃO EM VERSO DA «IMITAÇÃO DE CRISTO», de Pierre Corneille, por Augusto Cavalcanti — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Augusto Cavalcanti abalçou-se a grave empreendimento. Aproveitando embora uma tradução francesa, não lhe haviam de rarear os momentos de indecisão, de dúvida, de tormentosa dificuldade...

A *Imitação de Cristo* é uma destas realizações que parecem acima de toda a inteligência e todo o engenho humanos. Fontenelle a qualificou o mais belo livro que tem saído das mãos do homem. Quem realmente ergueu este monumento imperecível, e de linhas que se afiguram cada vez mais sublimes, ao pensamento religioso da Idade Média? Os mais eruditos, mais prestigiosos pesquisadores reconheceram a impossibilidade de tal averiguação. E concluiu-se que o autor da *Imitação* não seria rigorosamente ninguém, quer dizer que ali se haviam reunido e harmonizado as reflexões e as emoções de muitos homens realmente superiores.

A *Imitação* encontrou no Brasil um tradutor cheio de sentimento religioso, Afonso Celso, que foi ao texto original e deu àquela ascetismo inspirado os moldes da nossa poética, desde a redondilha mais fluente. Em França contam-se, mais ou menos notáveis, para além de cem traduções. A última verdadeiramente digna de nota é a de André Beaunier, com prefácio de Georges Goyau, edição Bernard Grasset. Corneille foi acusado de não respeitar a singeleza peregrina da obra. Os alexandrinos do autor do *Cid* eram demasiado pomposos e ressoantes para reproduzir aquela maravilha de limpidez e simplicidade... Ninguém, porém, deixou de reconhecer, á falta de fidelidade rigorosa, o extraordinário valor poético da tradução. Foi essa alta, imponente linguagem que o sr. Augusto Cavalcanti transpôs para o nosso idioma, valendo-se principalmente do alexandrino e recorrendo ao octossílabo, á redondilha menor e ao hexâmetro. Os versos saem-lhe correntios, desenvoltos, de rara espontaneidade, embora o poeta por vezes se valha das «liberdades» que Banville condenou em absoluto, como a que se observa no último verso da primeira das estrofes seguintes.



«Feliz quem me palmilha a vida percorrida!  
Quem me segue há de estar das trevas bem distante;  
e sobre os passos meus acha o dia radiante  
que até ao coração lhe leva a luz de vida.»  
Assim fala Jesus; assim aquella estrada  
de virtudes, por elle em nosso bem trilhada,  
com seu brilho nos mostra a vida a preferir;  
e aquelle que pretende uma sciencia inteira,  
deve delle aprender e cuidar de o seguir  
o'ra livre o coração ter de toda cegueira.

Dos santos a doutrina em nada é comparavel  
a essa de que elle mesmo é o fulgurante espelho:  
seus thesours sem conta há de ver no Evangelho  
quem lhe tomar por guia o espirito adoravel.  
Tu, que pelo amor proprio a ti mesmo ligado,  
o escutas e que o lês sem te achares tocado,  
por falta desse guia, alli só vês espinhos;  
porém, se o queres ler e escutar com prazer,  
imita a sua vida e lhe segue os caminhos,  
e a divina doçura há de se offerecer.

Não se pode, pois, dizer que o sr. Augusto Cavalcanti se sáisse mal de tão arriscada empresa. Ao contrário, é bem o caso de se lhe darem parabéns.

♦ ♦ ♦

CONTRADIÇÕES DE RUI, por A. Tenorio de Albuquerque — Rio de Janeiro.

É um livro de filólogo. Ou mais propriamente de gramático. O sr. Tenório, autor já de diversos livros sobre assuntos de linguagem: *Questiúnculas de português*, *O vocabulário de Camilo*, *Galicismos*, *Deslises Gramaticais*, *Estudos de português*, *Falhas dos dicionários* — estudou metodosamente e com extremo empenho a obra de Ruy Barbosa, em busca daqueles cochilos a que, desde Homer, pelo menos, os próprios gênios andam sujeitos...

A tarefa era vultosa e certamente lhe levou muitos mezes; a sua principal dificuldade estava, porém, em separar as maneiras de expressão condenáveis das possivelmente certas ou simplesmente discutíveis. Sem dúvida o autor das *Contradições de Rui* procedeu consciencioso, escrupulosamente. E eis o que lhe vale como justificação aos olhos de quem o vê dalgum modo atentar contra o nome glorioso do mestre, do poeta, do artista das letras brasileiras. Outra desculpa sua reside nesta declaração veemente: «Por sem dúvida não tive a estultice de pretender apequenar a obra grandiosa, imperecível de Rui Barbosa. Não, absolutamente não.» Nem a expletiva inicial nem o neologismo tirado do verbo apequenar prejudicam a sinceridade ou o alcance de tal asseveração. E a absolvição mais eloquente é o próprio Rui que a dá nesta passagem da *Excursão eleitoral*: «Admiremos; mas não abdicuemos da razão e da justiça. De outro modo a admiração é ignobil; porque nas paixões mais louváveis não ha nobreza sem liberdade. Admiração não é irracionalidade, não é idolatria, não é fetichismo.»

O livro vai a cerca de trezentas páginas. Os comentários são sempre rápidos e, assim, quasi todo o espaço ficou para as citações de Ruy e doutros autores. E os estudiosos da lingua, os professores mesmos que lerem e meditarem estes capítulos neles encontrarão, pouco ou muito conforme a capacidade de cada um, mas sempre alguma coisa que aprender.

♦ ♦ ♦

CHÉRI, romance de Colette no texto original — Rio de Janeiro, 1942.

Colette é uma escritora á parte. Não se parece com qualquer outro cultor do romance, da crônica, do teatro. Em toda a sua obra se reflete poderosa, intensamente a individualidade.

Colette principiou, de fato, escrevendo em colaboração. Apareceu... Mas aparecer não é bem o termo. Trabalhou ao lado de seu marido Henri Gautier-Villars, o popularíssimo Willy, na fase mais próspera e mais brilhante duma carreira que havia de terminar em obscuridade e penuria. Essa parceria teve curta duração — como o proprio matrimonio. Daí vieram, porém, assinadas simplesmente Willy, algumas obras de exito larguissimo, depois do divórcio reeditadas como da exclusiva autoria de Colette. A superioridade da esposa em relação ao marido não fez senão afirmar-se com o tempo; e justamente ao declínio do autor do *Retour d'âge* e da *Tournée du petit duc*, correspondeu a ascensão daquella que no jornalismo, na critica teatral conquistaria situação das mais altas da época e no romance culminaria em *Chéri*, depois transformado, como a audaciosa, impressionante *Vagabonde*, em peça teatral.

*Chéri* oferece-nos, num meio especial, uma história como ha muitas. O ambiente faz, de vez em quando, pensar no *Demi-monde*, de Dumas filho. Também aqui as reuniões mundanas e as intrigas sentimentais se caracterizam, entre outras particularidades, pela ausência dos maridos. Entre Dumas e Colette, porém, os costumes evoluíram no sentido que constitue a diferença das duas obras. Colette vai muito mais longe ou mais fundo na exposição da sua «meia-sociedade». A análise e o comentário aqui se exercem com tal sinceridade que a franqueza do comediógrafo insigne do século XIX, tida então como escandalosa, agora se reduziria a brandura extrema e quasi ingenuidade.

*Chéri* nos conta, em linguagem vivazmente pitoresca, singularmente colorida, como nasceu, cresceu e vai morrer um amor, já serôdio na mulher e no homem ainda temporão — com os seus episódios de júbilo, de febre, de lassitude, de melancolia. Não se confunda, porém, a natureza ou a intenção deste romance com os excessos realistas que ora a autoridade profre ora boa parte da critica exalta. Não se trata dum livro para crianças; mas todos os adultos de certa inteligência e certa cultura podem declarar que o leram e sem rebuço o podem louvar.



## INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO ANO

O calendário está antiquado. Efemérides cariocas. Festas religiosas fixas. Festas religiosas moveis. Concordância das principais éras. Começo das estações. Feriados nacionais. Calendário completo. Os signos dos meses.

## FIGURAS DA HISTÓRIA E DA HUMANIDADE

Jean Rameau — Ticiano — Margot, rainha de França e do amor — Camilo Desmoulins — Sarah Bernhardt — Lorrain — Miguel Angelo — Charles Lebrun — Cimabue — Giotto — Rembrandt — Velasquez — Wan Dyck — Leonard Da Vinci — Frei Angelico — Rafael Sanzio — Durer — Rubens.

## CONTOS ILUSTRADOS

No arrozal — Ressurreição — Remédio de amor — O louco — A estátua — Mau olhado — O milagre da porcelana — A obsessão do banqueiro — O caçador e o advogado — O Cônego do estilo.

## CURIOSIDADES DIVERSAS

À prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo — A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chamam Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? — A árvore tunel — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotisa — Os juramentos de felicidade — Calendário de 1942.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

De filósofos e sábios; de mulheres célebres; de chefes de Estado; de guerreiros; de homens políticos e de letras.

## ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942,

à venda.

Redação: Visconde Maranguape, 15 — Rio

Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados



## COELHO NETTO, biografia por Paulo Coelho Netto — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Paulo Coelho Netto levou a efeito nestas quatrocentas páginas uma vasta e bela obra de piedade filial. Deu-nos a conhecer quanto de nobre e exemplar se compreendeu na vida e se contém na obra de Coelho Netto.

Os admiradores mais fervorosos do gênio que compoz a *Treva*, o *Sertão* e cento e tantos outros livros superiores, alguma coisa ainda haviam de ignorar daquela existência em muitos aspectos maravilhosa. A chama criadora e a capacidade laboriosa assumiram ali uma elevação e uma amplitude que, á primeira vista, impressionam mas, bem consideradas, assombra. Quando se pensa — e não revelamos um segredo, recordamos apenas o que os amigos testemunharam e muita gente veio a saber — quando se reflete que o romance *Turbilhão* foi escrito em seis dias, a meio duma doença dolorosíssima e na mais angustiada situação financeira, tem-se, não se pode deixar de ter a impressão do milagre. Durante longo período, Coelho Netto fez da imaginação e dos dedos a mais prodigiosa máquina produtiva. Não se explica, não se admite como, em tal labuta, o cérebro se não desarranjou, a mão não contraiu uma cãimbra, la *crampe des écrivains*, para sempre. Certa noite, o excelente médico Barbosa Romeu impoz ao romancista absoluto repouso, pois, se um fenômeno ha minutos verificado se repetisse, o resultado seria fatal. O fenômeno produziu-se mais cinco vezes e Coelho Netto, desejando acima de tudo não faltar ao contrato com um editor, trabalhou até dia claro. A literatura mundial não deve oferecer outro exemplo de tal força nervosa, tal energia temerária, tal confiança no destino e na própria individualidade.

O sr. Paulo Coelho Netto reuniu o mais sistematicamente que poude documentos, citações, recordações de família, reminiscências pessoais. O seu trabalho não se limita á con-

dição informativa. As duas primeiras partes do livro, que contem frequentes narrativas, oferecem muito impulso generoso, muitos momentos de comção. E ha no enlevo religioso do filho perante a obra do pai uma espécie de máguia ou de sentimento, porque ao nome de Coelho Netto não corresponderia hoje, a seu ver, a tão merecida glória... Parece-nos, porém, que esse zelo, por exaltado, se tornou pessimista. Coelho Netto poderia, neste intervalo, ter perdido um tanto da sua popularidade; mas aquilo que realmente constitui o seu prestígio não decresceu — e podemos estar certos de que se tornará cada vez maior.

J. L.

## BRAZIL IN CAPITALS — edição Harper and Brothers — por Vera Kelsey.



Para o turista os países que visita se resumem, em geral, num certo numero de centros de interesse onde, ao lado de alguma coisa típica, estão os requisitos de segurança e conforto indispensáveis ao seu bem-estar. No Brasil esses «centros de interesse, se resumiam, até bem pouco, a reduzida faixa que quase não ia além do Rio e São Paulo. A senhora Vera Kelsey tem procurado demonstrar que há bem mais o que ver neste imenso país, mesmo conservando-se o turista a salvo de enfrentar feras e selvagens. No seu livro *Seven Keys to Brazil* a ilustre escritora fez a apresentação de alguns dos monumentos naturais desta terra. Sete Quedas, Iguaçu, Paulo Afonso são descritos como verdadeiras maravilhas. Este seu segundo livro, *Brazil in Capitals*, revela contacto mais íntimo com as coisas e a gente desta parte da América. Os três anos que a senhora Kelsey passou entre nós estão consubstanciados nessa concisa e bela série de reportagens, reveladoras não só de uma cultura polimorfa, mas especialmente de grande honestidade intelectual. Não apenas as nossas capitais políticas preocuparam a ilustre escritora. Nas trezentas e muitas páginas de seu livro encontramos descritas todas as cidades brasileiras que por qualquer motivo merecem ser vistas. Assim Ouro Preto, Olinda, Petrópolis, Santarém e Terezópolis particularmente prenderam a atenção da autora. Por outro lado o leitor em nenhuma ocasião se sentirá sozinho dentro dessas cidades. A senhora Kelsey teve o cuidado de retratar as nossas cidades com os respectivos habitantes. Os traços mais característicos da nossa gente foram pela escritora surpreendidos e reproduzidos com pinceladas rápidas mas seguras. E' também evidente sua preocupação de fornecer ao leitor um numero o mais possível completo de informações uteis. Há crítica de arte, referências históricas, literárias, geográficas, políticas, científicas, tudo que de alguma maneira possa concorrer para que o leitor venha a formar uma idéia concreta e verdadeira do Brasil. Seleccionada coleção de ilustrações acompanha o texto do livro.

## RELATORIO apresentado ao Ministro da Fazenda pelo dr. D. L. Tupy Caldas, diretor da Recebedoria Federal em São Paulo.

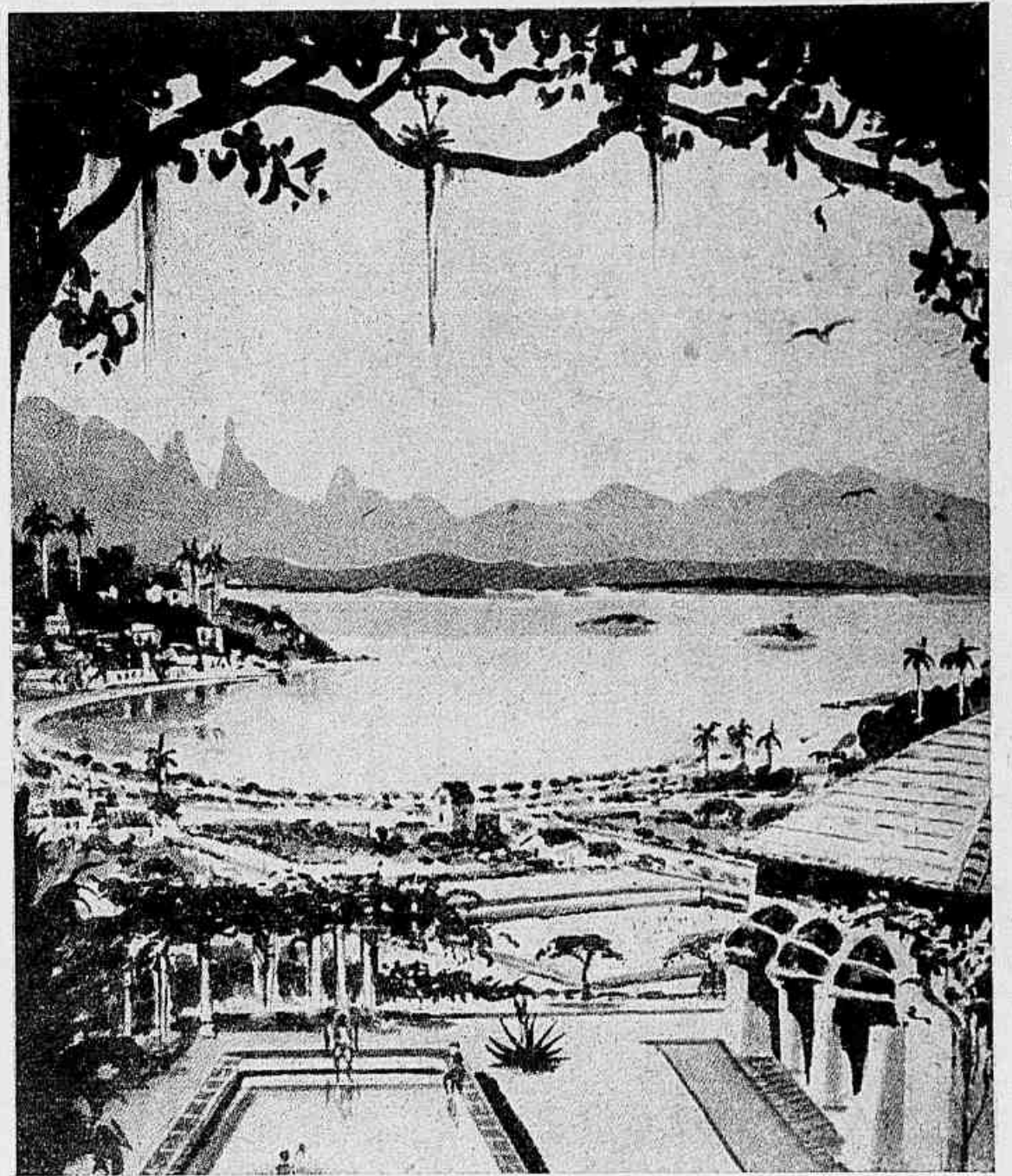


Vem de ser dado á publicidade o Relatório dos Trabalhos realizados pela Recebedoria Federal em São Paulo, durante o ano de 1941, apresentado ao Ministro dos Negócios da Fazenda pelo dr. Darcy Louzada Tupy Caldas, diretor daquela repartição. O ilustre relator consubstanciou em um volume que, apesar de suas proporções avantajadas, enfeixa uma exposição tão sintética quanto concisa, o vasto acervo das atividades da Recebedoria Federal em São Paulo no seu nono ano de funcionamento. O grande desenvolvimento comercial e industrial da capital de São Paulo, que conta com 29.070 estabelecimentos registrados, pode bem ser sentido através dos dados que compõem esse trabalho técnico. Se no ano de sua criação, 1933, a Recebedoria Federal arrecadou pouco mais de 100 mil contos de réis, no exercício que vem de ser encerrado a renda por ela arrecadada sóbe a quase 600 mil contos. Outro dado que prende logo a atenção do observador, é a maior acentuação da curva desse aumento verificada entre 1940 e 1941. Sabe-se que circunstâncias várias, entre elas a

perda dos mercados europeus e asiáticos, determinaram a paralização de muitas indústrias. Por outro lado porém, como afirma o relator, dessas mesmas circunstâncias adveio o surgimento de novas indústrias, que correspondem ás necessidades dos centros consumidores deste hemisfério.

Em seu Relatório o dr. D. L. Tupy Caldas encontra oportunidade para acentuar que «o aparelhamento da Recebedoria Federal, para atender aos seus multiplos e complexos encargos, desde muito se mostra inadequado e insuficiente, sobretudo em virtude da exiguidade do seu quadro de funcionários». A este respeito transcreve um ofício de Janeiro deste ano no qual sugere ao Ministro da Fazenda, além do aumento do quadro, outras medidas atinentes a collocarem a Repartição que dirige á altura de sua missão. Essa sugestão do dr. D. L. Tupy Caldas merecera o apoio do Chefe do Governo, expressado quando de sua ultima visita a São Paulo.

Aos que se interessam pelos problemas do Fisco no Brasil e, particularmente, pela realidade economico-financeira de São Paulo, aconselhamos o manuseio desse substancioso volume.

JARDIM CARIOCA  
(ILHA DO GOVERNADOR)

Neste local privilegiado, a 35 minutos da Avenida Rio Branco, estão á venda os melhores terrenos da Ilha do Governador, para pagamento em prestações desde 100\$000 mensais!

FAÇA A SUA INDEPENDENCIA! COMPRE POR COBRE O QUE VALE OURO!

Solicitem projectos e informações á  
CIA. GERAL DE HABITAÇÕES E TERRENOS "JARDIM CARIOCA"  
Avenida Rio Branco, 108 - 6.º andar — Fone: 42-3812  
REGISTRADO SOB O N.º 1 DECRETO-LEI N.º 58

## ODONTOLOGIA

ANTENOR MONTEIRO (*Minas Gerais*) — O 3.º Congresso Odontológico Brasileiro deverá tratar do assunto de que me fala em sua carta.

Para melhores esclarecimentos deve o colega dirigir-se ao Major Penido, que se encontra á frente da Federação Odontológica Brasileira como seu presidente.

ANA CRUZ (*S. Paulo*) — Encontrará o que me pede numa das casas de artigos dentários, quasi todas mantendo secção de livros odontológicos nacionais e estrangeiros.

ALVARO PEREIRA (*Rio Grande do Sul*) — Tive conhecimento das conclusões a que chegaram os membros da semana odontológica aí realizada com grande brilho.

SALVADOR BARBOSA (*Rio Grande do Sul*) — Os filmes mais usados eram de procedencia belga.

DARCI MUNHOZ (*S. Paulo*) — Antes dessa publicação mencionada em sua carta, não temos conhecimento de outra.

ERNESTO TRUSTS (*Esprito Santo*) — A idade exige cuidados especiais para que amanhã seu filho não venha a so-

frer as consequencias da falta de assistência odontologica.

NICART NORBERT (*Alagoas*) — E' caso interessante e deve ser divulgado para conhecimento de todos os seus colegas.

VICTOR DUNÃES (*Sta. Catarina*) — Sempre ao seu dispôr naquilo que lhe puder ser util.

FELIX ARMANDO (*S. Paulo*) — Ainda não chegou ás minhas mãos o livro citado em sua carta.

Mas isso não obsta a que lhe agradeça antecipadamente a gentileza.

ALEXANDRINO AGRA

**Mas Que Pancada!**



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sá com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidadas tem-o sempre á mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

**MENTHOLATUM**



# O Episodio da Maçã

No capitulo oitavo das **Memorias da Rua do Ouvidor**, Joaquim Manoel de Macedo se refere a episodio relacionado com os sucessos da Inconfidencia Mineira nascida na vice-reinancia de D. Luiz de Vasconcellos e de fim na do seu sucessor immediato o conde de Rezende.

Na conjura de Minas estava implicado o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, dos sangues dos Bobadellas e dos Sá e Benevides.

Declarou Macedo, referindo-se a Freire de Andrade, ter ouvido sobre alguns inconfidentes informações dadas "por bondoso e intelligente fazendeiro de Minas Geraes com o qual entretivera passageiras, mas saudosas relações no Rio de Janeiro".

Uma das informações do agricultor mineiro disse respeito a successo que Macedo entendeu denominar "o episodio da maçã", fruta conhecida desde a Biblia pela humanidade, que a conhece por motivos assáz particulares e de familia.

Xavier da Veiga, no volume quarto de suas pesquisadas e meritorias **Ephemerides Mineiras**, invoca Macedo para dar curso ao episodio da maçã, tendo-o por "de tradição curiosa". E ajunta: "Si a tradição é curiosa ou romanesca não podemos decidil-o, mas acreditamos que não tem ela menor valor, nem menor interesse do que o outro e celebrado episodio da maçã, vinculado á biografia de Guilherme Tell e portanto tambem á historia da libertação da Suissa".

Descoberta a Inconfidencia, de tanta fonte na ameaça de cobrança fiscal, ao vice-rei no Rio de Janeiro, d. Luiz de Vasconcellos, ao governador de Minas, o visconde de Barbacena cumpria providenciar. Em caso da natureza do movimento de Villa Rica a primeira providencia era deter para apurar, a inquisição de verdade, em detrimento da liberdade.

A justiça administrativa acreceu á da magistratura representada pelo desembargador Machado Coelho Torres e pelos ouvidores Marcellino Cletô, Araujo de Saldanha e Caetano Manitto, este ouvidor de Sabará.

Tais os juizes preparadores ou de instrução, que por meio de inqueritos, devassas dizia-se no tempo, abriram caminho a exame de processo por instancia superior. Surgio em figura de alçada ou comissão especial de magistrados incumbidos de apreciar e julgar materia de delinquencia.

Entre as togas da alçada figurava a do desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva. Ao habito de julgar ajuntava o de poetar com veia de imitador de Pindaro ou com pendores para a satira. E não faltavam poetas na Inconfidencia, sobrelevado no grupo aquele Gonzaga amorosamente rendido a Marilia e prestes a desposar-a.

Emquanto a alçada iniciava trabalhos e proseguia na sua missão, em liberdade, desta os inconfidentes, estavam privados em diversos carcerees.

Num deles, na ilha das Cobras, achava-se Freire de Andrade aguardando decisão de sorte. Sua alma se engolfava em naturais e tristes pensamentos quando um coração pulsava por ele e alquem se movia em seu favor.

Esse alquem era uma irmã. Macedo apontou-a casaca, com um mercador português estabelecido na rua do Ouvidor, visinhanças da igreja da Santa Cruz dos Militares. O negociante, lusitano, absolutista, por vontade propria ou conveniencia de momento, dizia mal dos inconfidentes e sobretudo do cunhado. Nas ocasiões de perigo, para desviar suspeitas, se dizem de muitos cobras e lagartos, embora não se saiba bem porque tais bichos simbolisem maldizer.

A irmã de Freire de Andrade não se lhe davam as objurgatorias verdadeiras ou finjidas do marido. Entrava em correspondencia com parentes de influencia em Lisboa com eles concertando meios de subtrahir o irmão á pena ultima a pairar sobre os inconfidentes todos.

Carta vae, carta vem, certa missiva trouxe á afeição sororal lenitivo sobre esperanga. Em segredo rigoroso a carta confidenciaava que uma carta régia mantida em mór sigilo comutaria a pena de morte imposta aos inconfidentes por decisão da alçada.

E' de crêr que a noticia a principio alegrando a destinataria da carta depois a conturbasse. Como guardar para si só a consoladora nóva? Foi sem duvida esse por dias e mezes o tormento intimo da irmã de Freire de Andrade.

O segredo encontrava outro segredo, chamando-se então assim a incomunicabilidade dos detentos. Nas prisões os inconfidentes recebiam a visita de confesores. Um deles ouvia de confissão a irmã de Freire de Andrade e tanto a confessada o apiedou que consentio em dar-lhe noticias da saude do irmão, nada mais. O confissionario é mestre de guardar confidencias auriculares.

Conforme Macedo, a irmã de Freire de Andrade foi presenteada com um caixote de maçãs vindas de Lisboa. "Escolheu uma, e com finissimo canivete, e com a mais apurada delicadeza abriu na parte mais concava da fruta subtil entalha, sacando pequenino batoque pyramidal: pela abertura feita assim excavou um pouco a fruta, e nesse vão escondeu uma tirasinha de papel, na qual escrevera: "Com certeza commutação da pena de morte na ultima hora", e com a mesma delicadeza e finura adaptou o batoquezinho perfeitamente seguro e de modo a illudir o homem mais ladino".

Sem duvida aquella doce e extremosa irmã entalhou dez ou vinte maçãs antes de chegar á ultima, em que se applaudio da perfeição de sua obra.

Apresentou-se a afetuosa artífice ao seu confessor pedindo-lhe a graça de entregar a maçã preparada ao irmão prisioneiro. Que mal havia n'isso? Quando o pedido era feito através de um véo de lágrimas e na mulhér tal véo tem extraordinario poder em todas as circunstancias e mormente junto a homens.

O padre satisfez o pedido da confessada, das suas mãos a maçã passou ás de Freire de Andrade. Solicitou este do sacerdote o obsequio de entregar a fruta ao seu companheiro de infortunio, e amigo, o vigário Toledo.

Recebeu este o pomo como dadiva de estima partilhadora de adversidade. Abrindo

a maçã, Toledo encontrou nela o que nunca poderia esperar, uma tirasinha de papel com a mais inesperada nova caída do céu e logo num carcere da ilha das Cobras.

O vigário Toledo, como os demais inconfidentes, vivia incomunicavel, portanto incapacitado de transmitir a nova trazida pela tirasita de papel, pela irmã de Freire de Andrade confiada a singular receptaculo.

Afinal a alçada proferio a ultima palavra no prolongado processo da Inconfidencia, discriminando culpas e distribuindo penas, tudo a 18 de Abril de 1792, não poucos réos passíveis de pena capital.

Os écos da cadeia publica, a 19 de Abril, repetiram aos inconfidentes os termos da longa sentença da alçada. Tal sentença fôra produto de muitas horas de conferencia e redação, e custou duas horas de leitura ao desembargador Alves da Rocha.

Horas mais tarde o mesmo magistrado veio lêr, aos que deixara acabrunhados, uma carta régia que se não lhes dava a liberdade salvava-lhes a vida, em comutação de pena capital, não poupada a Tiradentes.

O vigário Toledo e outros sacerdotes inconfidentes não entraram em oratorio na noite de agonia dos demais réos que se julgavam em ultimas horas de existencia.

Não poudes, pois, o vigário Toledo antecipar a nova da comutação de pena e com tanta antecipação levada ao seu conhecimento pelo presente de Freire de Andrade.

Não vamos historiar a Inconfidencia, apenas aconselhar que sobre Tiradentes cumpre lêr Vieira Fazenda, nas suas **Antiquilhas**, e Martim Francisco, terceiro do nome, no seu tão original **Contribuinto**.

A justiça da alçada cominando penas após a carta de clemencia formou dous grupos, o leigo e o sacerdotal. Ao primeiro caberia degredo em Africa, ao Reino seria mandado o segundo grupo.

Os padres Toledo, Vieira da Silva, Rolim, Rodrigues da Costa e Lopes de Oliveira seguiram para Lisboa conduzidos na fragata de nome bem netunino, a fragata **Golfinho**. Partiram os padres sentenciados secretamente e todas essas regalias, mesmo dentro de punição, não deixam de ser explicaveis pelo respeito que o poder temporal do tempo tinha pelos que um dia haviam recebido o indelevel sacramento da ordem.

A principio os sacerdotes inconfidentes conheceram encerro em fortalezas, pas-



Antiga vista geral da ilha das Cobras onde esteve preso o inconfidente Freire de Andrade. (Foto Gradnos)

sando ao de conventos. A cabo de dez anos lhes foi permitido regresso ao Brasil, falecidos porém os padres Rolim e Lopes de Oliveira. De cinco restavam três para volta e serviços á patria.

Do grupo dos inconfidentes leigos, distribuidos por diversos pontos coloniais lusitanos do continente negro, só vio de novo a terra natal José de Rezende Costa Filho.

O degredo dos inconfidentes em Africa foi a liberdade menos a patria. Não se lhes agravou a sorte com rigores de perseguição, de acordo com o pensamento de D. Maria I que, catolica e clemente, quizera poupar a vida de todos os inconfidentes.

Um deles, o conego Rodrigues da Costa, informou que D. Maria I, na carta régia de 15 de Outubro de 1790 desejava perdoar a todos os réos, desviada do proposito por seus conselheiros. Talvez fossem os mesmos que contrariaram o alienista dr. Willis, que tirára da loucura Jorge III da Inglaterra, impedindo o medico de melhorar a insania depressiva da rainha, isso quando o alienista já começava a entrevêr, em 1792 e 1793, esperanças de novo exito de cura régia.

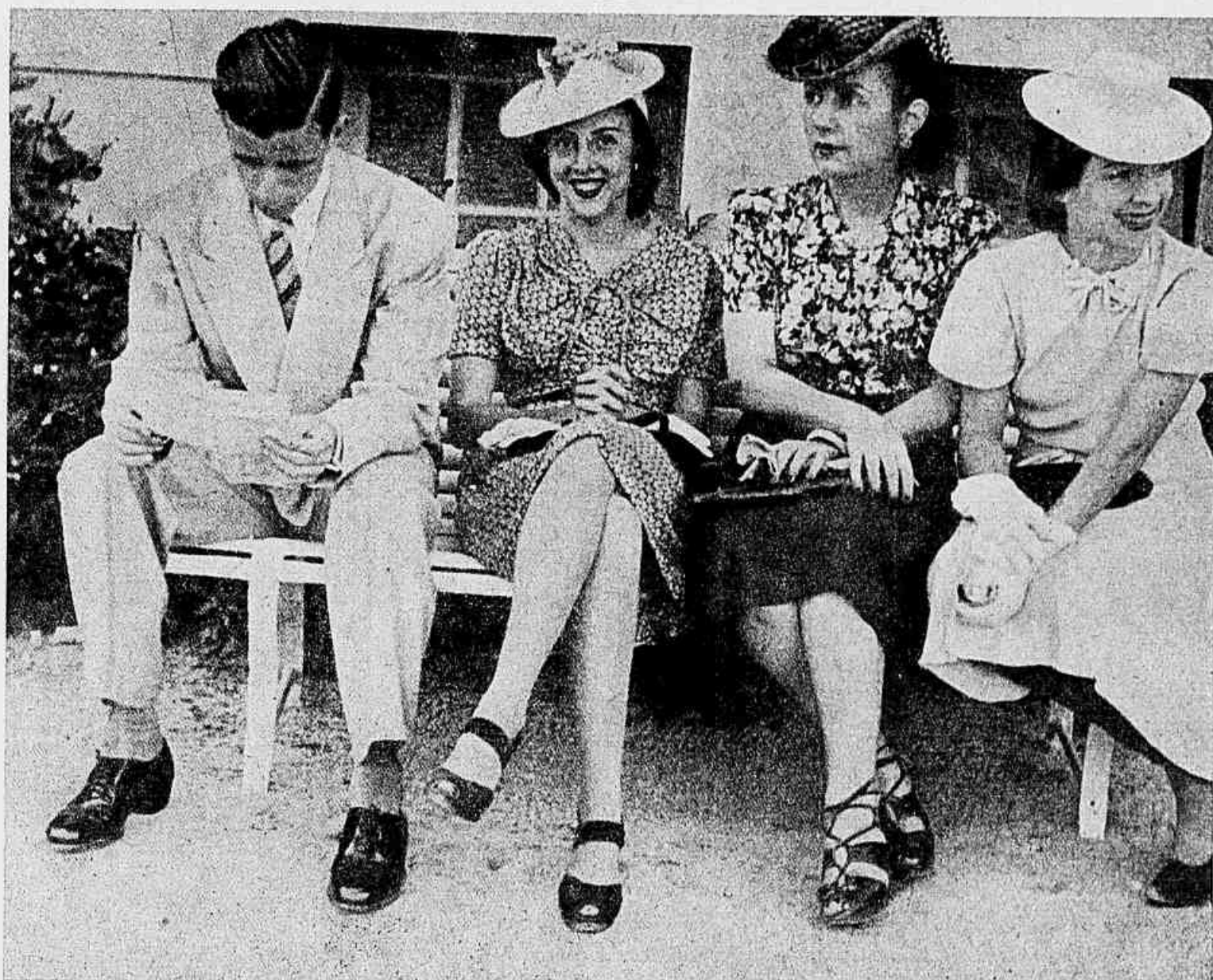
Mesmo no degredo os Rezende Costa, pae e filho, exerceram cargos publicos fiscaes sem embargo de estarem compreendidos na sentença da alçada subscrita em rubrica pelo vice-rei conde de Rezende e por sete magistrados.

O conego Rodrigues da Costa e Rezende Costa Filho foram constituintes em 1823. Ambos socios do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, e no gremio da associação Rezende Costa Filho tradusio um trecho da Historia do Brasil de Southey relativo á Inconfidencia e deu sobre ela esclarecimentos a pedido do visconde de S. Leopoldo, presidente do Instituto. Obedeceu o mais que septuagenario e procurou reviver o movimento de mais de meio seculo quando já contava desoito anos a Independencia "proclamada e gloriosamente consumada nos campos do Ipiranga pelo immortal Senhor D. Pedro I". O adjetivo immortal dedicado pelo antigo inconfidente ao neto de D. Maria I é expressivo. Expressiva seria tambem uma declaração do vigário Carlos Corrêa de Toledo e Mello que confirmasse o episodio da maçã, pomo de ouro tão fatal a Troia na raiva de duas deusas.

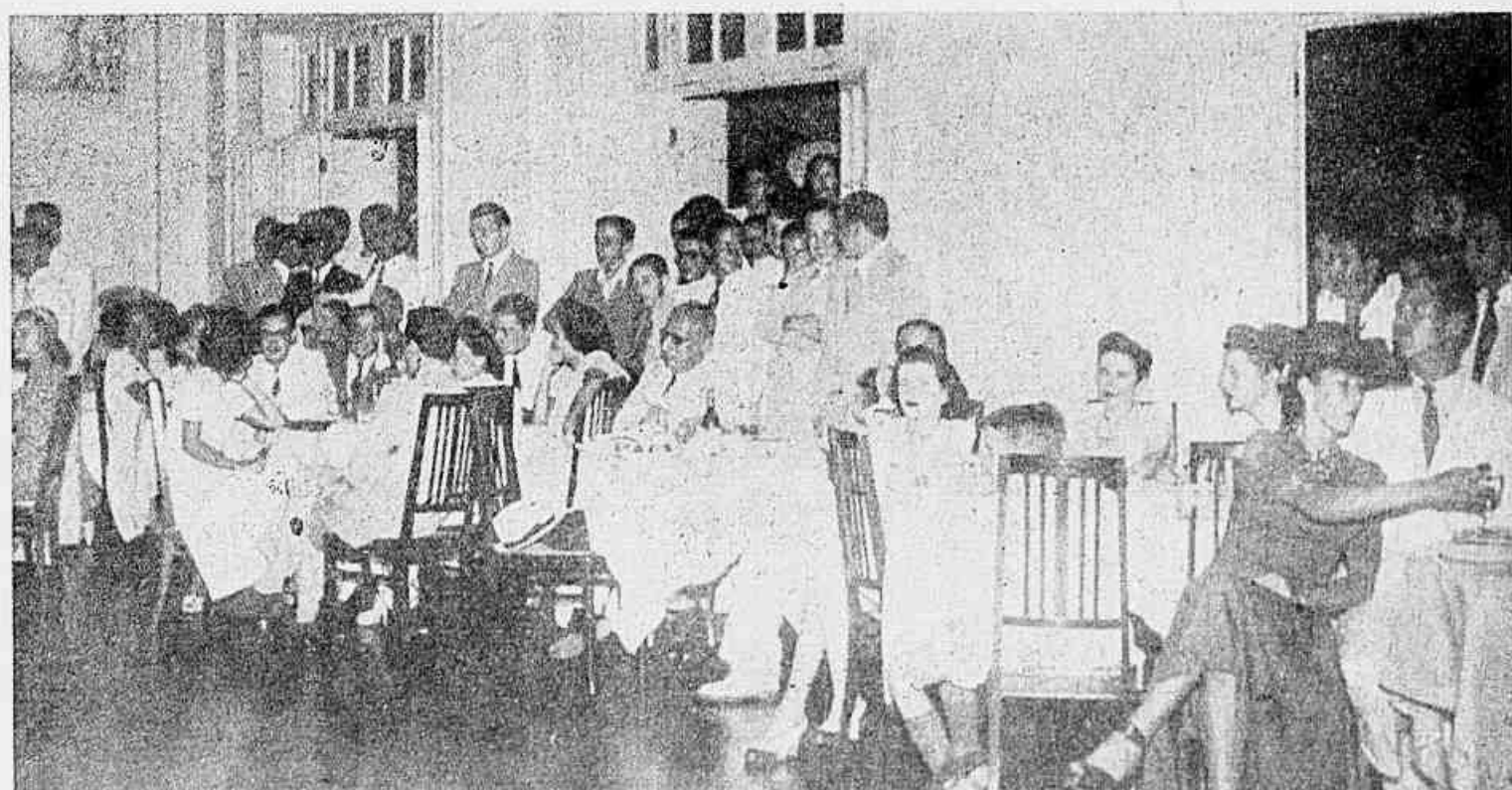
*Esmeragdo Doria*



# Jóquei Clube Mundano

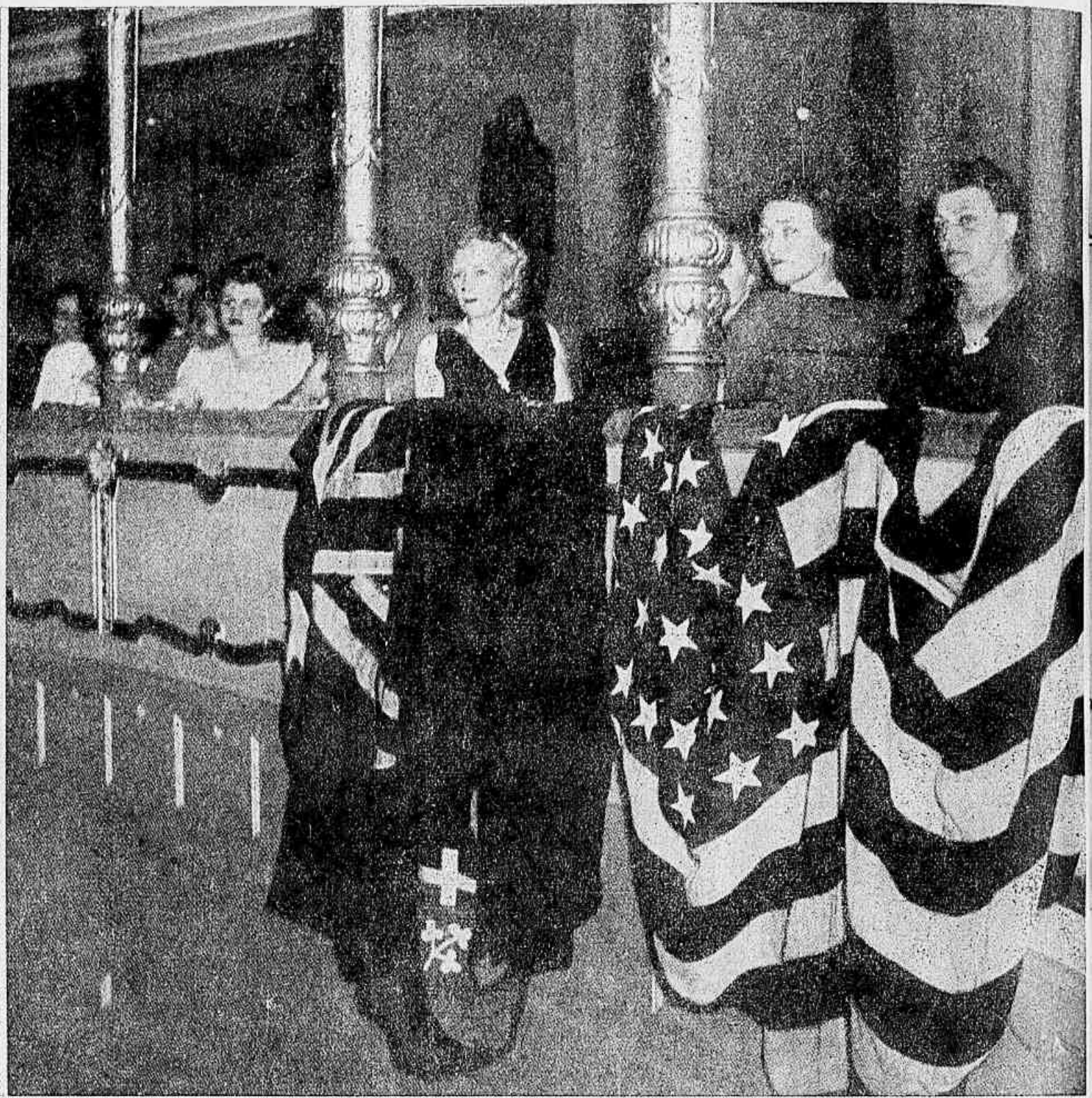
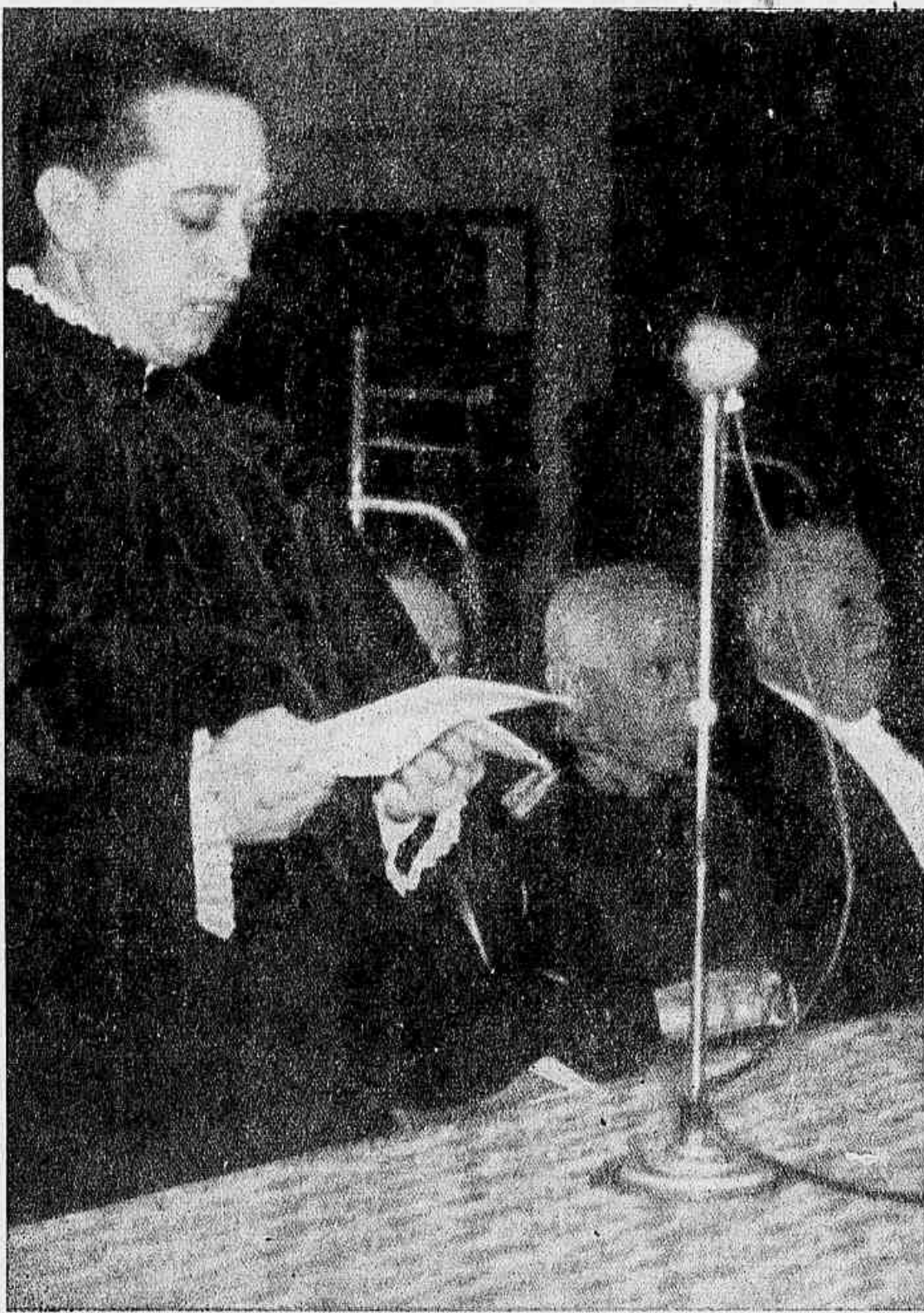


ASPECTOS COLHIDOS NO HIPODROMO DA GAVEA EM DIVERSAS OPORTUNIDADES, QUANDO ALI SE DISPUTAVAM AS CORRIDAS QUE SE TORNARAM UMA DAS GRANDES ATRAÇÕES DA VIDA CARIOCA.





# DE SÃO PAULO



Dois aspectos obtidos no Teatro Municipal na comemoração do Dia Pan-Americano, vendo-se no da esquerda o professor Teotônio Monteiro de Barros Filho ao pronunciar sua conferência e as altas autoridades presentes entre as quais o interventor Fernando Costa.

O Dia Pan-Americano teve este ano um sentido bem elevado. Não foi apenas a costumeira data que se comemora anualmente; foi muito mais do que isto, porque o significado das festas cívicas realizadas quis enaltecer o verdadeiro Pan-Americanismo que é hoje, mais do que nunca, a realidade fraternal do Novo Continente.

Em São Paulo foi grande a vibração que a data despertou.

A Reitoria da Universidade de São Paulo e a União Cultural Brasil-Estados Unidos levaram a efeito uma imponente sessão cívico-musical, que se realizou no Teatro Municipal e congregou a aristocracia paulistana.

Vários institutos colaboraram brilhantemente na expressiva comemoração do Dia Pan-Americano, como a Escola Normal "Caetano de Campos" e a Escola de Comércio "Alvares Penteado", que levaram a efeito programas esplêndidos em ambientes cheios de civismo.

Também a Biblioteca Infantil do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal participou da comemoração, ligando-a à data do 6.º aniversário da sua fundação. Nesse centro de cultura das crianças foi inaugurada uma galeria de retratos de escritores brasileiros que se dedicam à literatura infantil.

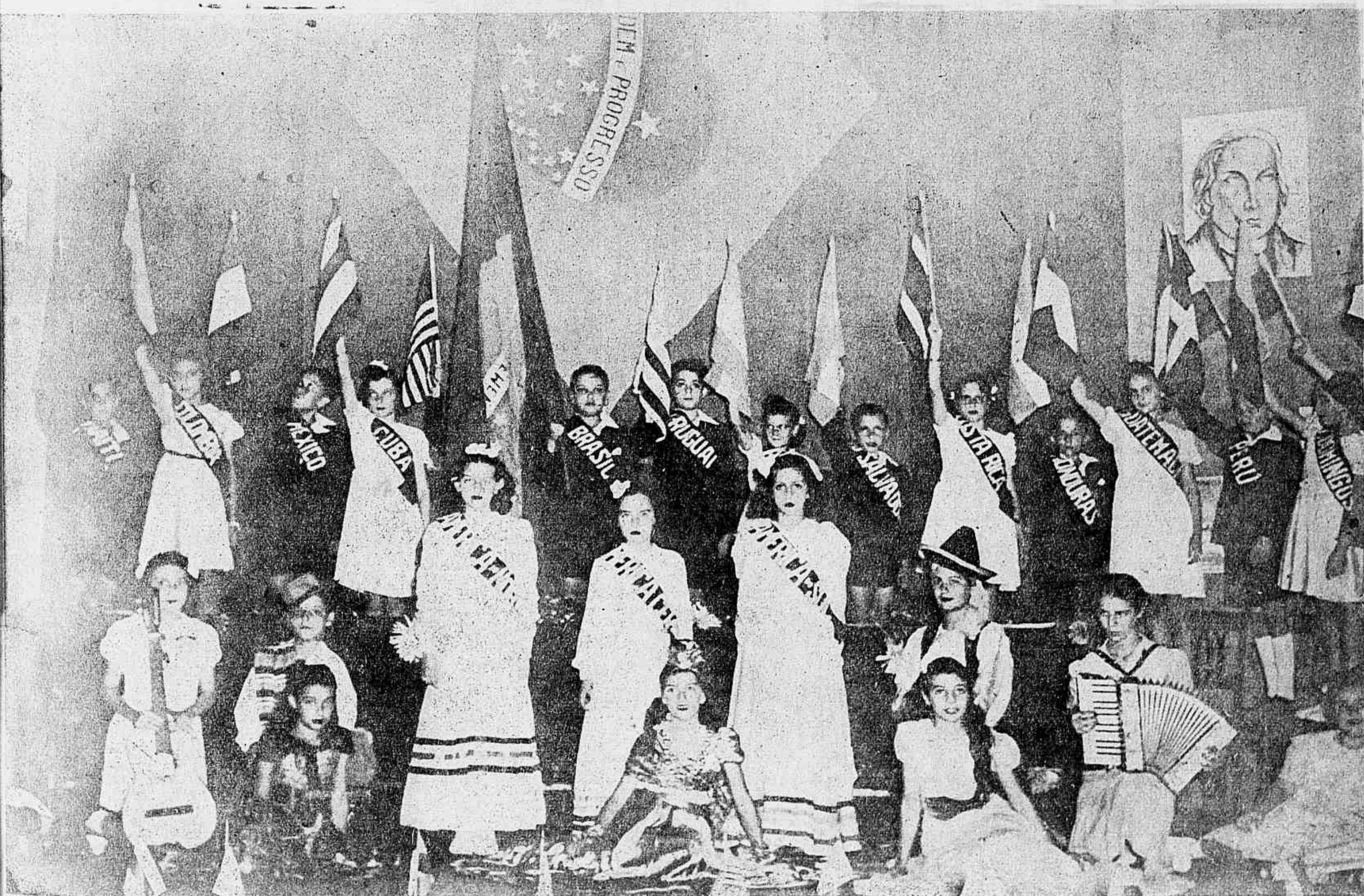


O Dia Pan-Americano na Biblioteca Infantil do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal. A' esquerda, a menina Maria Amélia Rodrigues saudando os presentes; à direita, os pequenos artistas que alegraram a festa com seus bailados e canções.





Aspecto parcial da platéia do Teatro Municipal no Dia Pan-Americano.



O Dia Pan-Americano na Escola Normal "Caetano de Campos".



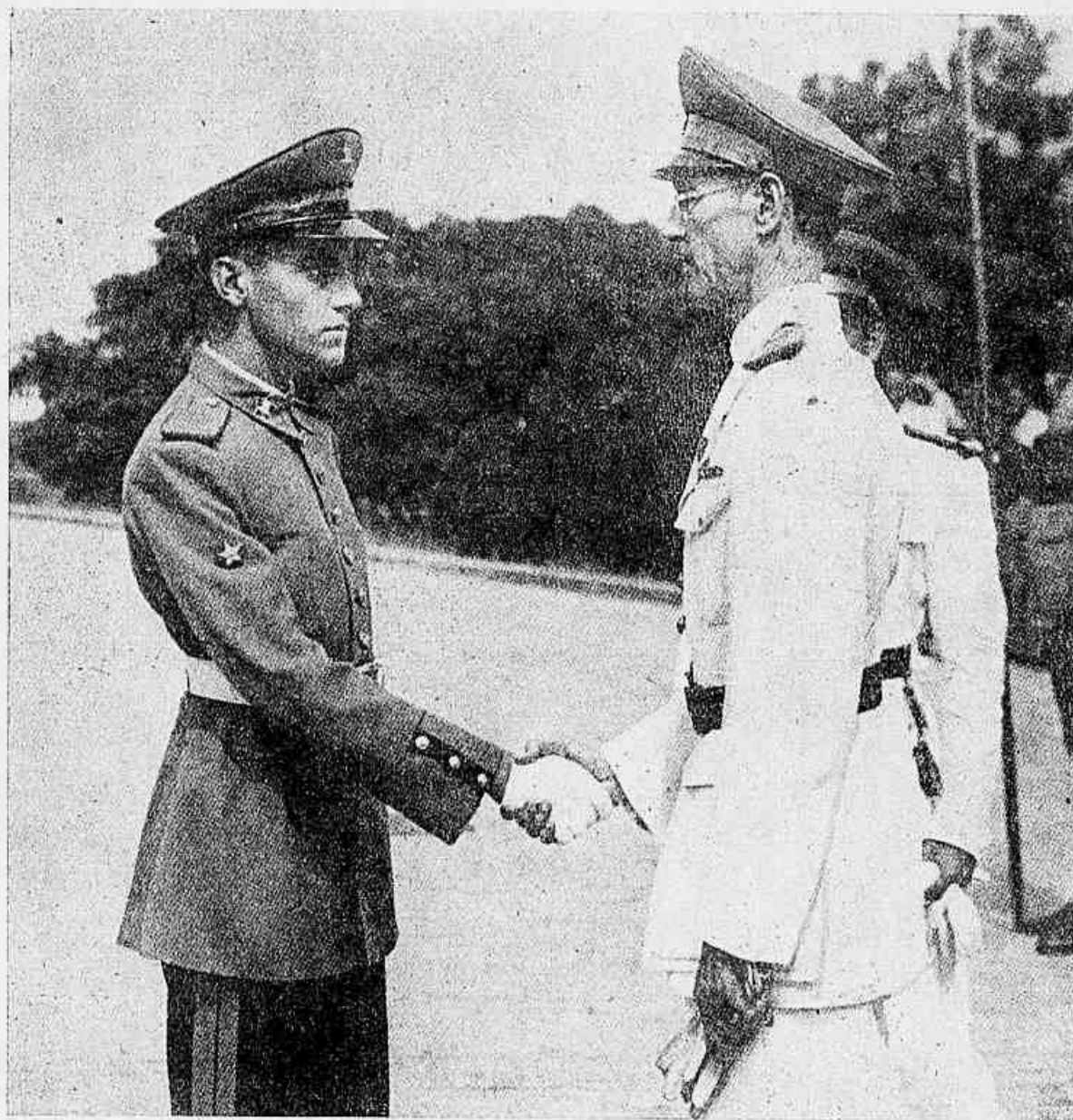
# FIGURAS E FATOS



**REGRESSA O MINISTRO DO TRABALHO** — Ao desembarcar do avião da Panagra em Buenos-Aires, de regresso de Santiago do Chile, onde chefiou a Missão Brasileira á posse do sr. Juan Antonio Rios, o ministro Alexandre Marcondes Filho foi recebido no aeroporto pelo Embaixador Rodrigues Alves.



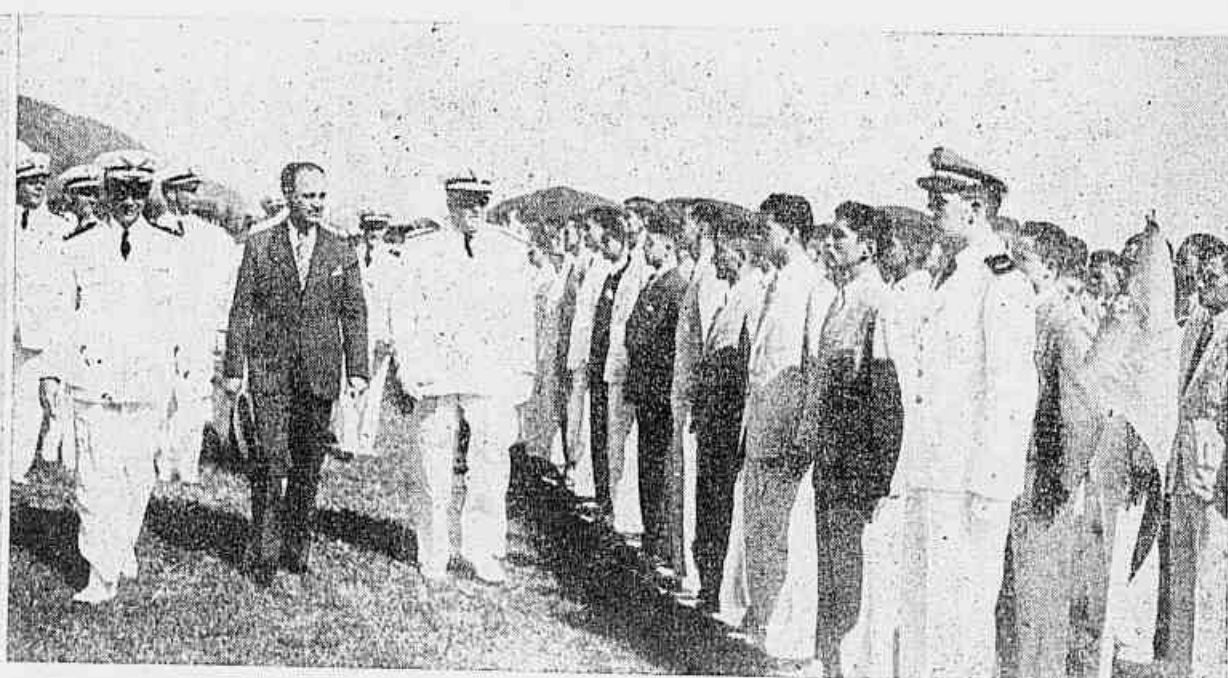
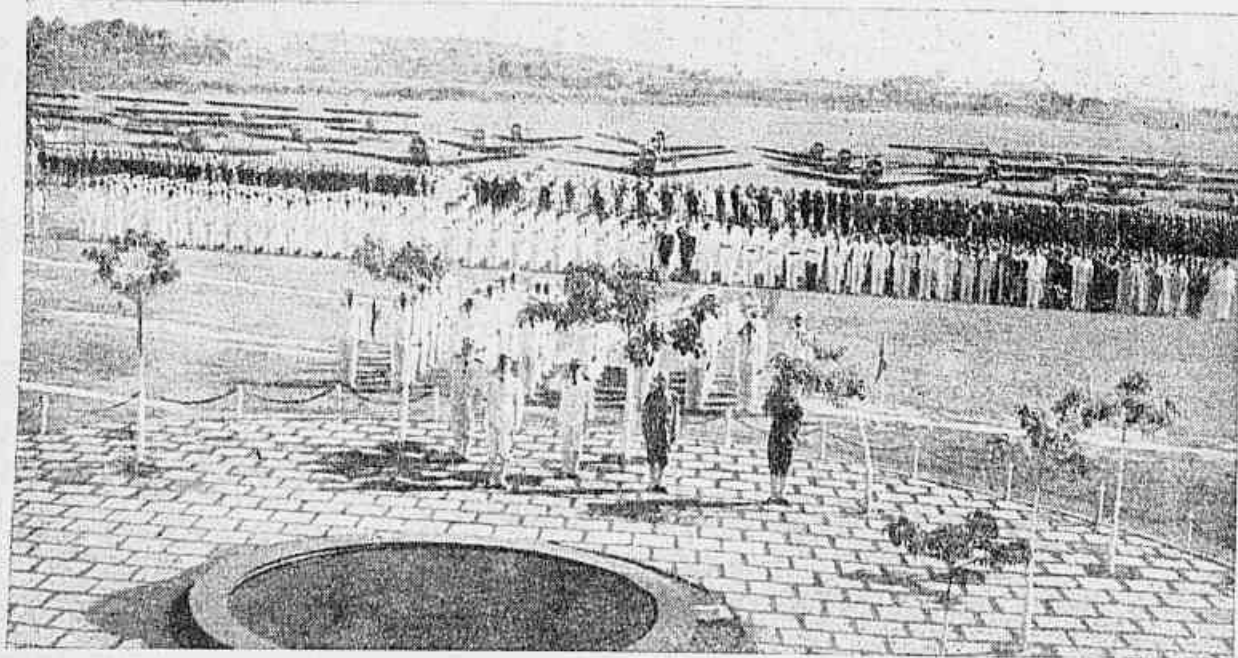
**O REGRESSO DO EMBAIXADOR CEZAR GUTIERREZ** — Procedente de Montevideo, onde esteve em gozo de férias, regressou ao Rio, pelo «clipper» da Pan American Airways, o sr. Cezar Gutierrez, embaixador do Uruguay junto ao nosso Governo. No flagrante acima, colhido no Aeroporto Santos-Dumont, está o ilustre diplomata ao lado do sr. Baptista Luzardo, embaixador do nosso país no Uruguay.



**COLEGIO MILITAR** — Reabriram-se, com grande solenidade, as aulas do Colegio Militar. O aluno Jonas Correia Neto, que desde o exame de admissão vem se distinguindo nos estudos e na aptidão militar, recebeu o justo prêmio dos seus esforços, com a promoção a coronel-comandante do batalhão colegial. Essa fotografia nos mostra o joven oficial-aluno Jonas Correia Neto, sendo investido nas suas novas funções pelo coronel Araujo Fonseca, distinto diretor-comandante daquele tradicional educandário.



**NA FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES DE ASSISTENCIA AOS LAZAROS** — Flagrante da homenagem prestada pela Federação das Sociedades de Assistencia aos Lázaros ao ministro Gustavo Capanema em seu gabinete de trabalho. Nessa ocasião, saudou s. excia. a sra. Eunice Weaver, presidente da Federação, que lhe fez entrega de um pergaminho contendo uma moção de agradecimento da entidade que preside, e de uma medalha de ouro oferecida ao homenageado pela Prefeitura de Belem, em sinal de reconhecimento aos serviços prestados por s. excia. ao Pará.



**NOVOS CADETES INCORPORADOS A' F. A. B.** — Flagrantes colhidos na Escola de Aeronautica, durante a solenidade da incorporação de novos cadetes, e início das aulas naquele estabelecimento de ensino aeronautico, estando presente o ministro Salgado Filho e demais autoridades da Força Aerea Brasileira.



# A VOLTA DE MARACAIBO

Conto de *William A. Krauss*

Ilustração de *Geoffrey Biggs*

CERTA vez, talvez dois ou três anos antes de deixar a França com destino às ilhas do Ocidente, Jean Antoine de Beaupré lera no livro de um filósofo: «Nas lutas do espírito a única defesa consiste em atacar». Esta, como muitas outras frases bem feitas conceituando princípios de auto-comportamento, êle armazenara na inteligência mais para tê-la consigo que para outra coisa. Nêsse período — antes de sua saída da França — Jean Antoine, Cavaleiro de Beaupré, empregava o melhor do seu tempo em devaneios e falava de preferência, por metáforas. Era o caso perdido da família. Todos notavam nêle uma crescente mania de fazer versos, o que, então, acarretava reputação sobremodo baixa.

No correr dos seus dias, entretanto, Jean Antoine de Beaupré veio a conhecer a jovem esposa do comodoro Fernand Coicou. Suas confidências certa vez contriveram uma indiscreção; o Comodoro foi informado. Pouco depois, num bosque próximo a Fontainebleau, encontravam-se os dois, e o Comodoro não sobreviveu a êsse encontro.

Vinte e quatro horas depois o Cavaleiro de Beaupré se encontrava no tombadilho de um navio olhando a costa cinzenta da França que desaparecia. Segurando os vergalhões com suas delicadas mãos morenas êle dizia consigo mesmo que nada tinha a lamentar. O tolo e atrevido Comodoro apenas pagara o preço do seu atrevimento. E quanto a sua jovem esposa...

Por que, conjecturou êle, levantando os olhos para as nuvens, as mulheres entendem de ser sempre realistas em matéria de pura, abstrata poesia?

E, deixando a pergunta no ar, foi para a cabine; e sentou-se à mesa com apetite.

Na manhã em que o navio ancorou no porto de Cayona, cidade principal da ilha de Tortuga, situada algumas milhas ao norte de Hispaniola nas Antilhas Maiores — um lugar onde o calor e a humidade se alternam — Jean Antoine Beaupré acordou tarde. Mas os membros da tripulação, desde cedo na cidade, falaram sem cerimônia pelas tabernas, e assim sucedeu que a reputação do Cavaleiro precedeu a sua aparição.

A gostosa história sucedida em Paris e epilogada no bosque de Fontainebleau saiu aos pedaços, é certo, mas com suficiente força para convencer. E dentro em pouco se tinha propagado pela cidade como fogo.

♦ ♦ ♦

O Cavaleiro levantou-se tarde, arranjou a bagagem e desceu para terra. Passou alguns minutos apreciando a brilhante manhã tropical e dentro em pouco sabia que a opinião local a seu respeito já estava formada. Sua sensível percepção em pouco apreendeu o sentido das diversas escolas filosóficas indígenas com relação a sua pessoa. Antes de terminar o dia, duas conclusões lhe pareciam óbvias. Primeira: havia um certo numero de pessoas preparadas, mesmo ansiosas, para recepcioná-lo. E segunda: Madame Vilaire decidira não o receber.

Madame Vilaire era importante em Cayona por algumas razões mais que o ser mãe de Virginia — uma legítima glória. Ela era quase tão rica quanto em sonho poderia desejar sê-lo um avarento das Índias Ocidentais. Mais ainda: era íntima de Marcel Hibbert cuja palavra tinha força de ordem no Ministério da Guerra em Paris. Uma boa mulher — boa e intransigente. Grande parte da sociedade de Cayona lhe obedecia. Nos últimos dezenove anos sua ocupação predileta era supervisionar as menores ações de sua única filha.

Estavam à mesa — Madame Vilaire e Virginia — quando Martha, a mucama lhes trouxe a notícia da chegada do navio de França. Como um episódio, Martha mencionou distraidamente a chegada de Jean Antoine, Cavaleiro de Beaupré, o qual, segundo o rumor corrente, veio a Cayona em busca da fortuna que lhe reservara a sorte.

Muitos jovens de França, áquela época, andavam em busca da fortuna. Madame Vilaire fez um resmungo.

— Eu conheço o nome Beaupré, disse ela. Quem será êsse Jean Antoine? Que ouviu você na cidade?

Martha nada ouvira a não ser uma referência a um duelo fatal no bosque perto de Fontainebleau. O comodoro Fernand Coicou estava bem enterrado em Paris; sua jovem esposa ficara inconsolável, também em Paris. E naquela manhã Jean Antoine Beaupré, segundo se dizia, um jovem de cabelos intensamente negros e olhos tão pretos quanto os de um falcão, havia chegado a Cayona com sete malas — seis de roupas e pertences, uma de poemas manuscritos.

Madame Vilaire ouviu em silêncio. Despediu em seguida a mucama com um gesto. Por um momento seus olhos descansaram sobre o jardim florido. Sua expressão — para Virginia, a filha — não era inteiramente insondável. Finalmente falou:

— Virginia, você deve não fazer amizade com êsse Beaupré. Deve não o encontrar. Nós não o receberemos. Eu prohibo-o.

— Sim, mamãe, disse Virginia. Como a senhora deseja. (Continúa na pág. 56).







JANET GAYNOR  
1m,52



NORMA SHEARER  
1m,55



LORETTA YOUNG  
1m,59



BETTE DAVIS  
1m,59



CLAUDETTE COLBERT  
1m,59



GINGER ROGERS  
1m,62



JOAN CRAWFORD  
1m,62

# A altura, sério problema para a cena cinematográfica

## O CLOSE-UP E O SAPATO ALTO Heroínas de 1m,52 e heróis de 1m,89



HEDY LAMARR  
1m,69



KAY FRANCIS  
1m,69



BING CROSBY  
1m,72



JOHN GARFIELD  
1m,72



GAIL PATRICK  
1m,72



TYRONE POWER  
1m,74



FRED ASTAIRE  
1m,75





ALICE FAYE  
1m,64



JEANETTE MacDONALD  
1m,64



MYRNA LOY  
1m,64



CAROLE LOMBARD  
1m,65



ELEANOR POWELL  
1m,67



GRETA GARBO  
1m,67



GEORGE RAFT  
1m,69

Quando, trinta anos atrás, o diretor D. W. Griffith experimentou o *close-up* como recurso na arte cinematográfica, a inovação foi recebida com descrença. Ao gosto da época parecia absurdo que na tela aparecessem apenas detalhes dos atores.

Hoje em dia o *close-up* é considerado uma técnica de excepcionais possibilidades para a arte. No entanto, embora o grande público veja no *close-up* apenas um meio de tirar maior partido das cenas, o que mais influenciou para o grande desenvolvimento dessa técnica foi a necessidade de encobrir a falta de proporção bem frequente nas alturas do herói e da heroína, e sobretudo

desagradável nas cenas de amor. O *close-up* permite que a heroína que seja muito baixa suba a um banquinho, ou que o herói, quando a heroína for da sua altura, ponha um sapato de salto alto...

A altura ainda é um dos mais serios problemas da cena cinematográfica. Os recursos do *close-up* são poderosos, mas resolvem apenas algumas dificuldades.

A altura média masculina entre os atores mais famosos de Hollywood é um metro e setenta e sete; entre as atrizes é um metro e sessenta e três. No entanto há atrizes da mesma altura ou mais altas que atores. Por outro lado,



Andaime... recurso para um herói baixinho.

um James Stewart ou um Gary Cooper é trinta centímetros mais alto que Norma Shearer, Bette Davis ou Loretta Young.

Nestas páginas o leitor encontrará a altura de seu astro ou estrela predileto.



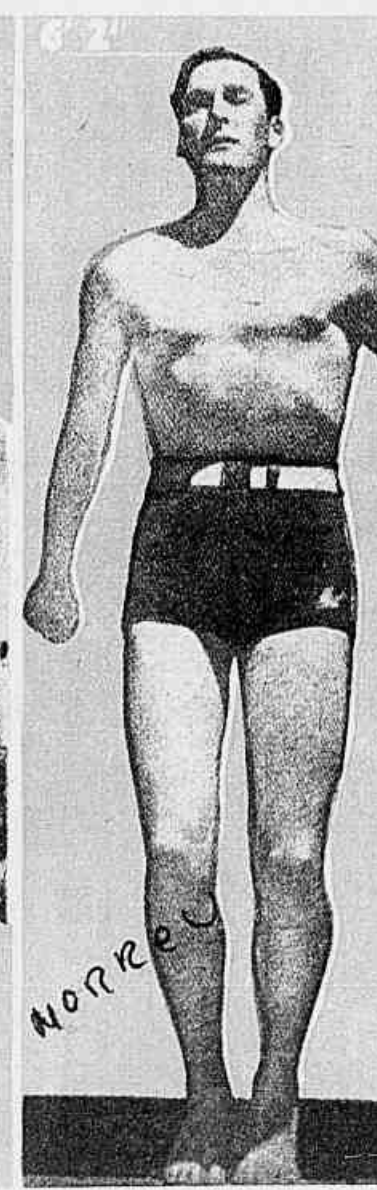
SPENCER TRACY  
1m,77



ROBERT TAYLOR  
1m,83



CLARK GABLE  
1m,85



ERROL FLYNN  
1m,88



NELSON EDDY  
1m,88



JAMES STEWART  
1m,89



GARY COOPER  
1m,89



# Comemorando o



O aniversário natalício do Presidente da República, transcorrido domingo último, coincidindo com o "Dia da Juventude", foi comemorado em todo o Brasil com grandiosas festas, das quais participaram numerosas instituições culturais, desportivas e recreativas, além da massa popular. Na capital da República assumiram caráter de ex-

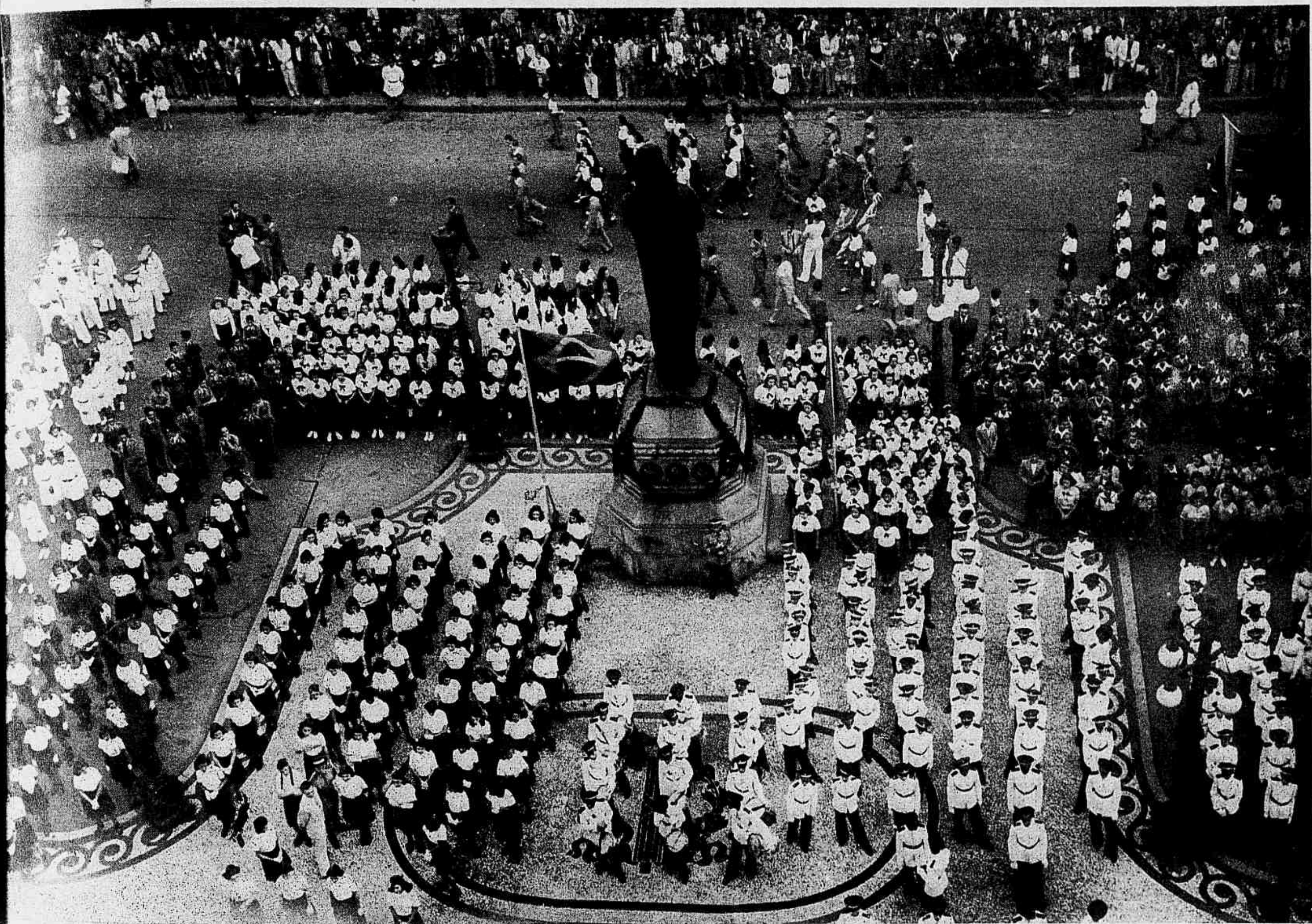
pressivas paradas cívicas as homenagens prestadas ao aniversariante pela mocidade das escolas. No Palácio Tiradentes teve lugar uma sessão cívica a que compareceram delegações dos principais estabelecimentos de ensino do Rio. Não obstante a chuva haja impossibilitado o grande desfile que seria a participação da Juventude Brasileira



O interior do Palácio Tiradentes durante a sessão cívica com que a Juventude Brasileira homenageou o presidente da República no dia de seu aniversário natalício.



# "Dia do Presidente"



nas homenagens do povo ao Chefe do Governo no dia de seu aniversário, a concentração efetuada no adro do Palacio Tiradentes perante grande multidão e onde inúmeros jovens oradores falaram, foi um espetáculo de gala magnífico.

Ao general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, coube a

presidencia dessa bela sessão cívica. Usou da palavra, após os discursos dos representantes da Mocidade, o ministro da Educação, dr. Gustavo Capanema.

Em seguida os participantes desfilaram pela rua da Assembléia e avenida Rio Branco.



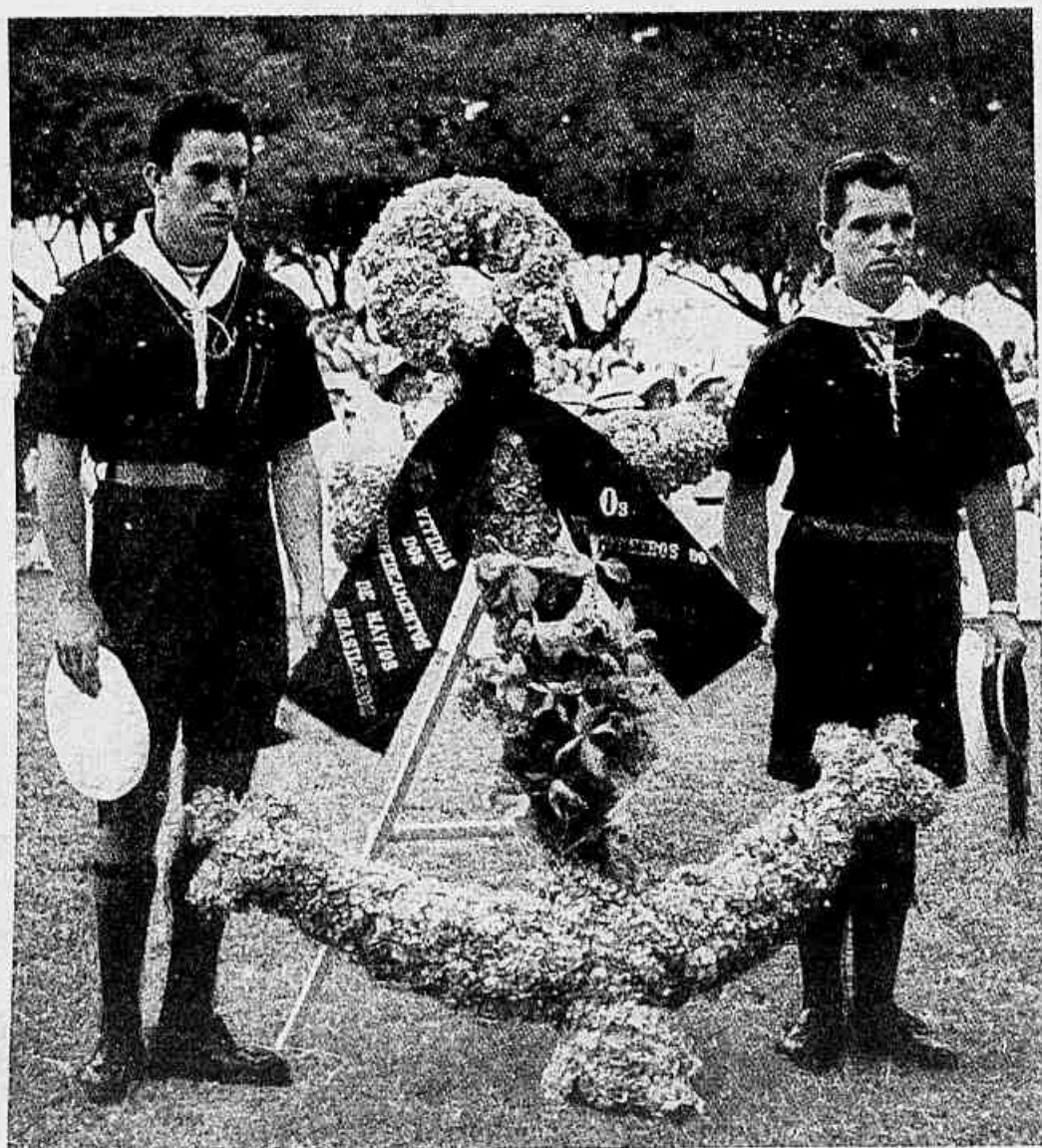
Detalhes da expressiva solenidade. Vêem-se, além de altas autoridades civis e militares, ministros de Estado. Ao centro, o ministro da Educação pronunciando o seu discurso.





Na praia do Russell, durante a missa celebrada por D. André Arcoverde, no Dia do Presidente: as Bandeirantes do Brasil.

Na manhã de domingo os Escoteiros do Brasil realizaram, na Praia do Russell, uma grande concentração, da qual participaram elementos de terra, mar e ar, samaritanas, bandeirantes e estabelecimentos escolares. No palanque oficial viam-se, além do presidente da federação da União dos Escoteiros do Brasil, general Heitor Borges, o ministro Apolonio Sales e altas autoridades civis e militares. Cerca de cinco mil jovens tomaram parte nessa solenidade, que teve início com o hasteamento da Bandeira Nacional, tendo-se ouvido então o Hino Brasileiro. Depois dessa cerimônia foi celebrada uma missa campal em ação de graças pelo transcurso da data.



LOS ESCOTEIROS DO BRASIL — A's vítimas do torpedeamento de navios brasileiros.



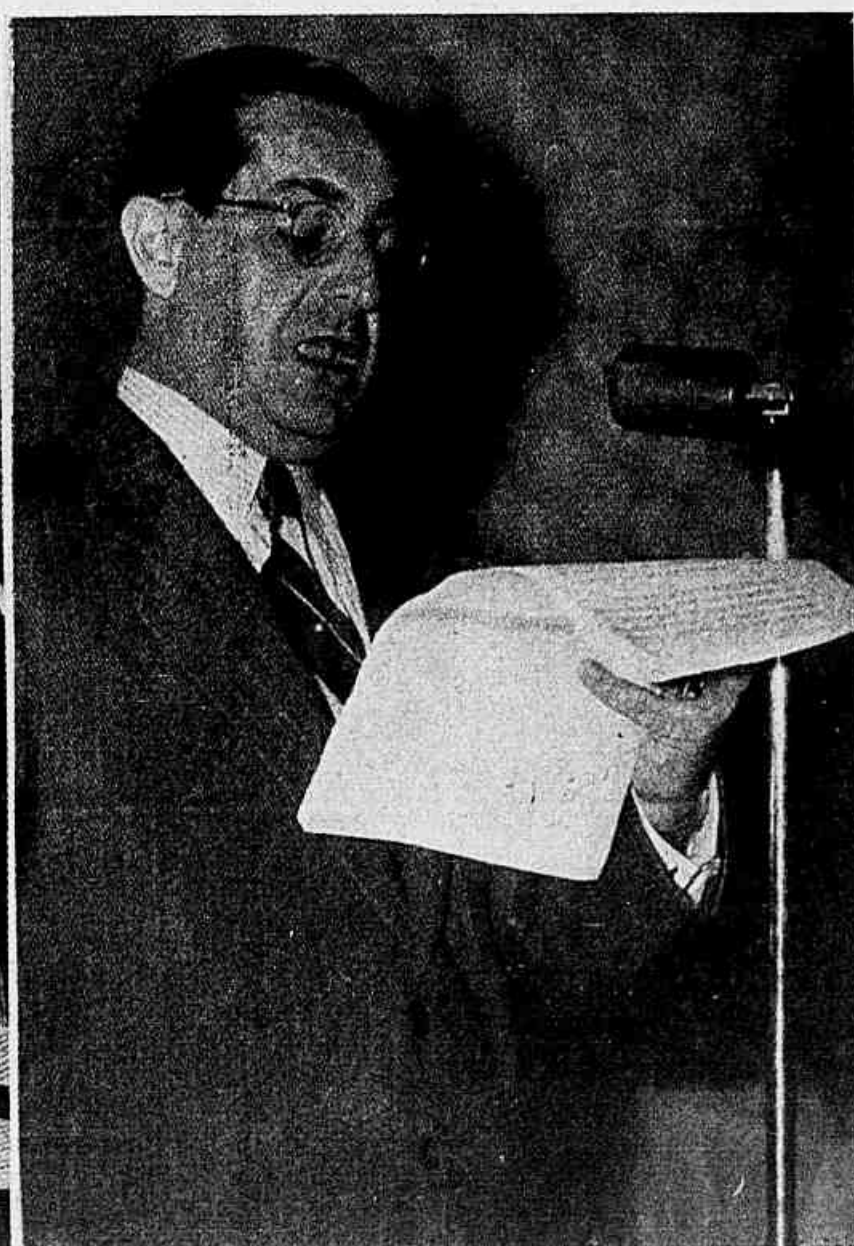
Jornaleiros da Fundação Darcy Vargas que este ano contribuíram para maior brilho das homenagens ao sr. Getúlio Vargas.





Seis mil crianças participaram das belas cerimônias cívicas realizadas na praia do Russell, por iniciativa dos Escoteiros Brasileiros, que se vêem na gravura.

## O Clube Sul América ao Presidente Getulio Vargas



Os funcionários das quatro companhias que formam o "Grupo Sul América" celebraram a passagem da data natalícia do sr. Getulio Vargas com uma linda festa cívico-artística. Ao dr. Gottschalk Coutinho, presidente do Clube, coube fazer a saudação ao aniversariante. Nas fotos acima: o orador e a assistência que o aplaudiu.



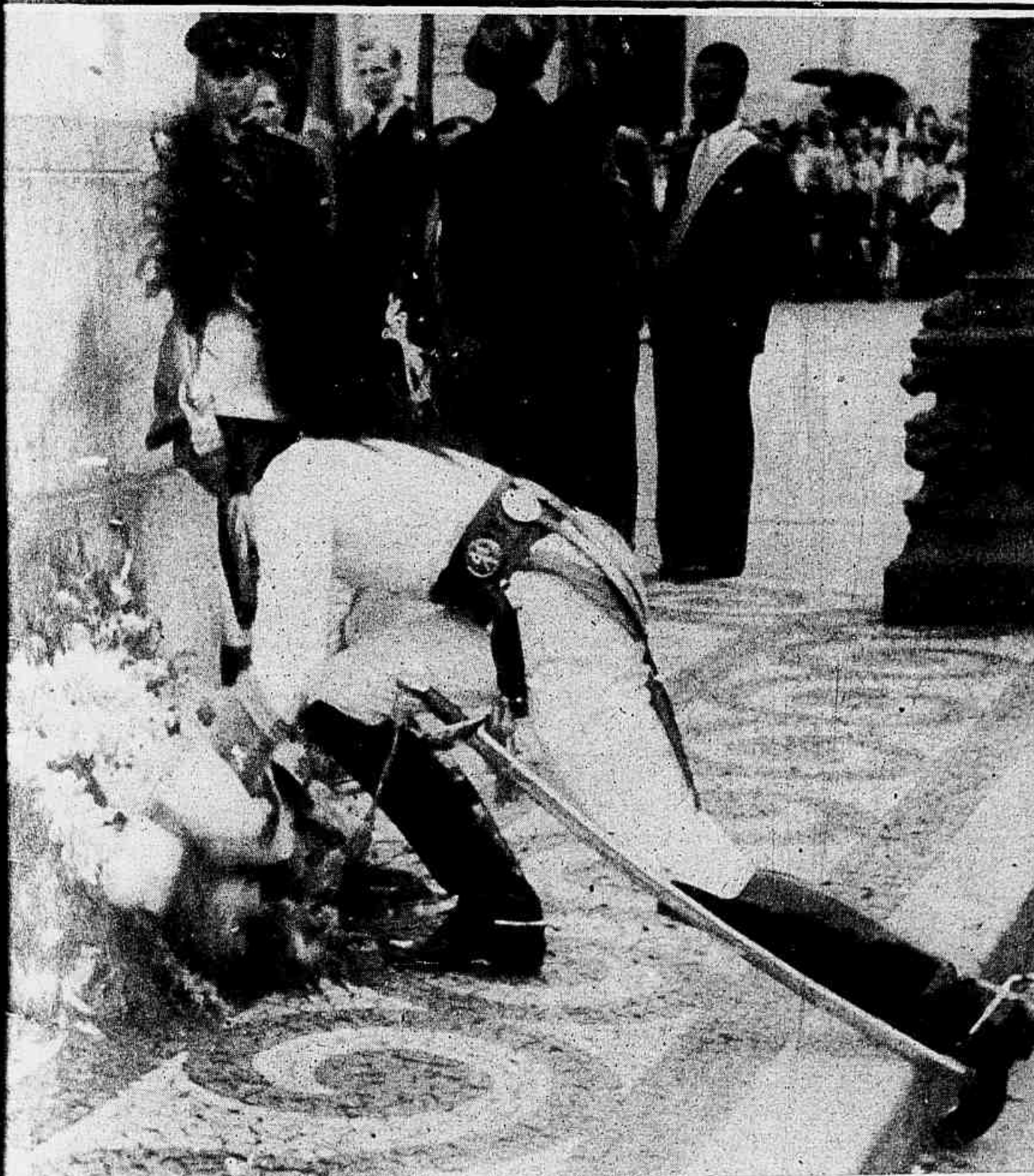
# O 3.º CINCOENTENARIO DO



A  
Silva X  
te cupi  
14 hora  
grande  
e estab  
Cavali  
mada  
a In  
pões



# SUPPLICIO DE TIRADENTES



A página de 150.º aniversário da morte de Tiradentes, celebrada na terça-feira última, nessa série de cerimônias cívicas. As delegações militares e civis e o povo estavam reunidas em frente ao martir de nossa independência. De sentido e, em seguida, a chamada por um oficial dos Dragões da Silva Xavier; encaminhou-se,

então, um soldado para a estatua do herói da Independência e depositou-lhe ao pé uma grinalda de flores. Formou-se após essa cerimônia o cortejo cívico em direção ao local onde fora reconstruído o cadafalso de Tiradentes. Em frente à Escola Tiradentes, onde estava armado o Altar da Pátria, houve uma pausa. Mais adiante, foi incorporado ao cortejo o histórico estandarte da Misericórdia que cento e cinquenta anos atrás acompanhou Tiradentes ao local do suplício.





"Salve, Martir! O Brasil livre glorifica tua memoria e exalta teu exemplo", foram as palavras pronunciadas após a leitura da sentença de morte.



Hasteada a bandeira, os clarins do Batalhão de Guarda tocaram a alvorada e foi prestada continência.





Os Dragões da Independência perfilados em frente à força simbólica. AO ALTO DA PÁGINA — Autoridades civis e militares quando era prestada a continência. A esquerda, escolares que tomaram parte na cerimônia em memória de Tiradentes.

**NO TEATRO MUNICIPAL** — Como fecho das comemorações do terceiro cinquentenário do sacrifício de Tiradentes, realizou-se no Teatro Municipal expressiva sessão solene sob a presidência do general Souza Doca. A sessão foi iniciada com o Hino Nacional cantado pelo Orfeão de Professores do Distrito Federal e acompanhado pelas alunas do Instituto de Educação, tendo em seguida usado da palavra o general Souza Doca, que enalteceu a figura do Martir da Inconfidência.

Às dezesseis horas o cortejo chegou ao local em que fôra armada a força simbólica — o largo do antigo Tesouro Nacional, próximo à igreja de Nossa Senhora da Lapa. Construído em madeira à semelhança do cadafalso colonial, o patíbulo se destacava esquisito e trágico, tendo como ornatos contrastantes grinaldas de flores vivas. No centro da praça formaram as numerosas delegações, o Batalhão de Guarda e Ordens religiosas. Ao redor, estendendo-se numa vasta faixa, comprimia-se a multidão. Foi então

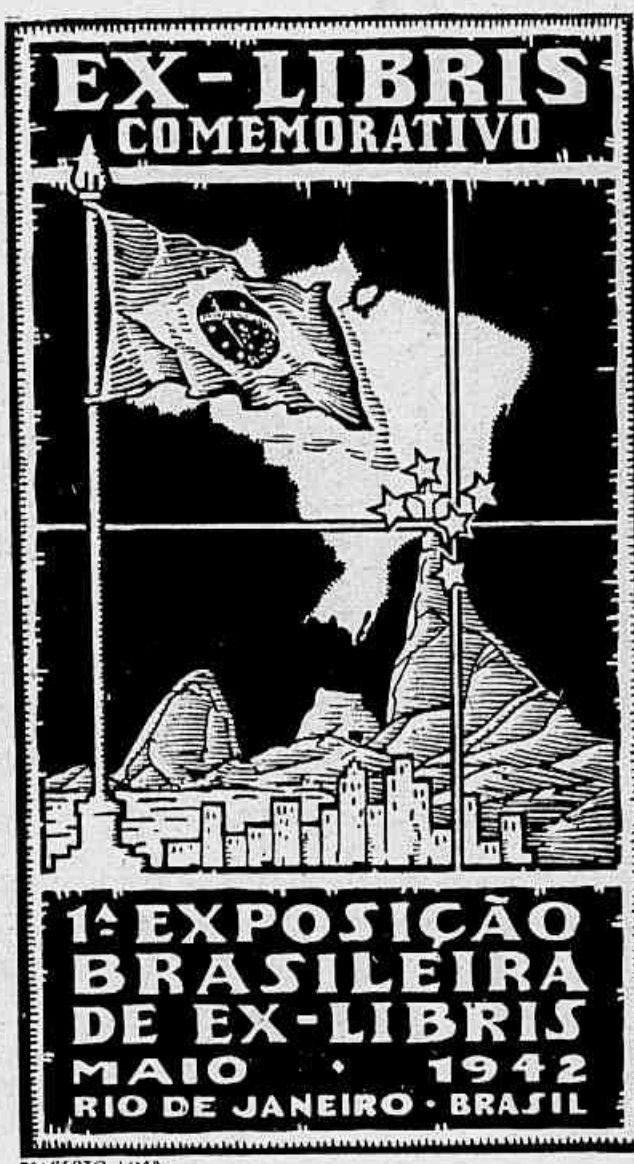
que a professora Catarina Santoro, trajada de preto, simbolizando a justiça que sacrificou o herói, subiu os degraus do patíbulo e na plataforma leu trechos da sentença condenatória de Tiradentes.

Em seguida soaram os tambores do Batalhão de Guarda, sendo hasteada a bandeira nacional.

Os clarins tocaram a alvorada e ouviu-se uma salva de vinte e um tiros.



# 1.<sup>a</sup> Exposição Brasileira de Ex-Libris



Reuniram-se na semana transacta os membros organizadores da 1.<sup>a</sup> Exposição Brasileira de Ex-Libris, que será também a primeira da América do Sul. A essa reunião, que teve lugar no gabinete do diretor do Museu Nacional de Belas Artes, compareceram os srs. Oswaldo Teixeira, Mario Viana, José Heitgen, Acyr Pinto da Luz, Luiz Gomes Loureiro, Clado Ribeiro Lessa, Floriano Bicudo Teixeira, Abrahão Carvalho, Oldemar de Oliveira Cunha, Americo Jacobina Lacombe, Garcia Junior, Nuno Smith de Vasconcellos, E. L. Hirschler, Raul Pederneiras, Alberto Lima e d. Maria Barreto. Ao lado esquerdo, o modelo do Ex-Libris, impresso em pergaminho, que será distribuído aos expositores.

## ANIVERSARIOS

**25** as sras. Berta Otero de Oliveira e Lindolfo Xavier; as senhoritas Helena Rocha Miranda e Stela de Carvalho; o dr. Eronides de Carvalho, juiz do Tribunal de Segurança; o coronel Mario Hermes da Fonseca; o dr. Arthur Henock dos Reis.

**26** as sras. Maria de Lourdes Fortuna Gonçalves Barata e Candido de Assunção; as senhoritas Maria Madalena Pontes e Dulce de Vasconcelos; o dr. Raul Chagas; o dr. João Guimarães; o ex-senador Pedro Lago.

**27** as sras. Maria Jacobina Rabelo e Maria José da Luz Ferreira; as senhoritas Adelaide Teixeira e Edith Rocha; o general Heitor Augusto Borges; os dres. Carlos Viana Guilhem, Alvaro Rodrigues e José Lopes Pontes.

**28** as sras. Carmen de Castro Barbosa de Araujo e Marieta Carvalho; as senhoritas Herminia Morado e Octacilia Washington; os comandantes Aurelino José Jorge Filho e Ataulpa Neves; os dres. José de Albuquerque e Bento Ribeiro de Castro.



**J. T. FERREIRA DE MELO** — Esse destacado funcionario da Repartição Central do Instituto dos Comerciantes vem de ser promovido por merecimento e nomeado Chefe da Seção de Previdência do I. A. P. C. no Distrito Federal. O flagrante mostra o sr. Ferreira de Melo quando, no ato de posse, era cumprimentado por colegas e amigos.

**29** as senhoritas Eliete Cunha, Baby do Amaral, Adelina Ferrari e Amelia Mendes da Silva; o almirante Raul Ferreira Viana Bandeira; os dres. Guerreiro de Castro, Flavio Monteiro Amaral e Armando Duque Estrada.

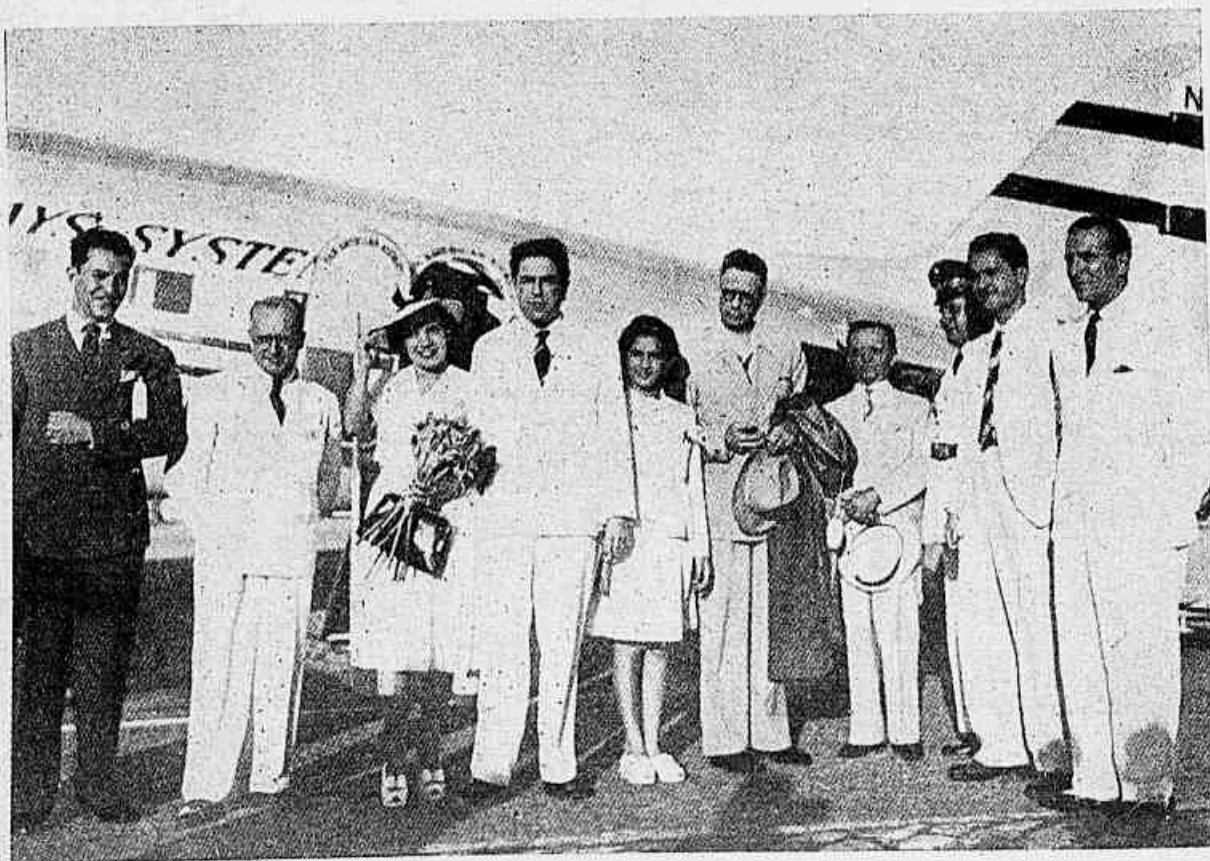
**30** as sras. Almerinda Campanela, Yolanda de Almeida Passos e viúva marechal Pereira Lobo; as senhoritas Marina Burlamaqui e Nair Zamith; os dres. Eduardo Lopes, Raul de Campos e Pio Benedito Ottoni.

**1** as sras. viúva Aureliano Machado e Hilda Pareto; as senhoritas Eley Navarro da Fonseca e Clara Barbosa de Almeida; os dres. Adolfo Madruga e Julio Marcondes do Amaral.

## DIPLOMÁTICAS

Realizou-se, na terça-feira, à tarde, na residência do embaixador do México, sr. José Maria Davila, uma manifestação pela passagem do seu aniversário natalício.

Com a presença de elementos dos nossos círculos sociais e de amigos e admiradores, a diretoria do Instituto Brasil-México prestou-lhe uma homenagem, durante a qual um dos seus membros pôs em evidencia a atuação do embaixador Davila, no sentido de se tornar mais intenso o intercambio comercial e cultural entre o seu e o nosso país, tendo a. excia. agradecido a manifestação.



**A CHEGADA DO EMBAIXADOR DO MEXICO** — Aspecto do desembarque, no Aeroporto Santos-Dumont, do "clipper" da Pan American Airways vindo dos Estados Unidos, do sr. José Maria Davila, Embaixador do México no Brasil.



## JORNAL DAS FAMILIAS



1 — Toilette composta de uma ampla saia de tafetá branco com xadrez vermelho, blusa de renda branca. Chale de crepe vermelho com longa franja.  
2 — Blusa de tafetá branco com xadrez preto, com faixa do mesmo tecido, saia de gaze "chiffon" branco.

Não se sabe exatamente ainda a direção que vai tomar a moda; nesta época de incerteza é natural que em tudo se sinta a indecisão. Ora parece que vamos ter a cintura descida, ora que vão ser os babados os preferidos para guarnecer as saias e blusas, ora é a saia *entravée* que quer dominar. E, infelizmente, já são tantos os modelos dessa moda tão incômoda — tirando completamente a liberdade de andar — que talvez seja essa que vencerá; mas ainda é cedo para uma afirmativa, porque muitos são também os modelos de saias com roda razoável, podendo-se ter o direito de esperar que voltem atrás os modelistas encarregados de lançar as modas.

Nos vestidos da noite notam-se as duas tendências bem nitidas: vestidos com as saias completamente ajustadas, ao lado de outros com muito ampla roda.

## CRONICA DA MODA

O tafetá misturado com o tule, a gaze e a renda formam interessantes toilettes muito modernas e originaes. Damos, como exemplo, duas toilettes para jantar: a primeira, saia de tafetá branco com xadrez vermelho e blusa de renda branca; a segunda compõe-se de uma saia de gaze *chiffon* branco e blusa de tafetá branco com xadrez preto, faixa de tafetá, mangas longas guarnecidas com babados do tecido da saia.

A mistura dos coloridos tem também a sua originalidade, numa toilette bem moderna de saia extremamente ajustada; o *bolero* é no tom violeta, a blusa verde, a saia preta, tudo em crepe de seda. Numa outra, a saia, com pouca roda na parte de baixo e franzidos na frente junto á cintura, é de crepe côr de pêssego; o *bolero*, de crepe preto sobre uma blusa do tecido da saia; babados formando grande *jabot*.

MARINETTE



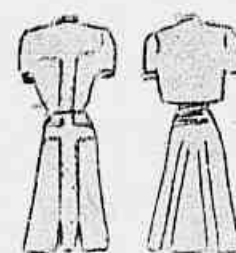
## Modelos elegantes



Vestido de crepe lilá rosado. Chapéu de palha preta com véu do colorido do vestido.



1



*Michel*  
O BATON  
DAS MULHERES BONITAS



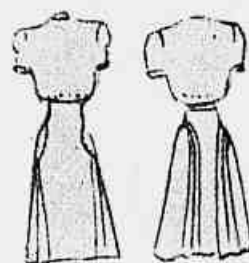
2

3



4

5



- 1 — Vestido em shantung azul marinho; pala, punhos e babado em volta da basquinha de laize branca, bordada. 2 — Vestido de linho branco; gola, punhos e bolsa de linho branco com listas verdes. Neste mesmo tom os pespontos. 3 — Costume de linho marron avermelhado; blusa pregada na saia de tecido de fantasia. 4 — Vestido de toile de seda estampada, fundo branco com desenhos vermelhos, guarnecido com o mesmo tecido branco, festonado com linha vermelha. 5 — Vestido de tecido de algodão ou linho de fantasia, enfeitado com o mesmo tecido branco.



Vestido de crepe azul, saia com dois babados, laços do próprio tecido. Gola de faille branca.

### "O REGIME ALIMENTAR É O PAZ DA SAÚDE" É UMA MÁXIMA DO ALCORÃO

Muitas são as doenças provocadas pelos maus regimes enquanto que outras são curadas só com um bom regime.

Mas não é coisa fácil convencer ou antes conseguir de um doente que ele siga um determinado regime. Porque é precisa muita força de vontade para privar-se dos alimentos que aprecia. Muitos também são os que não querem reconhecer que estão doentes devido à sua gulodice. O obeso comilão, o diabético gordo, o gotoso, o alcoólatra desejariam bem curar-se, mas sem cessar de empanturrar-se e beber. Pedem remédios e não regime. Preferem lançar sobre os pais a responsabilidade da sua doença, ou atribuí-la

a acidentes, mas nunca reconhecem a própria culpa.

O obeso glutão é preguiçoso, deseja emagrecer, mas sem fazer exercício, nem seguir regime; reclama somente remédios. Aceita com facilidade uma cura termal, contanto que não tenha que se privar de gulodices. Invoca as razões mais fantásticas para explicar a obesidade, esquecendo-se sempre das duas principais causas: a superalimentação e a sedentariedade.

O mal de Bright, ou nefrite crônica, é também um mal de que se conhece a origem. Dão-se como causas infecções e intoxicações, e não se pensa na superalimentação prolongada: a gota, diabete e o mal de Bright são habitualmente causados por ela.

Naturalmente há exceções, mas geral-

mente esses doentes tiveram uma superalimentação.

O mau regime está entre os maiores flagelos da humanidade: a superalimentação mata talvez mais gente que a tuberculose e o cancer.

Os regimes têm diversas maneiras de ser perigosos; tanto podem ser prejudiciais pela quantidade, como pela deficiência. Pode sua ação ser irritante, tóxica, ou devida à falta dos princípios indispensáveis à nutrição dos tecidos, ou à ausência de vitaminas ou de matérias minerais.

O vício da quantidade está em relação seja com o excesso, seja com a insuficiência dos alimentos; tais são os regimes de superalimentação ou, ao contrário, de hipocalimentação.



# Costumes modernos

MÁSCARA DE LAMA  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO  
A VENDA EM TODA A PARTE



1 — Costume de linho rosa, gola e punhos de fustão branco bordado.

2 — Costume de crepe verde, casaco com pala, bolsos e basquinha guarnecidos com pespontos de retroz preto, formando xadrez.

3 — Vestido e casaco curto de crepe Georgette amarelo, casaco guarnecido com vriez de seda branca.

4 — Costume de crepe azul, o casaco é guarnecido com franzidos. Bordados o casaco e a saia com "soutache" de seda branca.



Vestido de crepe amarelo claro, guarnecido com fita vermelho claro.

OS BABADOS ESTÃO NA MODA



Vestido de crepe preto; dois babados franzidos na saia; no corpo, aplicação ou bordado de uma rosa branca; gola e punhos de crepe branco.

## RESPEITAR O QUE PERTENCE AOS OUTROS

Muitas são as pessoas que se julgam de uma honestidade perfeita e que no entanto restituem os objetos que lhes foram emprestados completamente deteriorados. Então os livros, inúmeras são as pessoas que ficam com eles, tomando o empréstimo como um presente. E' pois indispensável incutir no espirito da criança que ficar com qualquer objeto alheio é uma indelicadeza, para não se dar a classi-

ficação exata, mesmo que seja um simples livro em brochura.

Se todos, em criança, tivessem sido educados a respeitar o que não lhes pertence, não se veriam tantos vandalas nas bibliotecas publicas, arrancando páginas dos livros, para não ter o trabalho de copiar, riscando o livro com o lapis para se divertirem, tomando notas nas margens. Enfim, portam-se esses «estudiosos» como se fossem bárbaros, tudo destruindo na sua passagem, não se lembrando de que outros vão precisar daqueles livros que estão inutilizando.

Não custa muito pôr uma capa no livro que nos foi emprestado, limpar o guarda-chuva ou o agasalho antes de o entregar.

Não são só as crianças que não passam por uma planta sem arrancar uma flor, uma folha que vão atirar um pouco mais adiante; muitos adultos o fazem também.

Não podem ver um muro pintado de fresco sem o riscar seja lá com que fôr, contanto que fique estragado; é um desejo doentio de estragar tudo que vêem.

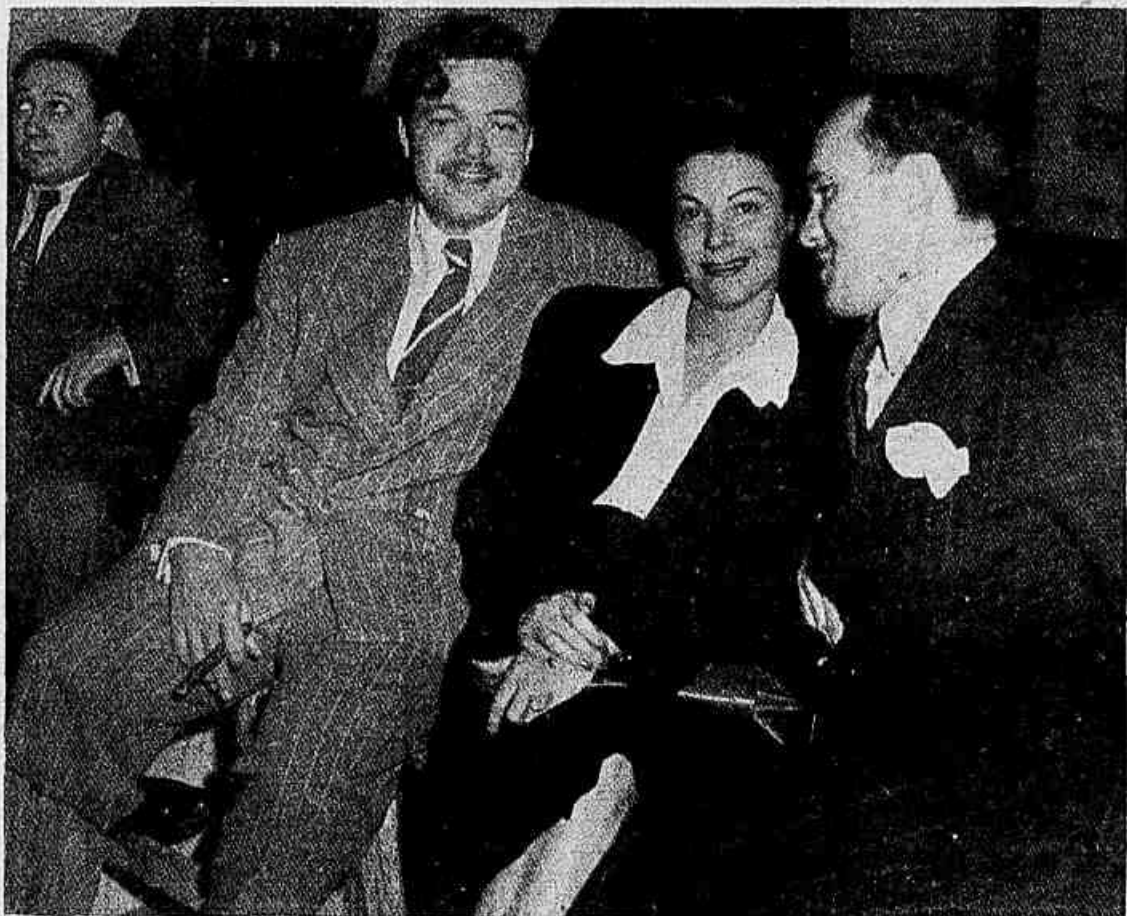
Já que não se podem educar os grandes, que se eduquem pelo menos os pequenos.





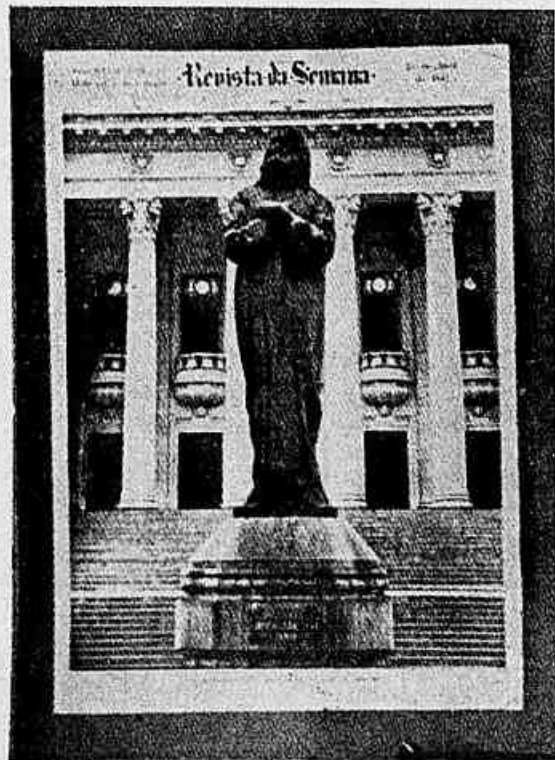
## Orson Welles recebe os jornalistas cariocas

Ansiosos por conhecer os primeiros resultados dos trabalhos que entre nós vem realizando o conhecido cinematografista americano, os jornalistas surpreenderam Orson Welles, há poucos dias, em seu ambiente de atividade profissional. Com seu invencível humor e inesgotável paciência o audacioso criador do "Cidadão Kane" pouco a pouco desvaneceu o desejo geral de colher informações definitivas. "Tudo se pode esperar, nada afirmar, porém, com antecedência". Em compensação, o jovial cinematografista contou algumas anedotas que fizeram esquecer o motivo da visita...



## ANossa capa

Este número da REVISTA DA SEMANA, em que é comemorado o sesquicentenário do suplicio de "Tiradentes", tem como capa o monumento que o Rio de Janeiro ergueu ao proto-mártir da independência patria.



Esse monumento, situado diante do atual Palacio Tiradentes, teve lugar concientemente escolhido. Levanta-se ele em frente do local onde foi a Cadeia Velha, prisão da qual Silva Xavier saiu para a forca que foi colocada no campo da Lampadosa e na qual pereceu a 21 de Abril de 1792.

Está, pois, em sítio histórico, que recordará sempre a grandeza do sacrificio de "Tiradentes".



ROTARY CLUBE — Aspecto colhido no Automovel Clube do Brasil, no almoço do Rotary Clube, e no momento em que o dr. Carlos Coimbra da Luz, presidente da Caixa Economica Federal, fazia a sua interessante palestra sobre Araxá.

## AGUARDEM

O numero especial  
de aniversario da

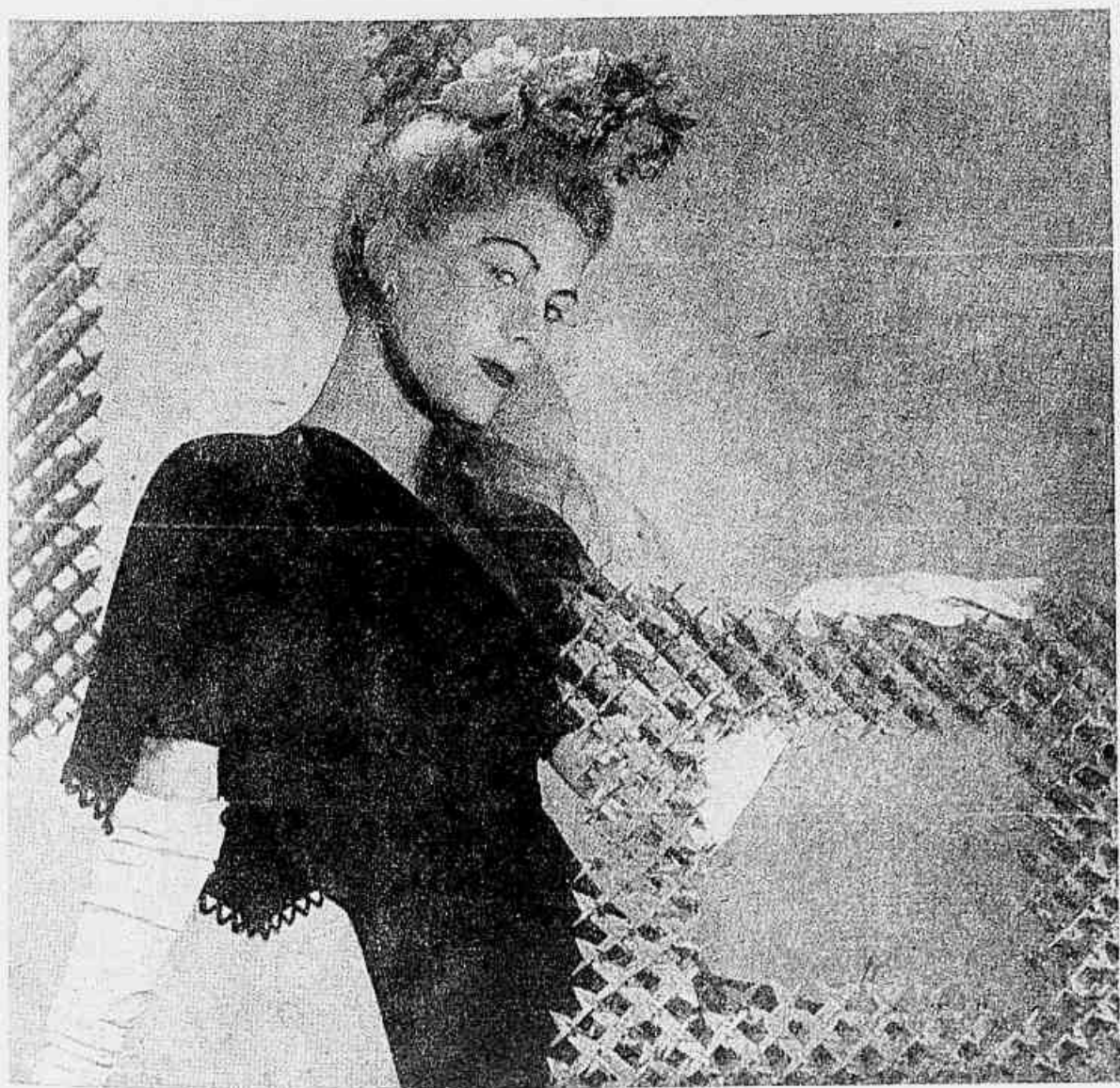
# Revista da Semana



# VESTIDOS MODERNOS



1 — Vestido de crepe ou voile de fantasia; frente guarnecida com nervuras.  
2 — Vestido de linho branco com desenhos multicôres. Gola de fustão branco.



Vestuario moderno assemelhando-se ao antigo. Vestido de crepe preto acompanhado por uma capa do mesmo tecido, guarnecida com bicos formados por viezes. A toque, com flores, amarra-se sob o queixo por um grande laço de vau preto.

# Elizabeth

Um creme idealizado para effectuar rapidamente a limpeza da cutis...

Uma base para o maquillage, que o conserva radiante e inalteravel...

Um preparado que permite encobrir todas as imperfeições da pelle...



## ARDENA BASE PARA MAQUILLAGE

A "Ardena Base para Maquillage" constitue o fixador ideal para o pó de arroz, e proporciona um maquillage que se apresenta perfeito por horas e horas. A "Ardena Base para Maquillage" estendida sobre o rosto e pescoço, torna invisiveis marcas e sardas, e outros signaes que empanam a beleza da tez.

## BRANDO CREME DE LIMPEZA

O "Brando Creme de Limpeza" suave e refrescante, facil de applicar e de remover, pode ser usado varias vezes ao dia. O "Brando Creme de Limpeza" limpa instantaneamente a cutis, e facilita em qualquer momento a rapida renovação do maquillage.

# Arden

## PENSAMENTOS

Dividir para combater. Nunca atacar todas as dificuldades ao mesmo tempo. Saber esperar a oportunidade, não precipitando os acontecimentos. A precipitação é inimiga da perfeição.

Renato Kehl.

Amor se escreve sem agá, diz Luiz a Ana Maria, e a jovem sai à rua e compra na livraria esse romance engraçado que é guia do namorado e onde ensina o autor como a mulher e o homem encontram o agá no amor.



Costume de zefir de xadrez azul marinho sobre fundo branco.

Procure evitar os que não sabem perder o tempo sozinhos: eles são o flagelo das pessoas ocupadas.

De Bonald.





**ESTORES, CORTINAS E TOLDOS**  
PARA PARTICULARES E COMERCIO  
**Sebastião C. Santos**  
Armador e Estofador. Serviços por  
conta própria. Chamados para:  
Rua José Felix, 72-Tel. 48-0733



## PENSAMENTOS

Jamais esquecer que temos, em relação á melhoria progressiva da espécie humana, uma eternidade diante de nós, e que o tempo que marca a sua evolução não tem por unidade a hora, o dia nem o ano, mas os séculos. Cumpre-nos, pois, com o quinhão do esforço individual, auxiliar o progresso da coletividade para a reali-

zação do grande Bem integrado na saúde do corpo e do espírito.

Renato Kehl.

**CREME DE MASSAGEM**  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
De Mme. Campos  
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS  
**A VENDA EM TODA A PARTE**

## VESTIDOS SINGELOS



1 — Vestido de zefir ou linho listado; abotoamento nas costas. Faixa de pelica envernizada. 2 — Vestido de fustão branco ou de colorido suave, guarnecido com largo cadaço zig-zag, branco.

## A VOLTA DE MARACAIBO

(Continuação da pag. 19)

Tres dias após, em uma recepção de Madame Chrétien Henri de Bériot, Virginia Vilaire e o Cavaleiro Beaupré se encontraram face a face através de uma mesinha de café; e se amaram.

Por um momento ficaram mudos. Olharam-se mutuamente de uma maneira compreensiva, e olhando-se nada mais necessitaram dizer. Conversavam ao seu redor, mas eles sentiam-se longe. Jean Antoine percebeu o sangue pulsando no seu coração. Ali, finalmente — e em que recanto do mundo — estava a mulher que persistente e intoxicadamente ocupava todos os seus sonhos. Ele a tinha acreditado inacessível fantasia — e ali estava ela. Seus lábios eram entreabertos. Seus olhos eram brilhantes e escuros como um céu noturno. E a harmonia sutil das linhas de sua face e fronte lembravam alguma coisa de musical.

Madame Bériot havia feito a apresentação:

— Virginia, dissera ela, este é o Cavaleiro de Beaupré. Chegou há pouco a esta Colônia. Trate-o com simpatia. E acrescentara compondo um riso — Mas cuidado, minha querida. Dizem que o Cavaleiro é poeta...

Virginia deixara-se ficar numa cadeira diante de uma pequena mesa de mogno e Jean Antoine, cujos olhos não se desprendiam dela, tomara o lugar oposto.

Depois de um momento Jean Antoine quebrou o silêncio:

— Tenho ouvido falar a seu respeito, disse conservando a voz baixa. A seu respeito e de Madame sua mãe. Soube que a porta de sua casa foi fechada para mim. É pena. — Depois de ligeira pausa acrescentou: E o que os jovens de Tortuga dizem a seu respeito não é exagerado.

— Que lhe disseram? interveio Virginia olhando-o de frente e falando com voz clara e firme.

— Disseram-me que você era bela. Não posso negar-o.

— Isto é uma impertinência.

— Não é propriamente isso, disse Jean Antoine pausadamente. Eu tenho idéas próprias a respeito de beleza; de nenhuma maneira faço concessões neste terreno. Succede que você me parece exquisita — há algum preceito nesta terra que nos obrigue a ocultar os pensamentos?

Ela não respondeu.

O Cavaleiro Beaupré sentia-se enlevado numa onda de galantaria. Um sorriso pairava nos seus lábios. — Nós homens de Paris somos naturalmente impetuosos...

A moça levantou-se então. Olhou-o friamente.

— Banalidades, disse. Você está sendo vulgar e afetado. Fôra melhor que eu lhe tivesse dito de início que isto aqui é uma Colônia distante, de gente meio primitiva. Não damos nenhum valor às frases retorcidas da corte. Paris está longe. Nós preferimos assim.

Ela fez uma ligeira cortezia e procurou outras pessoas. Os olhos de Jean Antoine seguiram-na através da sala...

O amor á primeira vista, ainda que às vezes belo, tem sempre gosto de coisa absurda. Em sua carruagem, de volta para casa, Virginia Vilaire sentia febre nas mãos. Desprendeuse aos poucos dos solavancos que a atiravam para diante na borda florida da colina, e reconstituiu as palavras — todas as palavras — que Jean Antoine lhe tinha dito. Reviu sua face morena contornada pela cabeleira negra e iluminada pelo brilho intenso dos olhos. Reviu o seu sorriso irônico e confiante...

E, quanto tremula retornou concientemente dessa introspecção, ela sentiu que o amava.

— Mas isto é absurdo! murmurou num suspiro.

Sentia-se provocada em seu fôro íntimo. Aquele era o comportamento que se deveria esperar de uma criança, dizia consigo mesma; de uma criança ou de uma criadilha.

Chegou ao mesmo tempo ao sertão de casa e a uma decisão. Aquilo não era amor, disse; talvez fosse mesmo uma espécie de hipnotismo. Jean Antoine de Beaupré conseguira impressioná-la com o magnetismo de — de sua personalidade. Simplesmente isto, e isto era um abuso.

Calmamente disse então para si mesma — sua face assumiu um tom de severidade: — o amor começa com a admiração; e no Cavaleiro de Beaupré hávia muito pouco para ser admirado. Ele é se não propriamente dissoluto, fraco de caráter. Elogia-se pretendendo humilhar os outros. A presunção está estampada no seu rosto — naquela trunfa enfeitada de boulevardier. E também não é verdade que ele é um assassino?

Desceu da carruagem e subiu pressurosa para a varanda.

— Mãe, disse. — Madame Vilaire estava sentada com um livro á mão. — Mãe penso que devo lhe dizer que me encontrei com o Cavaleiro Beaupré na casa de Madame Bériot. A senhora fez muito bem resolvendo não o receber.

— Sim? e madame Vilaire levantou os olhos interrogativamente.

— Sim, fez muito bem.

Pela manhã um negro de recados apareceu trazendo um cartão do Cavaleiro de Beaupré para Madame Vilaire. O signatário respeitavelmente pedia licença para comunicar sua estada na Ilha. Acrescentava que conhecera com alguma intimidade, em Paris, o primo de Madame, Marcel Hibbert, e que teria prazer em pessoalmente apresentar os seus cumprimentos a Madame. Finalizando sugeria uma visita aquela tarde, ás 17 horas. Madame Vilaire respondeu por escrito. Era forçada por circunstâncias inalienáveis a dizer que ás 17 horas não o poderia receber. Enquanto significava os seus agradecimentos pela deferência do Cavaleiro lhe fazia sentir que sua visita em nenhuma ocasião seria agradável.

Dentro de uma hora o mensageiro voltou. Trazia agora uma carta lacrada para Mademoiselle Virginia Vilaire. Madame recebeu e abriu-a. Poderia Mademoiselle sentir em recebe-lo ás 16 horas em seu jardim?

A face de Madame Vilaire ficou livida. Chamou a filha.

— Leia isto por favor. A moça tomou a carta entre os dedos. Madame Vilaire acrescentou: — Naturalmente você não o receberá...

— Não, naturalmente, respondeu a moça.

Para o mensageiro que estava sob a varanda Madame Vilaire disse:

— Pode dizer a seu amo que a resposta é não. Entende? Voltando-se para a filha acrescentou: — Intolerável ousadia!

Em voz baixa a moça respondeu: — Sim mãe, intolerável.

Ficaram na varanda olhando a figura do mensageiro de Jean Antoine. Madame Vilaire estava possessa, mas Virginia tão impassível como uma pedra.

Foi então que o Cavaleiro de Beaupré se ausentou; então ou pouco depois. Mas Virginia Vilaire só tomou conhecimento de sua partida uma semana após.

Sucedera — e a história fôra contada e recontada — que o Cavaleiro dera para frequentar o Cabaret de Cayona na convivência de pessoas pouco notáveis. Com elas Jean Antoine discutia meios fáceis de conseguir fortuna.

— Os grandes dias dos flibusteiros já passaram — disse certa vez um tal Felipe Latouche.

— E? inquiriu Jean Antoine. — Por que?

E todos se apressaram a explicar que os espanhóis já não eram tão imprevidentes. Já não expunham assim os seus navios e colônias.

— Se fôsse fácil isto não me atraíria, disse Jean Antoine. — Quem de vocês quer empregar dinheiro numa empresa?

— Que empresa? perguntaram.

— Eu decidi, declarou Jean Antoine com um gesto largo — eu agora mesmo decidi atacar Azua no São Domingo espanhol. É um lugar pequeno, mas para começar serve.

Filipe Latouche estava embasbacado. — O que? disse ele, você já atentou nas dificuldades?

— Muito pouco, respondeu Jean Antoine alegremente. Sei que preciso de um



navio, um piloto e alguns homens. Neste momento o que interessa é saber se algum de vocês tem dinheiro para empregar na empresa.

Foi assim que começou a história. Ninguém, é verdade, tivera dinheiro para empregar, e foi com os próprios recursos que o Cavaleiro de Beaupré comprou a fragata *Turtle* de quarenta bocas de fogo — um barco quase obsoleto. Com auxílio de um experto recrutou pelas tavernas uma tripulação de sessenta e cinco homens — quase todos franceses, mas com representação inglesa, holandesa e portuguesa.

O *Turtle* foi aprovisionado e partiu com o vento de uma manhã. Não poucas das pessoas que o viram deixando o porto acreditaram não mais voltar a ver Jean Antoine. Entretanto, quatro semanas depois o barco voltava trazendo consigo um bello navio espanhol de nome *Trinidad*.

A história foi relatada em poucas palavras. Com um ataque de surpresa no escuro o Cavaleiro conseguira anular os dois fortes de Azua. A saída fôra efetuada com a mesma rapidez do ataque. Na costa de São Domingo haviam encontrado o *Trinidad*. O Cavaleiro manobrou com audácia conseguindo estabelecer pânico entre os espanhóis.

Em Azua e no mar somente trinta dos sessenta e cinco homens da tripulação haviam desaparecido.

A noite o Cavaleiro de Beaupré, ostentando a sua espada, jantara com o Governador Oregon.

♦ ♦ ♦

O temor que se apoderara de Virginia Vilaire, com a notícia da expedição, aos poucos se foi transformando numa dor que continha muito de desprezo.

A coisa era estúpida e insensata; uma aventura concebida numa taberna e dirigida por uma criança excitada — pois ele era pouco mais que uma criança, ela disse consigo mesma. E com desprezo procurava afastá-lo da mente.

Uma vez, apenas, sua mãe se referira a ele. A mesa, numa manhã, ela dissera como se estivesse pensando em voz alta: — Não escapará dos espanhóis. Duvido que o vejamos novamente.

Madame Vilaire não mencionara qualquer nome, mas a moça sabia que ela falava de Jean Antoine.

Fez que não ouvisse. E sua mãe, mudando de assunto, nem ao menos notou a nuvem que lhe cobriu o semblante.

No dia em que o navio retornou — e as ruas estavam cheias de gente comentando a aventura — Virginia Vilaire permaneceu no seu quarto. O temor desapareceu para que aumentasse o rancor. — Agora, disse ela consigo, agora o Cavaleiro de Beaupré provou-se a si mesmo. Sim. Agora ele pode tocar bem alto sua trombeta — poderá deliciar-se com os comentários alheios...

E da cama Virginia enterrou os seus olhos secos e hostis através do teto frio... De fato o Cavaleiro de Beaupré estava vivendo numa atmosfera cor-de-rosa. Nada menos de duas vezes na semana jantava com o Governador; fôra convidado para o café de Madame Forban, cujo marido possuía uma frota de treze navios; o Marquês de Labastille, que usualmente só falava com Arcebispos, recebera-o para um drink.

Mas foi na casa de Madame Bériot que Virginia Vilaire o encontrou pela segunda vez. Ela sabia que ele estaria lá, mas alimentava a esperança de que Jean Antoine não osaria dirigir-se-lhe.

Viu-o pouco depois de entrar — ele conversava com um grupo de jovens ostentando os seus modos de parisiense, com um sorriso fino nos lábios. Percebeu instintivamente que ele a vira e permanecia imóvel. Quando levantou a vista Jean Antoine caminhava para ela.

— Alô, disse ele.

Ela respondeu com um simples gesto.

— Há vários dias venho pensando se lhe devo falar, acrescentou ele. Tenho um favor a pedir-lhe.

Virginia não fez um movimento. Jean Antoine continuou:

— *Turtle* é um nome bem inexpressivo para um navio, não é? Quando voltava de Azua eu meditei sobre isto. Que estupidéz: *Turtle*! Darei um novo nome ao meu barco. E, disse consigo, que nome poderia ser melhor do que Virginia? Vejo-o em grandes letras douradas — Virginia.

Ele parou e pôs nela seus olhos inquisidores.

— Não tem nada a dizer? acrescentou.

Virginia sentia que todos os olhavam. Com voz baixa e firme disse:

— Eu o prohibo. Você não pode fazer isso.

— Ora, eu posso, interveio ele sorrindo. — O que é mais, eu o farei. Não vejo motivo para você se magoar.

Ela olhou-o fixamente. — Não me agradam os seus galanteios. Não consegue você compreender isto? Que devo fazer para me deixar sosinha?

Sua voz era áspera. Jean Antoine porém não tirou dos lábios o sorriso. — Venha, disse ele. Você está sendo criança. Penso que está levando muito a sério os preconceitos de madame sua mãe. Talvez dentro de um mês ela mude de idéia — e você o fará também...

— Tenha a bondade de me deixar sosinha, disse a moça.

— ...quando eu voltar de Maracaibo, concluiu Jean Antoine.

♦ ♦ ♦

Para muitas famílias de Cayona o nome Maracaibo era funéreo. Sete anos antes — em 1678 — o corsário De Gramont havia pilhado aquela cidade da costa sul-americana; ele saíra de Tortuga com uma fragata, alguns barcos auxiliares e setecentos homens. Voltara com um tesouro, mas acompanhavam-no apenas quarenta dos seus setecentos companheiros.

Para o Cavaleiro de Beaupré, entretanto, Maracaibo se tornara um nome mágico, um teste para o espírito. Tenta-lo-ia sempre Cayona toda conhecia os seus planos. E um dia, com trezentos homens, ele partiu.

♦ ♦ ♦

A saída dos aventureiros foi uma festa. Metade da população de Cayona veio responder ao adeus dos canhões do Cavaleiro de Beaupré.

Mas havia alguém na cidade que não acreditava no sucesso do assalto. — Ele não conseguirá voltar, dissera Madame Vilaire convictamente. Convictamente, mas para si mesma, pois sua filha estava recolhida com cólera de cabeça. Durante toda a semana a moça não se sentira bem, e Madame Vilaire estava falando em mandá-la para a França, para uma mudança de ares. Uma jovem não podia estar sujeita a tão constantes dores de cabeça.

No entanto, em uma reunião, o Governador Oregon dissera: — Sim, eu me interesso pessoalmente pela empresa. — Eu mesmo inverti alguns milhares interviu o Marquês de Labastille. Jacques Forban, o dono da frota de treze navios, não ficara atrás, embora evitasse dizer que fizera todas as concessões sugeridas pela esposa.

— Teremos o jovem de Beaupré entre nós dentro de cinco semanas.

O marquês concordara com o Governador: — Sim, em cinco semanas, estou certo.

Com um gesto oficial, o Governador acrescentara: — Digo-lhes, em confiança, que estou preparando uma citação para a atenção de Sua Magestade. Acredito que após a queda de Maracaibo o Cavaleiro de Beaupré será agraciado com uma missão real.

— Muito apropriado, sorriu o marquês.

Os dias passaram vagarosamente em Cayona. Alguns navios chegaram e saíram. Virginia Vilaire, numa noite chuvosa, sentou-se em uma cadeira que dava para a varanda. O ar estava pesado e opressivo. Para a mãe, que se sentara a seu lado, a jovem disse: — Não irei à França, mamãe. Não agora. Talvez no fim do ano. Mas agora não...

Madame Vilaire levantou os olhos espantados, na penumbra, para a filha, e não disse nada.

♦ ♦ ♦

Voltaram ao fim de sete semanas, mas apenas um navio — o antigo barco espanhol *Trinidad*. Subiram vagarosamente o canal em uma manhã. A carruagem do Governador passou com um ar triste para o porto.

NÃO  
DESFIGURE

OS ENCANTOS NATURAIS DO SEU ROSTO!

Se ha imperfeições na sua pele — produzidas pelo Sol... Frio... Poeira ou intempéries — não recorra ao "maquillage" para escondê-las. Esse artifício é apenas util para avivar sua beleza. Utilizado, porém, em excesso, desfigura os encantos do seu rosto.



CORRIJA

AS MANCHAS E SARDAS DA SUA CUTIS!

Lembre-se, enquanto é cedo, do Leite de Colônia. Siga o exemplo de milhões de lindas mulheres que entregam o tratamento da sua cutis ao Leite de Colônia. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. É também excelente fixador do pó de arroz. Leite de Colônia é a consagrada fórmula do Dr. Studart para evitar e remover as imperfeições da pele. Realce o encanto natural do seu rosto com Leite de Colônia.



Leite de Colônia,



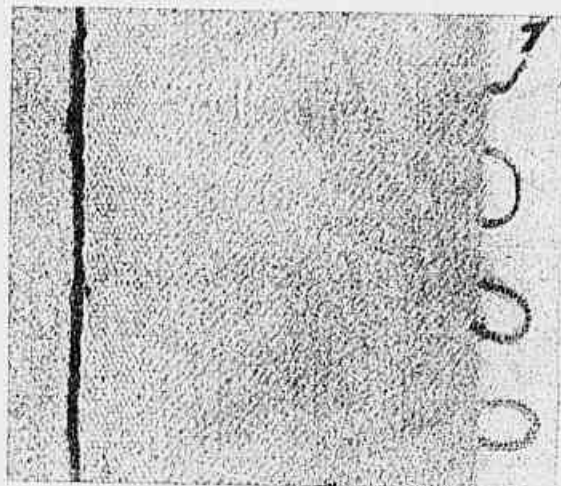
STAFIX fixa o penteado, mantendo-o sempre elegante. dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.



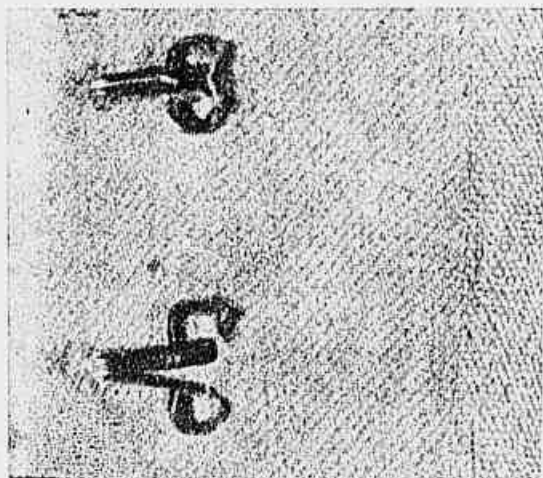
## ALGUNS CONSELHOS



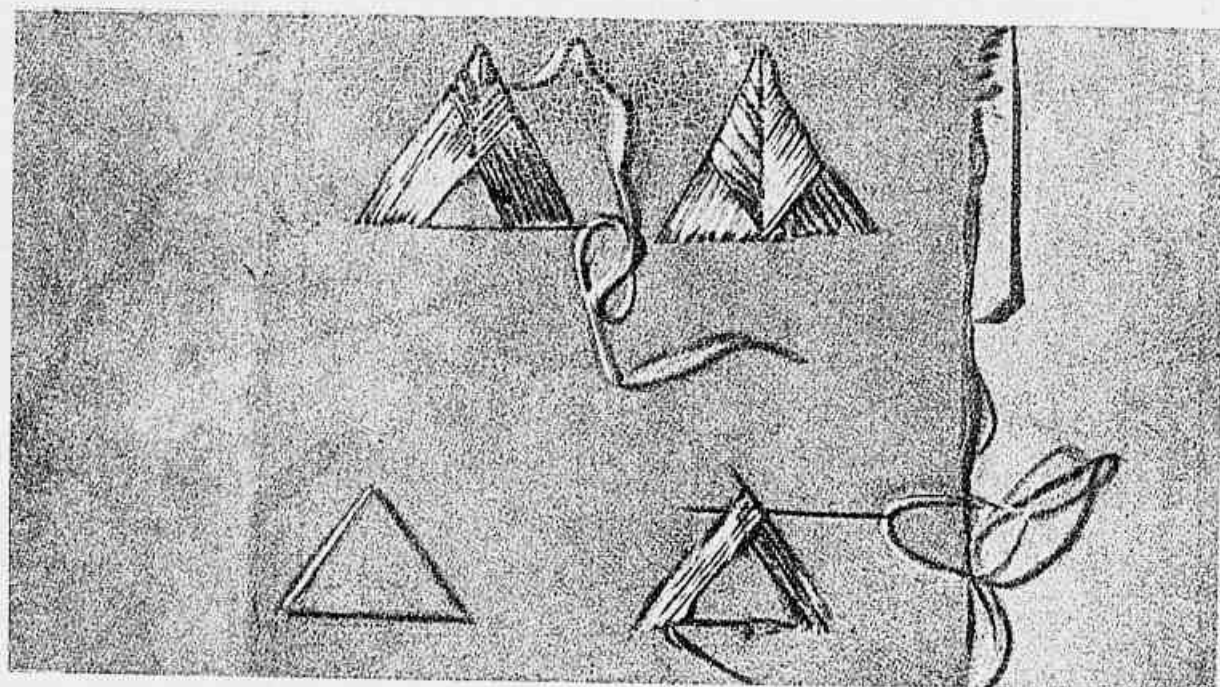
Este ponto é empregado para fixar uma bainha simples, feita num tecido muito espesso para bainha dupla. Os pontos não devem atravessar todo o tecido, para não serem vistos do outro lado.



As alças são feitas sobre uns fios com o ponto de festão; bem feitas, as altas afastadas na base, e não reteem os botões. Na sua base, a alça deve ser mais estreita que o botão.



Antes de pregar, afastar as pernas do colchete: fixado em tres pontos, resiste melhor ao esforço. A fotografia mostra um colchete bem pregado e outro mal.



Uma abelha: é feita com fio de seda grossa. Começar o trabalho pelo ângulo inferior esquerdo, depois proceder como mostra a série de figuras indicando a marcha do trabalho. Deixar sempre um pouco frouxo o fio.

No quarto — as janelas se abriram para o mar — Virginia Vilaire disse para a mucama: — Martha, vá às docas e traga-me notícias do Cavaleiro de Beaupré. Depressa, e não diga nada a mamãe.

Havia algo de histérico em sua voz, e nenhum esforço fez para se controlar. Firou no quarto andando de um lado para o outro; doía-lhe a cabeça febril. «Ele não voltou. Tinha de ser assim, eu sabia disso». Sua voz embargou-se. Foi á janela. O barco havia ancorado e alguns botes se dirigiam para terra. Nenhum ruido vinha da cidade. O povo em silêncio esperava os botes.

Após uma interminável demora a mucama regressou. Sua face escura estava iluminada. Disse: — O Cavaleiro de Beaupré regressou. Não sofreu nada. Mas não voltaram muitos dos homens de sua tripulação.

Virginia fitava-a com olhos inexpressivos. A mucama continuou: — Eles atingiram Maracaibo, mas não conseguiram surpreender a cidade. Desceram na escuridão da madrugada, mas os espanhóis estavam prontos para o combate.

— E? disse Virginia num suspiro.  
— Mas isto não é tudo, voltou a moça. Os sobreviventes estão dizendo pela cidade que o Cavaleiro de Beaupré os deixou sosinhos em pleno combate. Dizem que ele tomou um bote e voltou para o navio quando a luta ainda não estava perdida.

— Que disse ele?  
A moça balançou a cabeça. — Ele nada disse. O Governador recusou-se a falar-lhe. Quando ele atravessou a rua ninguém lhe dirigiu a palavra. Eu o vi. Seus olhos estavam perdidos, podia-se ver que ele não olhava para ninguém. Dizem que ele foi para casa. Virginia levantou-se da cama e caminhou para o meio do quarto, vacilante; parou com as costas voltadas para a mucama. Um minuto após disse, como dominada por subita convicção:

— Quero a carruagem. Agora. Você irá comigo.  
Sua mãe estava ao pé da escadaria. — Você mandou buscar a carruagem? perguntou. Vai á cidade a esta hora?  
— Voltarei logo, respondeu a moça.  
— Aonde vai?

— Para a cidade. — A voz de Virginia era fina e penetrante como uma lâmina. — A casa de Jean Antoine de Beaupré. Saber o que lhe aconteceu.  
— Você não pode! disse Madame Vilaire. Sua face revelava uma mistura de surpresa e rancor. — Você está louca? Em primeiro lugar nada aconteceu a ele. Estou informada. Nada lhe aconteceu.

A moça parou na porta e respondeu: — Espero que a senhora esteja enganada, mamãe. Creio que a senhora está enganada.

Mas na carruagem ela perdeu essa convicção. Sentiu que tinha as mãos frias e começou a temer não ter forças para caminhar. «E' necessário continuar, disse consigo. E' necessário não recuar.»

**PRATOS QUE agradam A TODOS**

Sopas, pudins e demais pratos ficam mais nutritivos e saborosos si preparados com MAIZENA DURYEA. Peça, gratis, um exemplar do "Meu Livro de Receitas" e prepare pratos deliciosos.

À MAIZENA BRASIL S.A. 32 110  
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO

Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome .....  
Rua .....  
Cidade ..... Estado .....

**MAIZENA DURYEA**

Deixou a mucama na carruagem e atravessou o jardim estreito da casa de Jean Antoine. O negro — aquele que lhe levara a mensagem — estava á porta.

— Vá dizer ao Cavalheiro de Beaupré que Mademoiselle Vilaire está aqui e quer vê-lo.

— O Cavaleiro de Beaupré não está em casa para ninguém, Mademoiselle — [foi a resposta.

— Vá dizer-lhe que estou aqui!  
A longa tensão da espera exasperara-a. Procurava um apoio, quando viu Jean Antoine se aproximar caminhando pesadamente.

Era justamente aquilo que ela viera ver.  
A ironia desaparecera dos seus olhos, e já não estava nos seus lábios aquele sorriso impertinente.

— Você está mudado, disse ela sofregamente.  
Ele nada disse. Permanecia imóvel. Seu olhar dirigia-se para ela, mas não a tocava. Poz a mão sobre o seu braço, apertou-o e disse: — Voltou neste estado? Já me disseram...

Ele continuava como se estivesse só.  
— ...já me disseram que você abandonou o campo da luta. Que você abandonou os companheiros. Pode-se ver no seu rosto. Você está sem máscara.

Sua mão continuava apoiada no braço d'ele. Sentia dentro do peito uma força cada vez maior. Sua voz era firme como rocha. — Covarde! disse. Houve um momento de covardia, não houve? Você sentiu-se covarde — como um homem qualquer. E precisará de anos para apagar em si esse estigma.

Ele voltou-se subitamente e a mão dela desprendeuse-se.  
— E' a realidade, continuou. Você não a pode mudar.  
Jean Antoine moveu a cabeça e os seus olhos se encontraram. — Estou satisfeita, disse ela. Você foi vulnerado. Você não é todo de ferro, é? E sabe o que vejo impresso na sua face?

— Pelo amor de Deus deixe-me, disse ele. Que deseja de mim?  
— Vejo um começo de compreensão concluiu ela. A côr estava voltando ás suas faces que permaneciam voltadas para ele. — Era o que eu esperava ver, embora duvidasse até o ultimo momento. O mocinho banal e tolo morreu. Você matou-o. O que lhe resta de você está cansado e fraco, e há problemas a encarar e ajustamentos a serem feitos.

♦ ♦ ♦

Virginia colocou convulsivamente suas mãos sobre as d'ele e Jean Antoine apertou-as contra si. Ela sentiu-lhe o coração batendo forte.

— Nada me resta, disse ele. Irei embora.  
— Naturalmente você irá, interveio ela. E supõe que eu não tenha pensado nisso? Irá para a Inglaterra, talvez, ou para a Colonia de Virginia.

— Para a Colonia de Virginia, disse ele vagarosamente. Sim, e lá procurarei um pedaço de terra para cultivar.  
— Mas não o fará sozinho.

Sua voz parecia estranha. Ele baixou os olhos e viu que ela estava chorando.  
— Não, disse ele apertando-a contra o peito, não o farei sozinho. Graças a Deus!

WILLIAM A. KRAUSS

### PERIGO DO CANSAÇO NERVOSO

Não se pode ter um musculo cansado e ignora-lo. Porém há uma forma de cansaço muito mais séria nos seus efeitos do que o cansaço normal dos musculos resultando de exercicio violento.

Existe uma fadiga nervosa resultante de abaixamento perigoso da energia nas celulas do sistema nervoso.

Esta forma de cansaço apresenta seus sintomas carateristicos, porém por serem sutis e enganadores nas suas manifestações passam despercebidos. Três quintos das indisposições do coração e de persistente insônia, má digestão, prisão de ventre, diarréia e enxaqueca, que levam pacientes aos consultorios dos médicos e casas de saúde, são simples casos de cansaço.

As dores são reais, mas suas causas estão no reabaixamento da energia nas celulas nervosas.

Este cansaço torna a pessoa supersensível; ofende-se e discute por qualquer motivo, torna-a irritada, desassossegada, descontente consigo propria, com a família e o meio em que vive. Faz desaparecer a capacidade de pensar e as afinidades com o proximo. Vive numa

constante apreensão, não sabendo dizer qual o mal que a afflige, parecendo-lhe que está sempre para lhe acontecer alguma desgraça.

Tambem o cansaço produz neurose, resultante de periodo de esforço nervoso, excessivos aborrecimentos, de amofinações constantes, de estados gripais, idiosincrasias como o medo de lugares altos, de lugares fechados, de certos cheiros, côres, etc. Tudo redundando na depressão da energia na celula nervosa e nesta condição qualquer ninharia póde produzir estado de temor.

**Senhoras!**

CAPSULAS

**MENAGOL**

PARA FALTA DE MENSTRUAÇÃO

Ata: PELA CORDA, CORDA, 25-3-4



# Vestidos e pijama



Vestido elegante, de renda côr de vinho, a faixa, a guarnição do decote e a terminação das mangas são de tule do mesmo colorido.



1 — Pijama de linho cinzento claro e casaco de linho azul guarnecido com cadaço de fantasia. 2 — Vestido de linho branco enfeitado com galão vermelho com desenhos brancos.

## Os cuidados a tomar com os cabelos



Os cabelos devem ser escovados mecha por mecha, da raiz às pontas. Os cabelos bem escovados penteiam-se melhor.

**Novo... CREME**  
**Desodorante que Detém**  
**A Transpiração**  
*das Axilas sem perigo*



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

**ARRID**

É usado por mais mulheres do que qualquer outro desodorante.

PREÇO **4\$800** 9\$500  
Pote grande

Distr.: S. V. Mangual & Cia. — Rio  
Rua Paulino Fernandes, 55

Preços pelo Correio:  
5\$000 resp. 10\$000 (grande)



Vestidos para a 1.<sup>a</sup> Comunhão

## FIGURINOS



1 — Vestido de crepe branco com pala e basquinha guarnecidas com pétalas rodeadas de renda Valenciene franzida. Touca do mesmo tecido e véu de tule.  
 2 — Vestido de organdi ou crepe, enfeitado com babadinhos. Véu e guarnição plissada de organdi e uma grinalda de rosinhas do mesmo tecido. 3 — Vestido de crepe Georgette, guarnecido com babadinhos de fita plissada. Touca do crepe e véu de tule.



1 — Vestido de crepe bege claro, com bouquets de flores azues, amarelas e folhas e hastes verdes. 2 — Vestido de crepe de fantasia, desenho de flores formando listas.

## Puberdade?

## IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a



**EMULSÃO DE SCOTT**

*Tônico das Gerações*



Vestido para noite, de gaze rosa e renda preta.



# DIVERSOS



**RCA**  
para  
apartamentos

**450\$**

ESTOQUE COMPLETO DE TODOS  
OS MODELOS DE RADIOS **RCA**

Visitem  
nosso salão de vendas

**MESBLA**

RIO-S. PAULO - B. HORIZONTE  
NITERÓI - PALEGRE - PELOTAS



Vestido de linho branco, pala e mangas em tecido rendado. Grande chapeo de linho branco, com aba terminada por um largo viéz de tecido rendado. O tecido do chapeo é endurecido com goma.



1 — Saia extremamente ajustada, de crepe preto, o bolero de crepe violeta, blusa verde. 2 — Saia com pouca roda, mas com franzidos na frente, de crepe côr de pêssgo, blusa deste mesmo tecido e bolero de crepe preto. Os babados da blusa formam grande jabot sobre o bolero.



Lindo modelo de Mainbocher, de gaze chiffon branca, com aplicações azues.



Vestido de zefir de xadrez, blusa abotoada nas costas. Uma touca do mesmo tecido protege a cabeça e a nuca dos raios de sol.

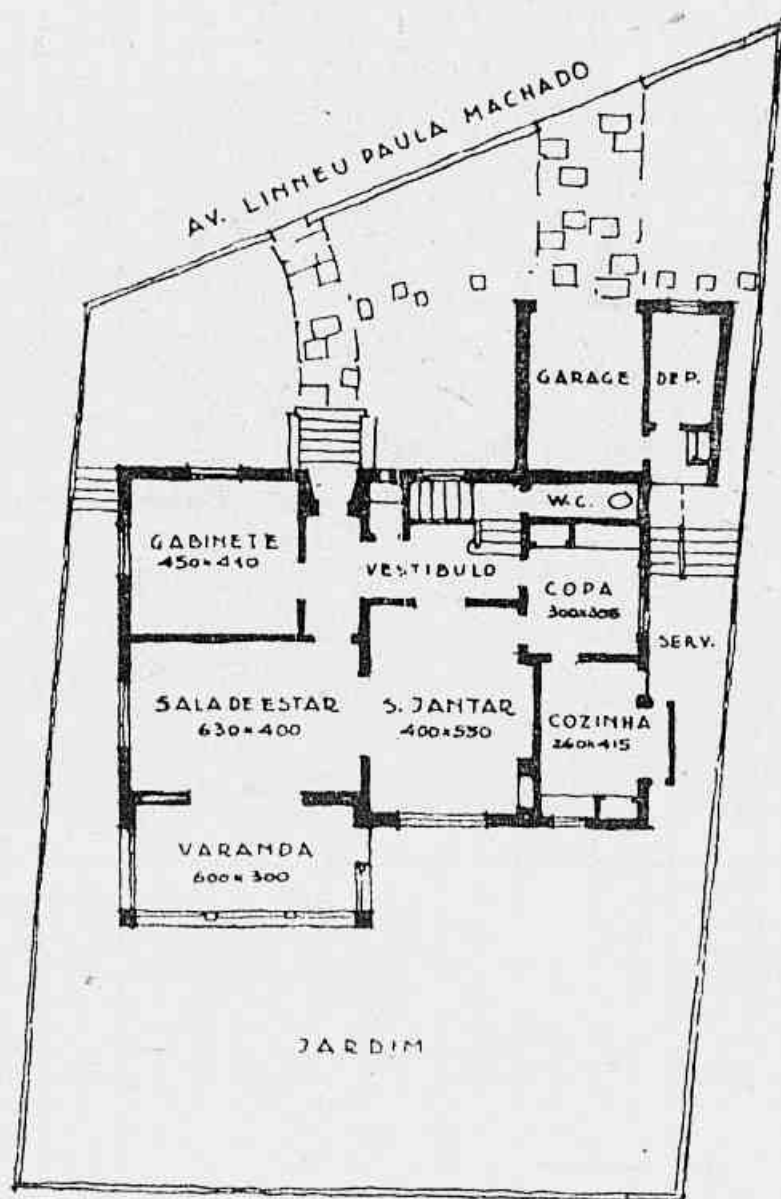




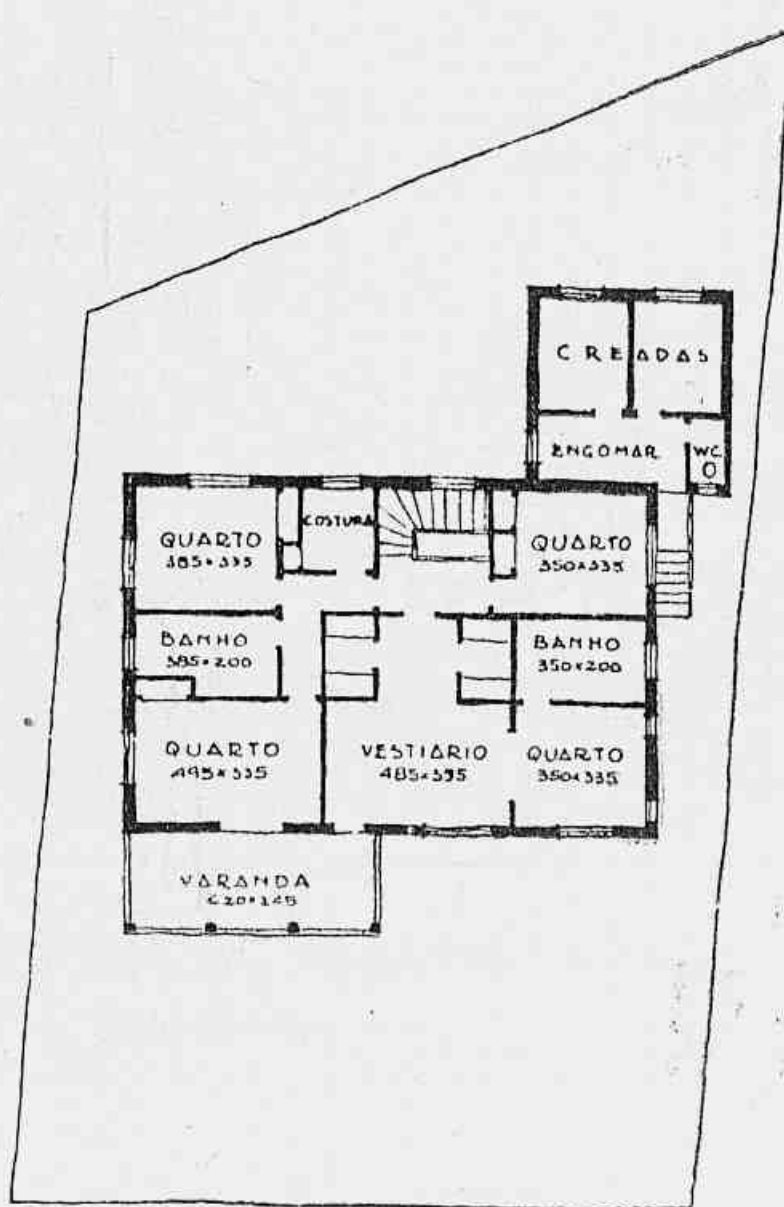
# Como projetar sua casa



PERSPECTIVA SOBRE A AV. LINNEU PAULA MACHADO



PLANTA DO 1º PAVIMENTO



PLANTA DO 2º PAVIMENTO

ANGELO BRUHNS ARCH.

O segredo da solução da planta de uma casa está, muitas vezes, na simples questão da situação do edificio em relação ao terreno e às suas vias de acesso. Vamos demonstrar isto argumentando com o projeto que o arquiteto Angelo Bruhns fez para a casa do general Castello Branco, ora em construção.

O terreno tem duas frentes: uma sobre a Av. Epitácio Pessoa (principal), outra sobre a Av. Linneu de Paula Machado (secundária). Assim, o projetista renunciou às vantagens que a via principal pode oferecer, para lançar a entrada da casa pela rua de menor importância — o que

## MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcos e Instalações completas de Escritorios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

provavelmente qualquer arquiteto faria, mas poucos proprietarios aceitariam — e isto com o fim exclusivo de deixar aos salões e varandas o completo dominio de vistas sobre a Lagoa.

Ao passo que se a entrada fosse localizada na rua principal — como geralmente se julga obrigatório — não teriam as referidas pérgas aquela situação privilegiada de repouso e tranquilidade, porque seriam evidentemente perturbadas pelo vae-vem que o portão da rua determina.

Portanto, em materia de arquitetura e urbanismo, ha tambem preconceitos que, às vezes, nos podem conduzir a resultados

menos felizes. E nem por ser grande um terreno se torna facil, como pode parecer, a orientação e implantação da casa, problema que está intimamente ligado à questão da entrada.

Casos como este lembram o que já dizia um arquiteto: — «E' difficil entrar numa casa» — força de expressão de que naturalmente se servia deante das dificuldades que decorrem da localização do ingresso e da série de embaraços que uma posição duvidosa pode causar ao condicionamento geral da planta.

Marietta Kendall.

## Saude e beleza pelo exercicio

GINASTICA COM AS PERNAS,  
PARA CRIANÇAS

Estes exercicios fazem trabalhar os musculos das pernas, assim como os abdominais.

Deitada de costas, a cabeça, os braços e o busto bem encostados ao solo, encolher as duas pernas dobrando bem os joelhos, esticar novamente, repetir 5 vezes o mesmo movimento.



Na mesma posição deitada, mas os braços mais afastados do corpo, erguer a perna direita e encolher a esquerda, esticar a perna esquerda e encolher a direita, repetir estes movimentos 5 vezes cada um.



Na mesma posição deitada, encolher alternativamente as pernas. Repetir o movimento 5 vezes.



Na mesma posição deitada, encolher as duas pernas de maneira a encostar as coxas no corpo erguendo um pouco o corpo do solo, voltar à posição deitada e repetir o movimento 5 vezes.



## A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



# Vestidos para passeio



1 — Vestido de surah ou linho listado de branco e azul marinho. As frentes, em feitiço de colete, formam as mangas kimono e a pala das costas. 2 — Vestido de linho florido; mangas e uma espécie de bolero de linho branco. 3 — Vestido de shantung ou linho branco; vizes vermelhos debruando a frente e os bolsos. Os botões são no mesmo colorido.



Vestido de crepe ou de voile de fantasia; fundo cinzento com desenhos brancos e vermelhos.



Costume de crepe branco com desenhos marrons.

## VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

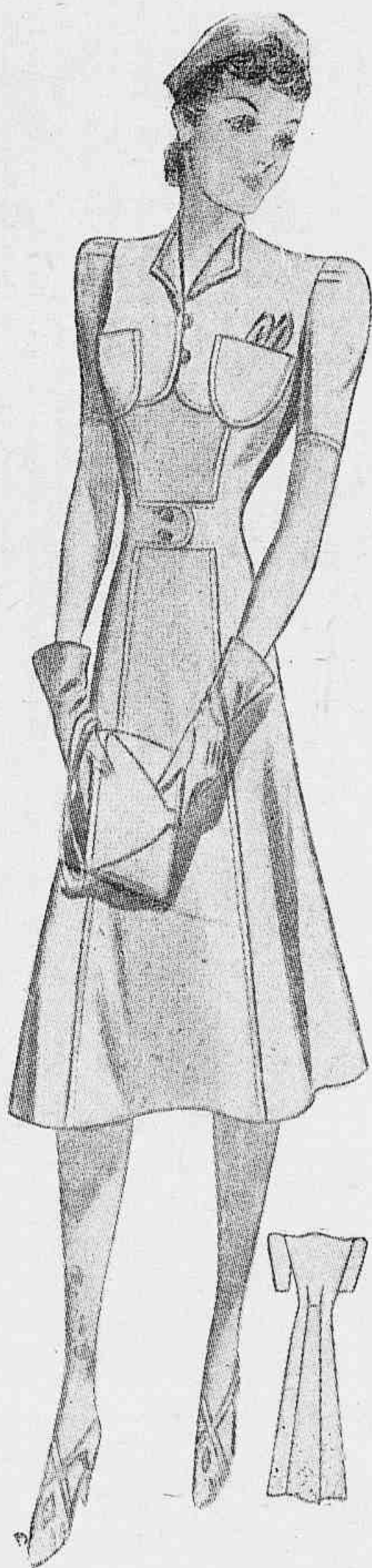
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS



# Vestidos leves



1—Costume de linho branco, frente e guarnição de linho cor de laranja. Para manequim 44: tecido branco de 80 centímetros de largura, 4 metros; tecido de cor, 85 centímetros. 2—Vestido com mangas kimono, de linho vermelho, guarnecido com pespontos azul escuro. Para manequim 44: 4 metros de tecido de 80 centímetros de largura.



Vestido de linho de fantasia, guarnecido com pespontos.



Costume com casaco curto, de linho branco com grandes rosas vermelhas e cor de rosa.



Vestido de crepe ou voile verde com desenhos brancos. Monograma bordado no bolso com linha verde e vermelha.



**Q**UASI sempre o sucesso na vida social e comercial depende da **bôa apresentação**. Homens moços, não podem ter cabelos brancos ou falta de cabelo. A Loção Brilhante acaba com a caspa, seborréia e parasitas do couro cabeludo, evitando a calvície e restituindo a cor primitiva, sem tingir.

● Pense mais em "manter os cabelos", evitando sua queda ou embranquecimento. 70% dos homens têm propensão para calvície, que é favorecida pelo descuido no tratamento do cabelo antes dos 30 anos! A Loção Brilhante remove completamente as partículas invisíveis de pó que se depositam sobre o cabelo e obstruem os bulbos capilares. Use diariamente Loção Brilhante em uma enérgica fricção de 40 segundos. A Loção Brilhante elimina a caspa, a seborréia e as afecções do couro cabeludo.

**LOÇÃO BRILHANTE** destrói os germes da caspa infecciosa.



Estes são os germes da caspa infecciosa; que se pode contrair a qualquer momento. Para combater os germes e evitar a caspa faça uso diário da Loção Brilhante.

LABORATÓRIOS  
ALVIM & FREITAS

## Loção Brilhante



### PENSAMENTOS

Idéia e sentimento são as duas grandes molas que movem as nações. Os que as não vêem ou as não querem ver, negam-nas e afirmam a matéria.

G. B.

Não existe amigo mais verdadeiro, conselheiro mais sábio, juiz mais íntegro do que a consciência; só ela pode nos incitar a toda sorte de bens, assim como nos ajudar a evitar ou a suportar toda sorte de males.

Montaigne.



# BLUSAS

## Os boleros estão na moda



Blusa de organdi ou cambraia, guarnecida com nervuras e renda valencienne.



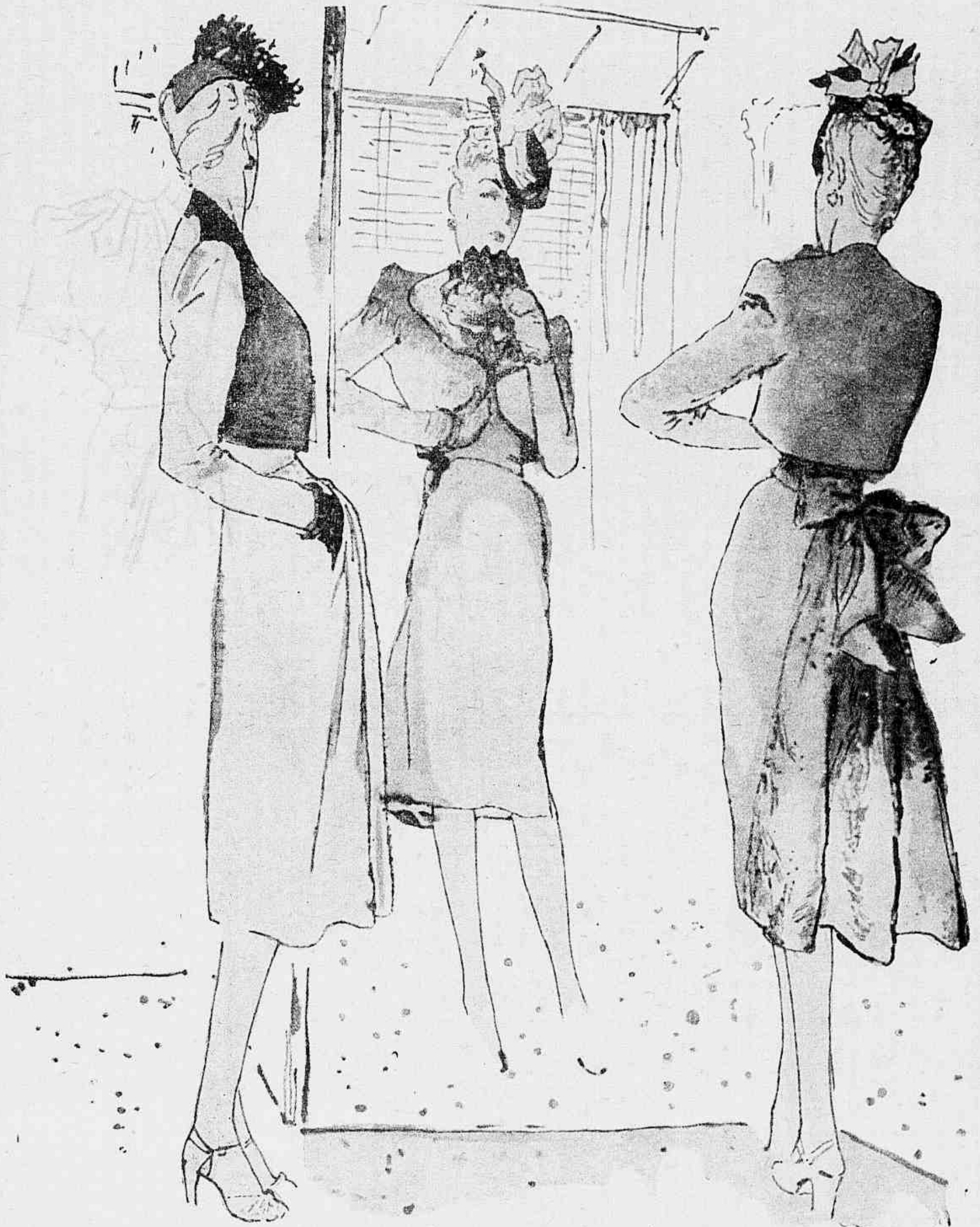
Blusa de seda listada de branco e verde.



Blusa de zefir azul com listas brancas.



Blusa de laize bordada, com jabot bordado.



1 — Vestido de crepe verde, o bolero de chamalote preto. Pequeno chapéu preto. 2 e 3 — Vestido e bolero de crepe preto, grande faixa de chamalote preto. O chapéu pequeno de palha preta colocado muito inclinado sobre a testa.



Blusa de tule bordado, enfeitada na pala e mangas com renda.



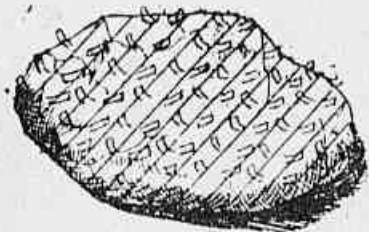
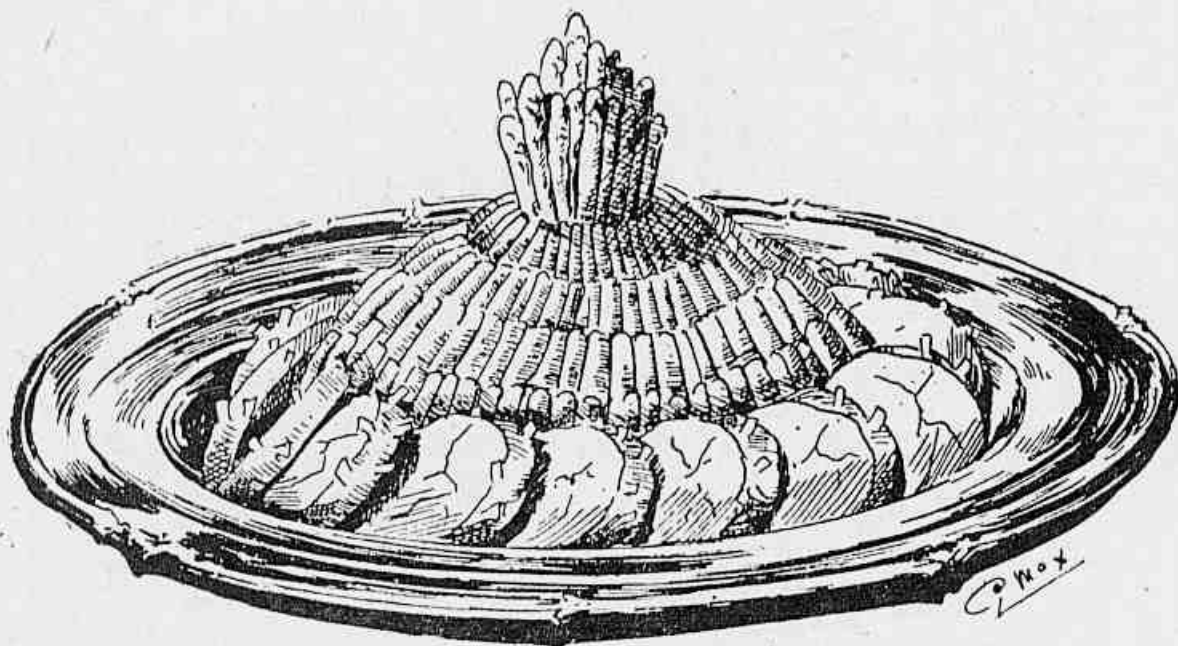
Blusa de linho com bolsos aplicados e pespontos.

### A invenção do papel mata-borrão

O mata-borrão de uso quotidiano e prático substituiu com toda a vantagem a cinza ou a areia fina que eram usadas antigamente para secar a tinta. Mas não foi como se poderia crer, devido a pesquisas feitas nesse sentido, que se encontrou o meio de tornar o papel absorvente. Foi por acaso e pelo engano de um operário numa papelaria inglesa, o qual estava encarregado de preparar a massa para o papel. Esqueceu-se de pôr na massa a quantidade necessária de cola. O patrão, furioso, despediu o culpado e jogou fora o papel inutilizado. Mas a chuva começou a cair e o dono viu, com surpresa, que o papel absorvia as gotas. O mata-borrão estava inventado.



# M E N U D E J A N T A R



Molejas de vitela com espargos.

A moleja lardeada, as riscas transversais mostram como devem ser cortadas as fatias.

Sopa de abóbora com arroz — Peixe com ostras — Angú de fécula de batata — Frango à tyroliana — Bolo de espinafres — Molejas de vitela com espargos — Bolo de maçãs com passas — Espuma de macarons

## SOPA DE ABOBORA COM ARROZ

Tirar da abóbora a casca e as membranas do interior, as quaes aderem às sementes; picar em pedacinhos no valor de um litro.

Picar muito bem uma cebola, refogar na manteiga sem deixar tomar côr, juntar a abóbora picada, temperar com sal, deixar cozinhar em fogo moderado, até a abóbora ficar desfeita e a humidade reduzida; passar então por uma peneira. Despejar essa massa dentro de uma panela, desfazer com caldo de carne, deixar ferver, juntar então 250 grs. de arroz já cozido. Antes de pôr na sopeira, juntar meia colher de manteiga.



*Pratos variados  
a toda hora*

**M**INGAU de manhã... sopa ao almoço e jantar... bolinhos para o chá, tudo feito com a deliciosa Quaker Oats. Como são gostosos e como fazem bem! Quaker Oats contém os verdadeiros e necessários elementos para ganhar-se saúde e vigor. Fortifica o organismo, acalma os nervos, dá energia. Tome Quaker Oats todos os dias. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 grs. em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



**QUAKER OATS**

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

## PEIXE COM OSTRAS

Cozinhar 1 dúzia e meia de ostras em meio copo de vinho branco.

Cortar o peixe, depois de bem lavado, em postas; arrumar estas numa panela de fundo largo, o fundo da qual se untou com manteiga tendo por cima galhos de salsa; regar com vinho branco até a altura das postas; juntar o caldo das ostras e meia colher de manteiga. Tampar hermeticamente a panela, e deixar cozinhar o peixe uns 10 minutos. Tirar então as postas com uma escumadeira e arrumar numa travessa (conservando quente). Fazer reduzir o molho depois de coado, juntar as ostras picadas, engrossar um pouco o molho com maizena, e por ultimo juntar 2 gemas de ovos e um pouco de manteiga. Não deve mais ferver fora do fogo, juntar o suco de meio limão. Despejar sobre o peixe ou servir numa molheira. Arruma-se o angú em volta da travessa, as postas no centro.

## FRANGO À TYROLIANA

Partir o frango depois de bem lavado, em cinco pedaços; partir a carcassa em duas partes. Picar uma cebola, refogar com manteiga ou azeite, juntar primeiro as côxas, deixar refogar,

para depois juntar os outros pedaços e a carcassa. Temperar. Quando estiver tudo meio cozido, juntar 1 tomate bem grande picado, 125 grs. de presunto, picado, meio dente de alho esmagado e um bouquet de cheiros. Regar depois o frango com caldo de carne e deixar cozinhar com a panela bem tampada. No momento de servir, retirar o bouquet de cheiros.

## BOLO DE ESPINAFRES

Pôr para cozinhar meio quilo de espinafres, escorrer bem a agua, bater bem, para ficar numa massa fina. Fazer um mólho com uma colher e meia de farinha de trigo (40 grs.), 30 grs. de manteiga, um copo de agua e outro de leite, uma pitada de sal. Deixar ferver a mistura alguns minutos, depois deixar amornar para juntar 2 gemas de ovos e em seguida 2 claras muito bem batidas. Untar uma fôrma lisa com manteiga e peneirar por cima um pouco de farinha de rosca fina. Cozinhar em banho-maria uma hora e meia ou no forno meia hora. A fôrma tampada. Servir com um mólho branco ou mólho de tomates.

## MOLEJAS DE VITELA COM ESPARGOS

Tomar 2 molejas de vitela pesando 750 grs. ou 1 quilo cada uma. Pôr para ferver uns cinco minutos na agua fervendo; escorrer bem a agua quente e passar na agua fria.

Depois limpá-las das partes cartilaginosas que se encontram na parte de baixo, devendo restar somente a parte comestível da glandula. Pôr as partes aproveitadas sobre uma toalha, cobre-se com outra e põe-se por cima um taboleiro com um peso de 2 quilos para achatarem; deixa-se assim uma hora ou duas; depois, lardeja-se com tiras finas de toucinho.

Arrumam-se as molejas numa panela sobre uma camada de pedacinhos de toucinho, cenouras e cebolas cortadas em rodela, cheiros picados, colocando as molejas com o lado lardeado para cima; mólha-se com caldo de carne, tempera-se com sal, pimenta do reino em grão. Tapa-se a panela e deixa-se ferver depois em fogo forte; em seguida diminuir o fogo, deixar secar o caldo, mas não de maneira a queimar os legumes do fundo. Viram-se então as molejas, mólham-se novamente com caldo de carne, regando-se de vez em quando com o seu proprio mólho, mas conservando a panela tampada; no fim de uma meia hora, pôr a panela na boca do forno e regar ainda mais a miudo, tomando o cuidado dos legumes não aderirem às molejas. Assim que tiverem tomado boa côr, arrumam-se as molejas numa frigideira untada com manteiga, cobrem-se com um papel untado com manteiga e metem-se um instante no forno. Juntar mais caldo na panela, dar uma fervura e coar para fazer um bom mólho.

Pôr para cozinhar uma certa quantidade de espargos; escorrer a agua. Faz-se um mólho de manteiga, juntando a ele crême de leitearia; tempera-se com sal e conserva-se em banho-maria.

Arruma-se numa travessa, bem no centro, um bolo de arroz; põe-se o arroz cozido dentro de uma fôrma com furco no centro. Sobre este bolo arrumam-se as pontas de espargos depois de passadas no mólho. Colocam-se no centro alguns espargos e em volta as fatias das molejas e o seu mólho é servido na molheira.

## BOLO DE MAÇÃS COM PASSAS

Arrumar numa táboa um monte de farinha de trigo (meio quilo), abrir um buraco no centro, pôr 8 grs. de sal e um pouco de fermento de padaria (pão cru) do tamanho de uma amendoa, 100 grs. de manteiga, 100 grs. de açúcar, desfazer com um copo de agua morna para obter uma massa de boa consistência. Deixar a massa descansar algumas horas para que cresça. Juntar em seguida 300 grs. de maçãs descascadas e picadas em pedacinhos, e 100 grs. de passas sem as sementes e partidas ao meio. Misturar tudo muito bem e despejar a mistura numa fôrma untada com manteiga. Pôr para assar num forno moderado, uma hora e meia.

## ESPUMA DE MACARONS (suspiros de amendoas)

Pôr uma forma sobre o gelo picado. Tomar o valor de um litro de crême de leitearia batido, adoçar e perfumar com baunilha. Arrumar na fôrma por camadas, alternando cada camada com macarons embebidos no kirsch. Tampar a fôrma e pôr na geladeira. Na falta de geladeira, pôr massa de farinha de trigo nas juntas da tampa, para ficar hermeticamente fechada e meter a forma dentro de uma vasilha com sal grosso e gelo picado; passar a forma na agua para tirar todo o sal e mergulhar na agua morna, enxugar e despejar a espuma num prato sobre um guardanapo dobrado. Basta ficar uma hora e um quarto dentro da vasilha com sal e gelo.

# AGUARDEM

Em Maio proximo o numero

especial de aniversario da

# REVISTA DA SEMANA



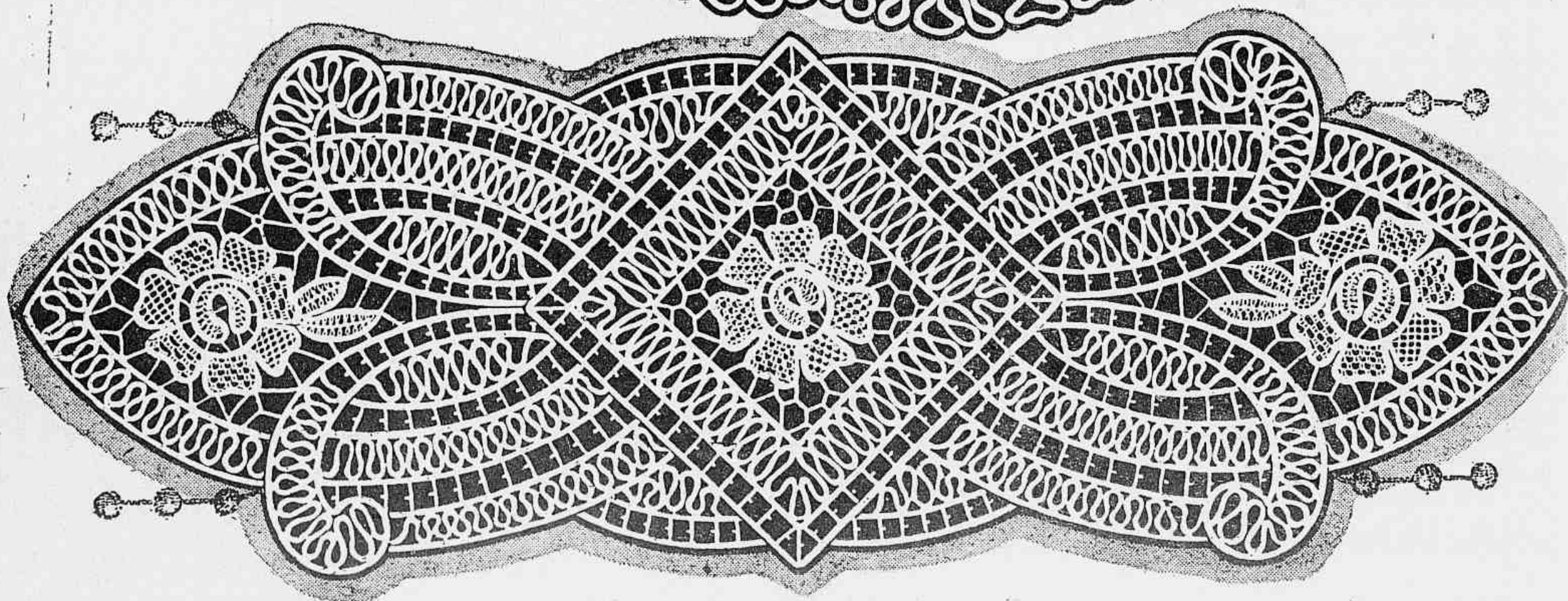
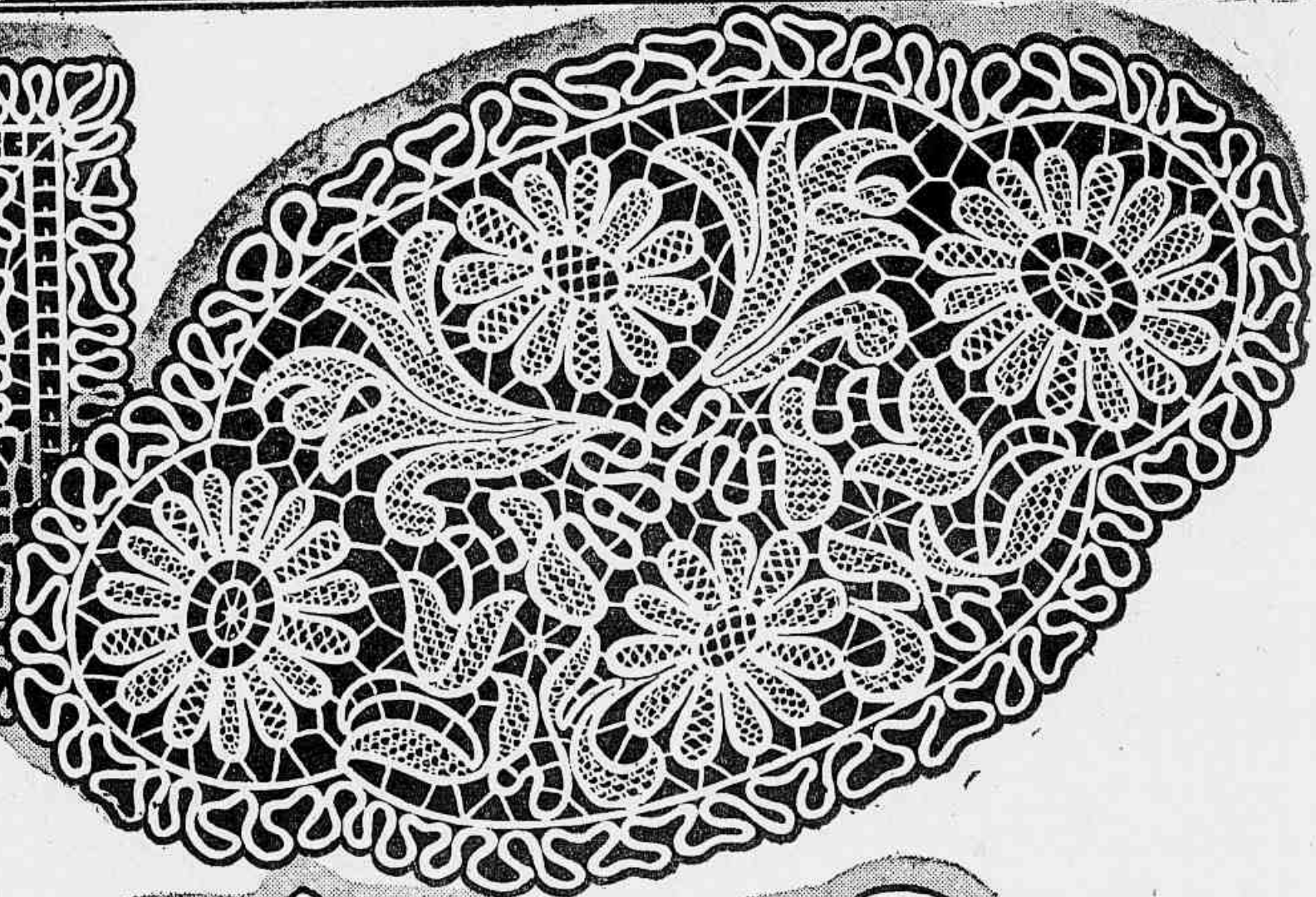
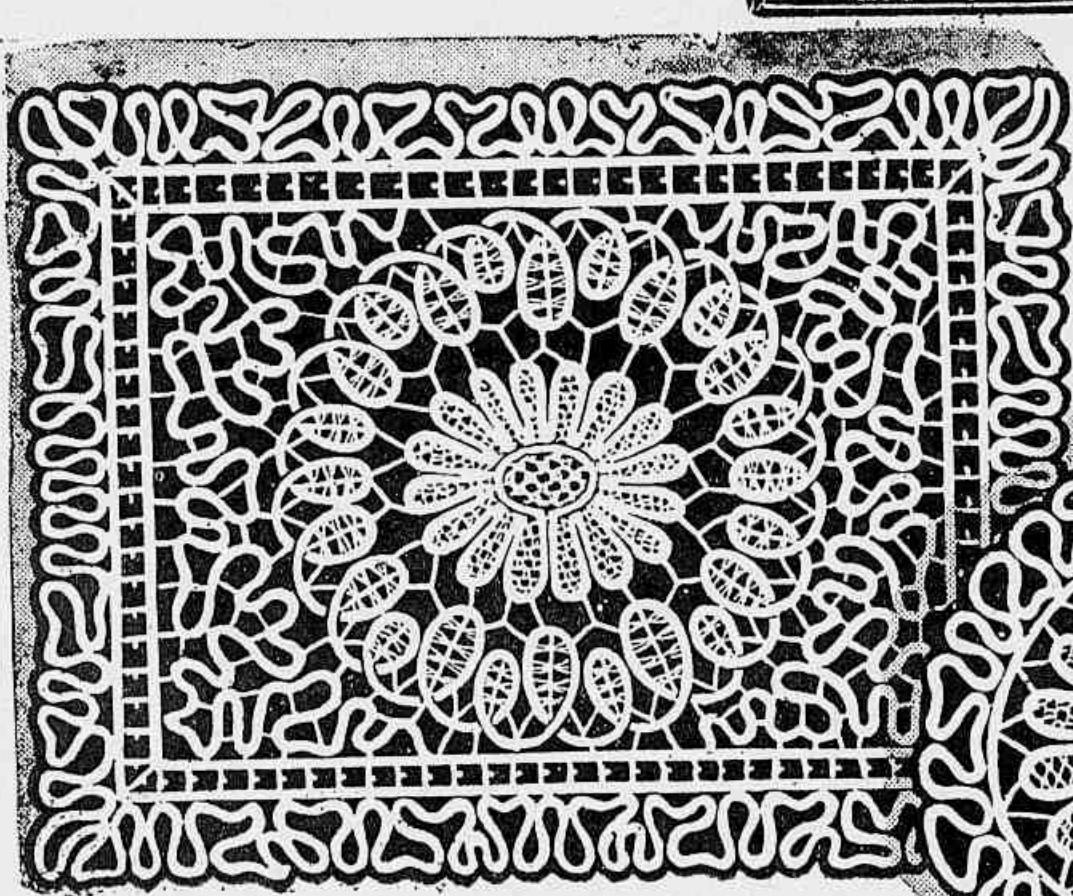
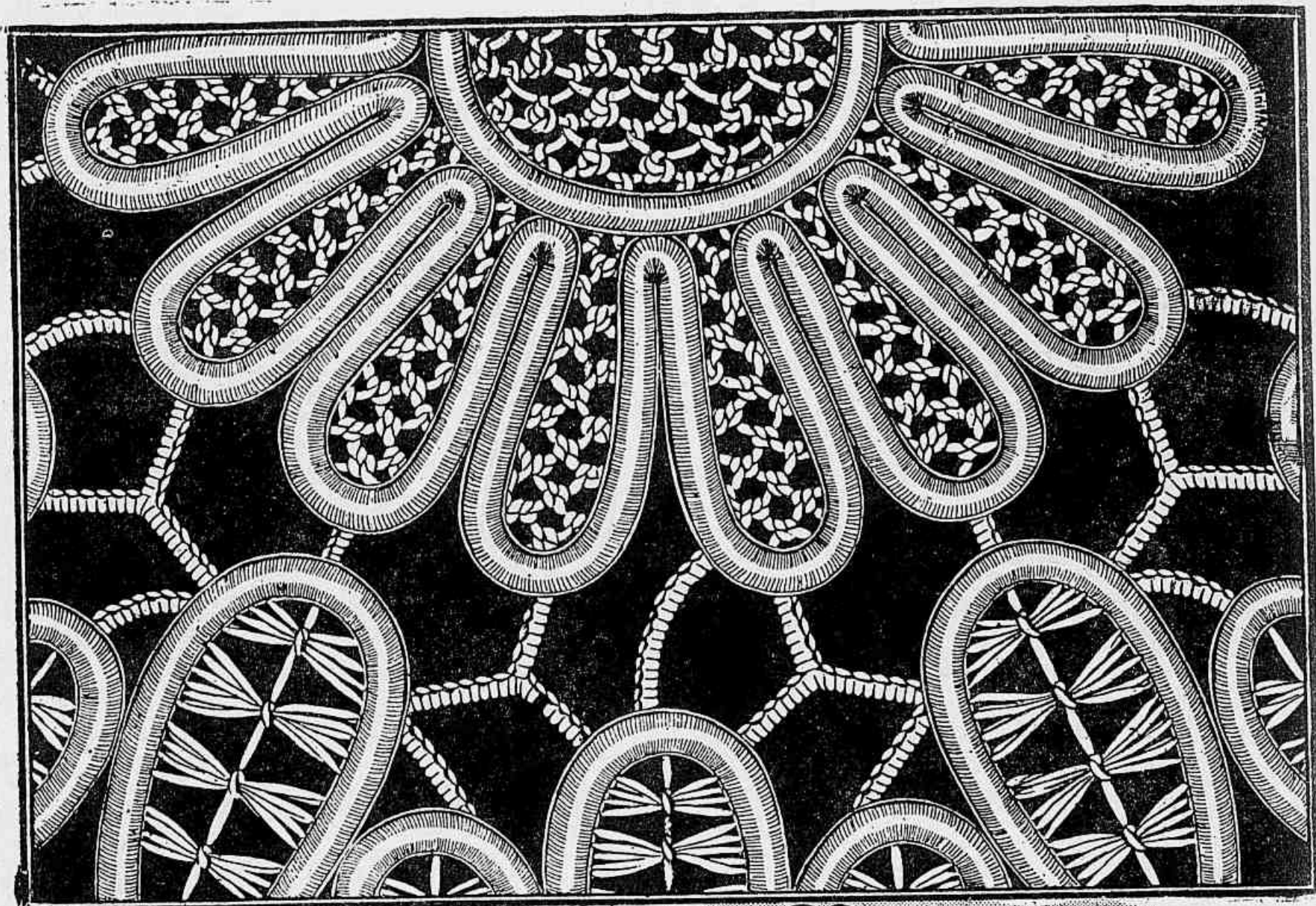




# Ornamentação do Lar

## Renda de Milão para executar centros de mesa e enfeitar toalhas

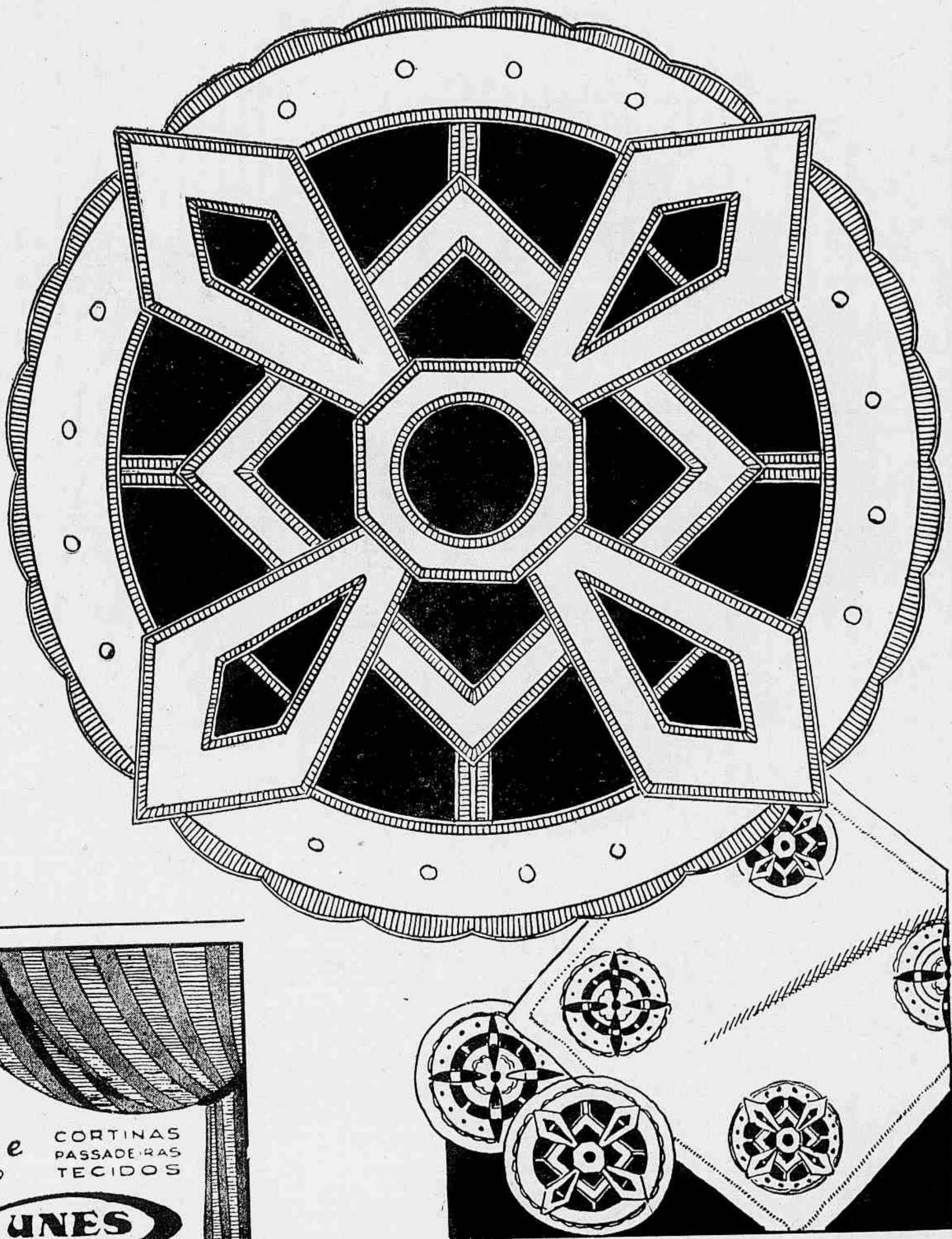
Os linhos abertos da renda de Milão fazem realçar o brilho das belas madeiras enceras ou envernizadas. Esta é executada com o galão grosso "princeza" no colorido crême ou barbante. Prestam-se os modelos dados para incrustações nas toalhas de mesa.





# O borda- do Ri- chelleu

Este bordado, de um lindo efeito decorativo, é no entanto de execução rápida, empregando-se a linha C. B. n.º 5 e um tecido grosso. Estas rodela bordadas guarnecem toalhas e centros de mesa. Cada uma dessas rodela pode servir como fundo de prato ou de bandeija.



*Mobiliários,  
Tapeçarias e  
decorações*

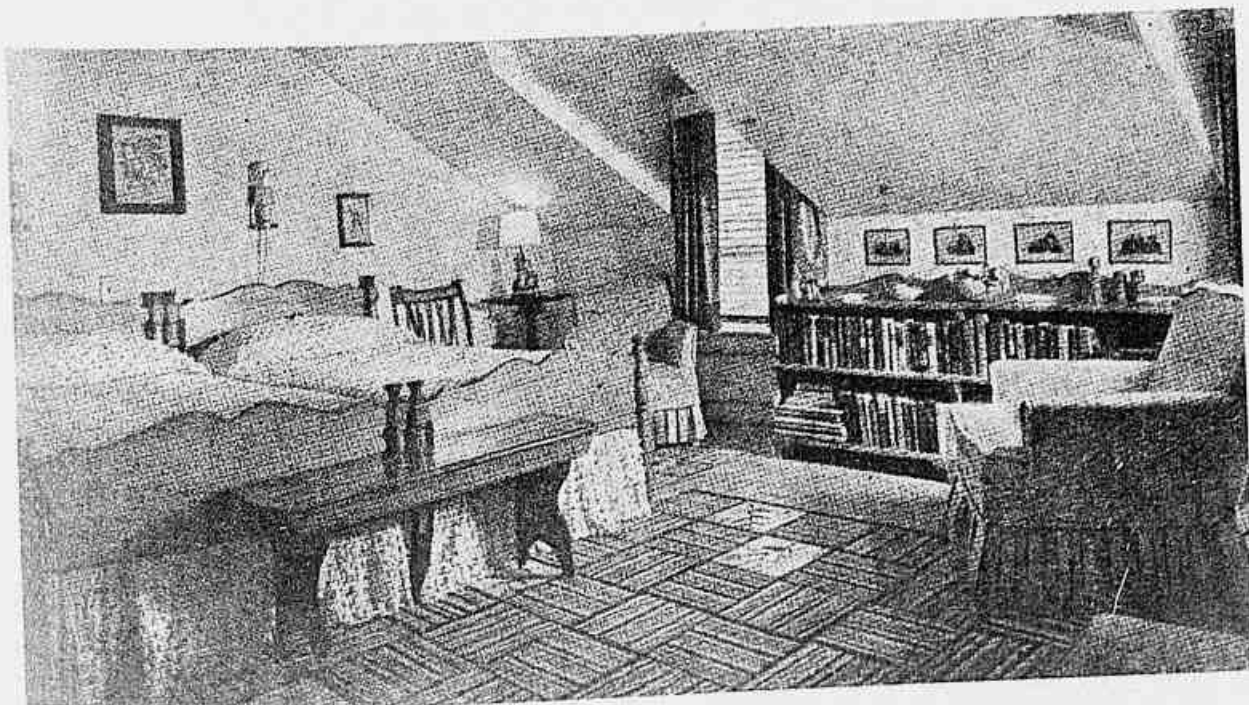
CORTINAS  
PASSADEIRAS  
TECIDOS

**ASA** **UNES**

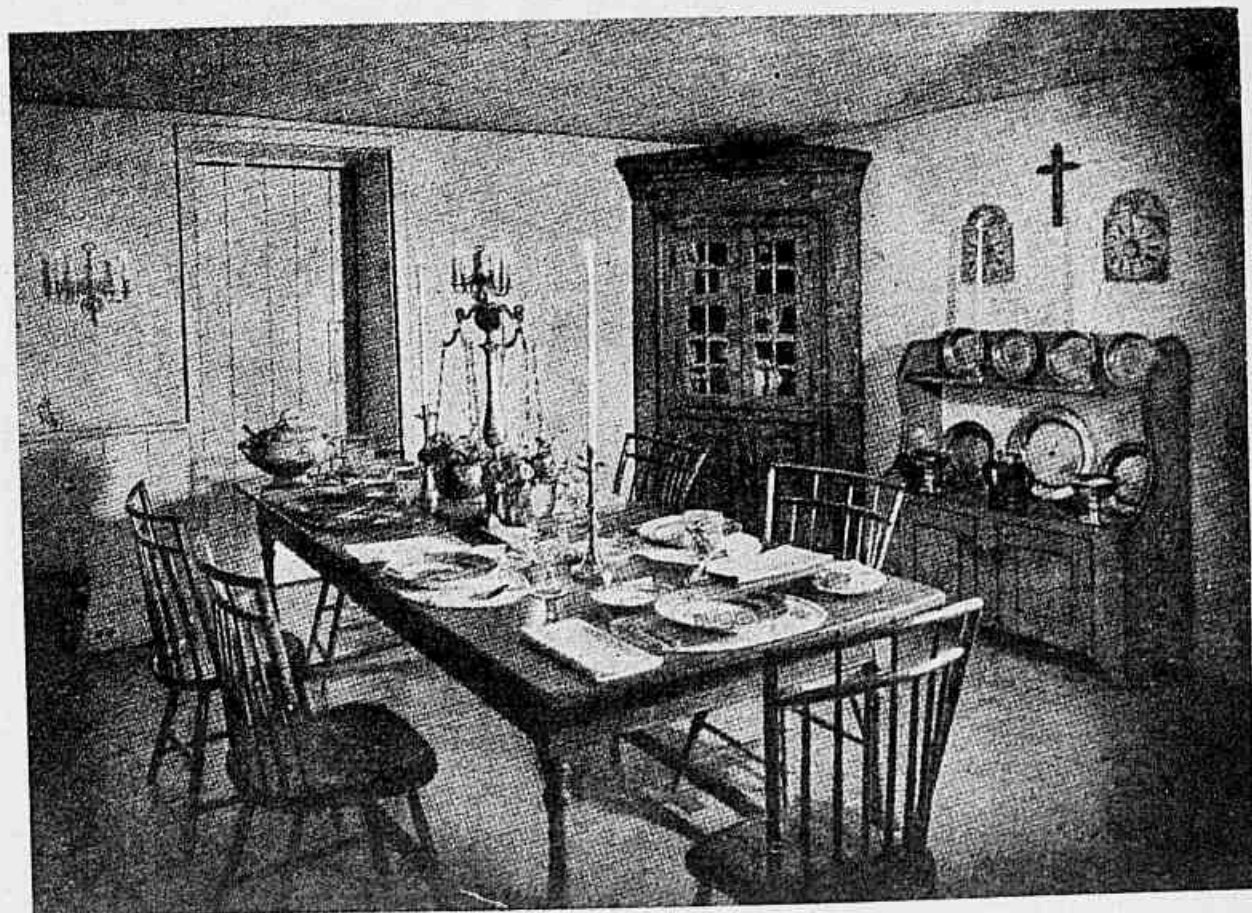
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67 • RIO

## Sala e quarto para uma casa de campo



Quarto de dormir no sótão, com moveis singelos; camas com cobertas de crochet; poltronas forradas com cretone.



Sala de jantar, como moveis muito singelos. O aparador é enfeitado com pratos e objetos de cobre. De cobre também a especie de balança com dois vasos do mesmo metal, guarnecidos com flôres, que enfeita o centro da mesa. Castiçais e arandelas também de cobre.



Yardley



LAVENDER



YARDLEY

33, OLD BOND STREET  
LONDON

Yardley English Lavender — em frascos de cristal — Sabonete, Sais para banho, Talco, Brilhanina, etc. Também veem-se ilustrados o famoso Pó de Arroz Bond Street, English Complexion Cream e o Baton Yardley, complementos essenciais para uma beleza perfeita.

A Yardley Lavender — a famosa "Fragrância Adorável" — é a escolha inevitável da mulher de bom gosto e distinção. O seu delicado perfume empresta-lhe um ar atraente de encantadora juventude e graça, em qualquer ocasião. Use-o para completar a sua elegância quer durante o dia quer nas reuniões sociais de menor cerimônia.

LAVENDER e BELEZA

Os cuidados a tomar com os pés das crianças



O sapato deve ser folgado, mas não largo demais.

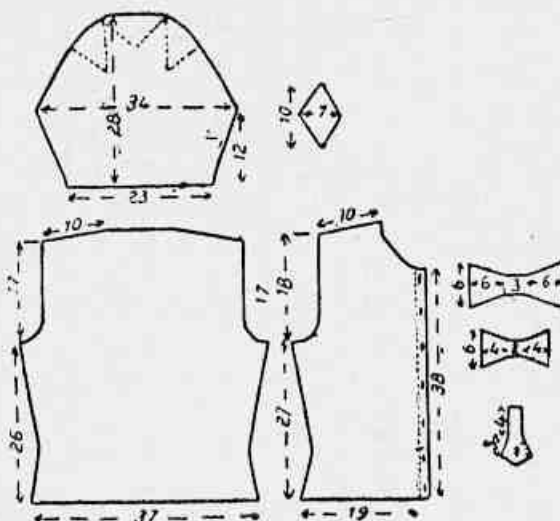
Têm muito mais importância do que em geral a que se lhes dá os pés das crianças. Diversos são os pontos para os quais deve ser chamada a atenção das mães.

**Primeiro** — é preciso que o sapato tenha o comprimento e a largura necessários, que seja folgado, mas não largo demais, porque o sapato muito largo produz calos, tanto como o sapato apertado.

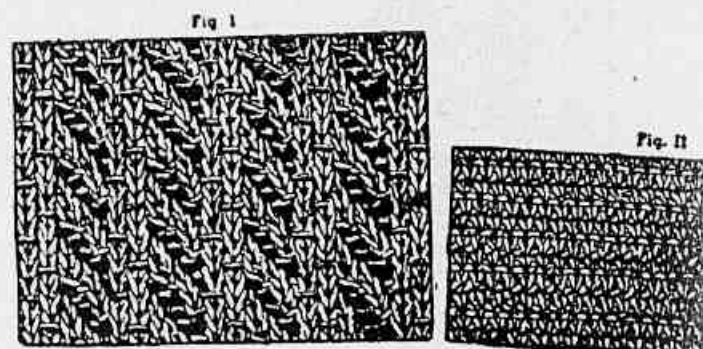
**Segundo** — o salto deve ser muito baixo e a sola grossa, mas com flexibilidade — Os sapatos modernos de sola de madeira, vão prejudicar os pés das meninas, porque quando a moda impõe, se passa por cima de tudo e a saúde e a estética de nada valem. Que as mães estraguem os seus pés, ainda vá lá; mas que ao menos poupem os das suas filhinhas. A arcada do pé necessita da flexibilidade da sola.

**Terceiro** — As meias precisam ter bastante comprimento e a largura suficiente para não apertar os dedos. A meia mal serzida pode ferir a pele delicada da criança.

## Casaco de tricot de linha



Os moldes com as suas medidas.



Os pontos de tricot e crochet empregados no casaco.

Estê casaco é executado com linha rosa, azul claro ou amarelo suave, como também o pode ser no prático colorido côr de barbante.

Para manequim 42 são necessárias 150 grs. de fio C. B. Cartier Bresson, artigo 285, n. 70, duas agulhas de tricot de 2mm. e meio e outras duas mais finas, uma agulha de crochet n. 20.

**Execução — Costas** — Empregar o fio duplo e pôr na agulha mais grossa 130 malhas, fazer 5 carreiras no ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, e uma 6.ª carreira toda pelo avesso. 7.ª carreira: tricotar uma malha (x) pôr o fio para a frente e escorregar uma malha sem a tricotar, passar o fio por traz, fazer 2 pontos pelo direito na mesma malha (uma para a frente e uma para traz) duas malhas tomadas juntas e recomeçar em x. 8.ª carreira: toda pelo avesso, 9.ª carreira: tricotar uma malha (x), 2 pontos pelo direito na mesma malha, duas malhas tomadas juntas, passar o fio para a frente, uma malha escorregada, passar o fio para traz e recomeçar em x. Voltar pelo avesso e recomeçar na 7.ª carreira (fig. 1). Quando medir 5 centímetros de altura, tomar as agulhas mais finas e fazer 4 centímetros no mesmo ponto. Retomar as agulhas mais grossas e continuar a direito até medir 26 centímetros de altura. Fechar 8 malhas de cada lado para começar as cavas e em seguida 1 malha oito vezes consecutivas. Continuar a direito. Quando medir 43 centímetros de altura enviezar os ombros fechando 9 malhas 4 vezes e o resto das malhas de uma só vez.

**Frente direita** — Pôr na agulha de tricot 70 malhas e trabalhar da mesma maneira que nas costas, conservando o lado da abertura em linha reta até em cima. A cava é formada quando medir 27 centímetros de altura, fechando 8 malhas e depois 1 malha doze vezes em seguida. Quando medir 38 centímetros de altura, formar o decote, fechando duas malhas 4 vezes em seguida, depois uma malha até que restem apenas as 40 malhas para formar o ombro, que são fechadas em 4 vezes 10 malhas, isto quando medir 45 centímetros de altura. Fazer o outro lado da mesma maneira, mas em sentido oposto.

**Mangas** — Pôr na agulha de tricot 90 malhas, fazer 4 carreiras no ponto de gaita, depois o ponto da fig. 1, juntando 1 malha de cada lado todas as duas carreiras até obter-se 34 centímetros de largura. Quando medir 12 centímetros de altura, fechar 2 malhas de cada lado quatro vezes em seguida, depois 1 malha todas as 4 carreiras. Quando medir 26 centímetros fechar 2 malhas de cada lado e, quando medir 28 centímetros, fechar todas as malhas que restam de uma só vez.

Antes de pregar as mangas fazer tres pines no alto de cada manga.

Com a agulha de crochet fazer na beirada da frente esquerda e sempre com o fio duplo carreiras no ponto baixo (fig. 2). Fazer a mesma coisa na frente direita, mas formando sete casas, fazendo 3 malhas de trancinha e saltando 3 malhas da carreira precedente. Rodear a gola com duas carreiras neste mesmo ponto.

A tira mantendo a gravata — Na parte de cima da barra de crochet da frente esquerda, fazer pontos baixos sobre toda a largura durante 4 centímetros, depois juntar 1 malha no fim de cada carreira até obter-se uma largura de 3 centímetros, separar o trabalho em dois para formar a casa em altura, trabalhar cada lado separadamente mas continuando a fazer os aumentos durante 6 carreiras. Depois reunir todas as malhas e diminuir de uma malha no começo de cada carreira até esgotarem-se todas as malhas.

**A gravata** — Sobre uma trancinha de 6 centímetros fazer o ponto da fig. 2 diminuindo 1 malha de cada lado todas as 4 carreiras. Quando medir 6 centímetros de comprimento, fazer 3 centímetros a direito, depois juntar 1 malha de cada lado todas as 4 carreiras até medir 6 centímetros de largura. Para a parte menor da gravata, fazer a mesma coisa numa largura de 4 centímetros em vez de 6 e fazer só 3 centímetros a direito no centro. Examinar os moldes.

**Dragonas para os ombros.** — Fazer uma trancinha de 3 malhas, fazer o ponto da fig. 2, juntando 1 malha no fim de cada carreira até obter-se 10 centímetros de largura. Depois diminuir uma malha no fim de cada carreira até restarem só 3 malhas.

Pôr goma para endurecer um pouco essas guarnições de crochet.

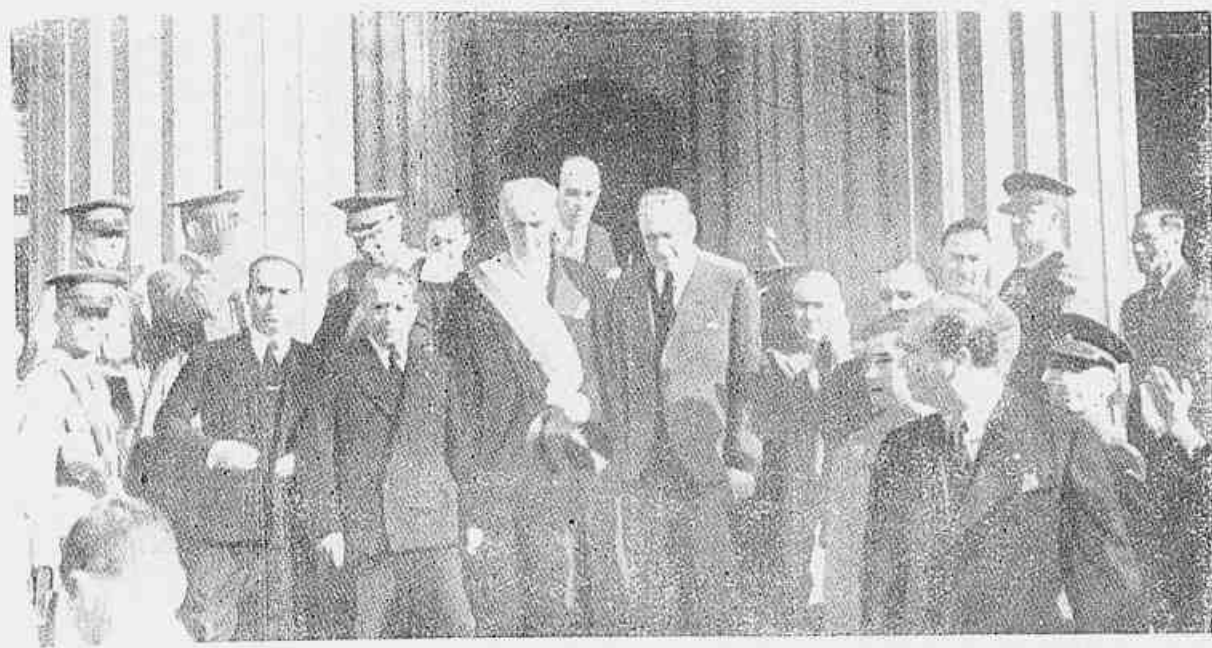
**Quarto** — o sapato não deve ter a ponta afinada, e sim terminar arredondado, para que os dedos não se acavalem uns sobre os outros.

**Quinto** — O sapato, assim que ficar apertado, deve ser posto de lado; o pé da criança cresce muito depressa e mantido dentro de um sapato apertado deforma-se.

**Sexto** — A criança precisa aprender a andar. Os pés bem para a frente, a inclinação para os lados, sobretudo exageradamente para o lado de fóra, faz descer a arcada, traz grande sofrimento e prejudica a estética. É o que acontece aos pobres caixeiros que servem ao balcão, descendo este até ao chão, obriga-os a terem os pés virados para os lados, ficando eles com sofrimentos nos pés para o resto da vida.

A arcada descida tem cura só quando é tratada a tempo, com aparelhos ou sapatos ortopédicos.





O Presidente Ríos momentos depois de sua posse, quando deixava o Parlamento Nacional do Chile.

## A posse do novo presidente do Chile

Teve repercussão em toda a América a eleição de L. A. Ríos para a presidência da República do Chile. O sr. Ríos, como representante das forças democráticas chilenas, era o candidato mais indicado para levar adiante os princípios de cooperação continental postulados na Conferência do Rio. Falando pela primeira vez aos seus concidadãos, o presidente Ríos teve palavras que mereceram o louvor de toda a imprensa continental. O Brasil se fez representar na posse do Presidente Ríos pelo seu ministro do Trabalho, dr. Marcondes Filho.



Diplomatas assistindo à posse do Presidente Ríos, vendo-se em primeiro plano os embaixadores Marcondes Filho e Leão Gracie, do Brasil.



O ministro Marcondes Filho de regresso a esta capital é calorosamente cumprimentado.



Aspecto da sessão solene no Instituto Histórico. O ministro Oswaldo Aranha pronuncia o seu discurso.



Parte da assistência que, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, aplaudiu o Chanceler Aranha.

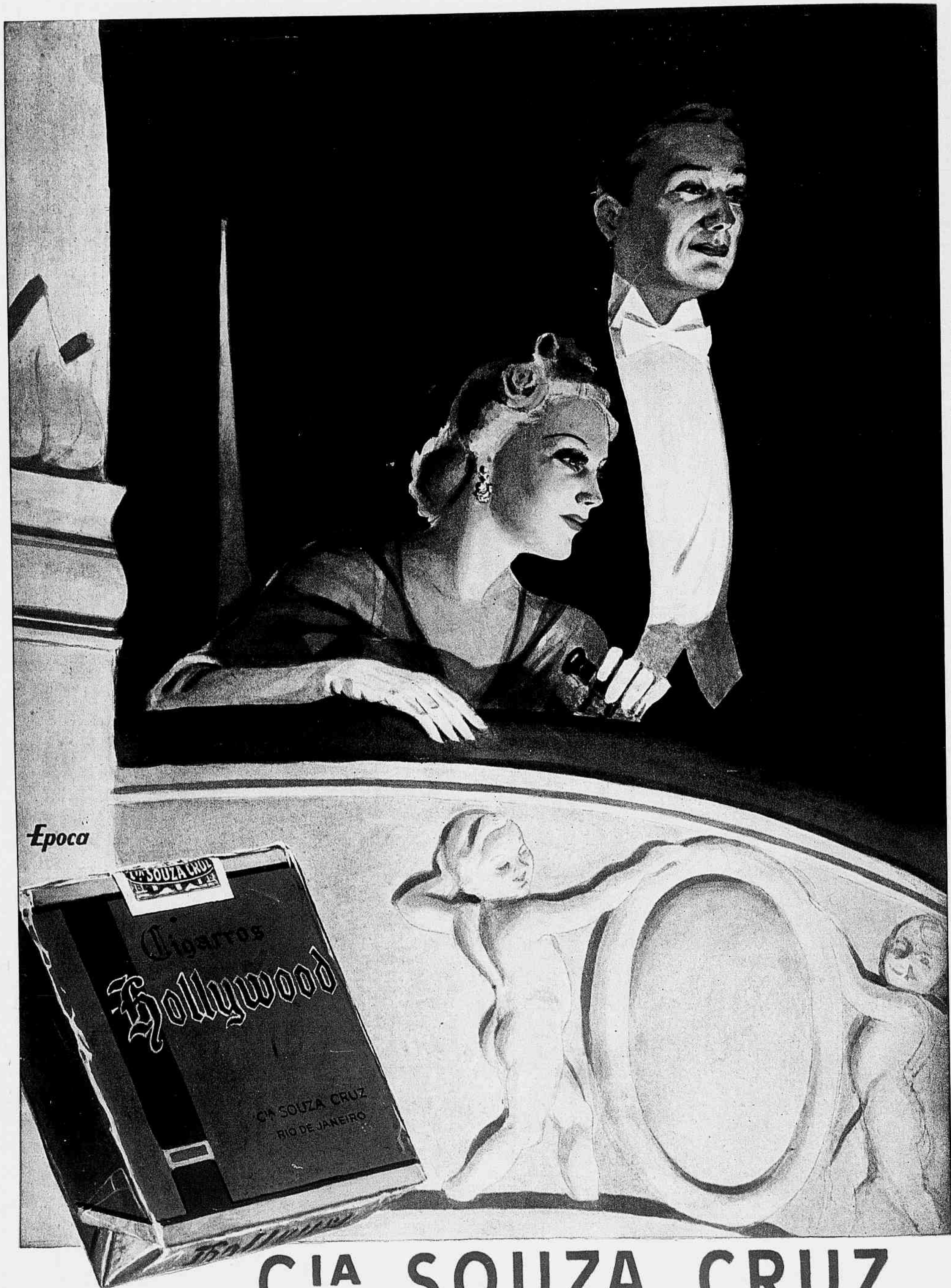
## O Dia Pan-Americano

Em todo o Hemisfério Ocidental foi comemorado festivamente o Dia Pan-Americano. Criado em 1930 por sugestão do Brasil e resolução do Conselho Diretor da União Pan-Americana, esse dia simbólico, que se houve por bem fosse 14 de Abril, é a data em que se festeja a confraternidade continental, os laços de amizade que unem as vinte e uma Repúblicas da América. O presente ano que, com a realização da Conferência do Rio, se constituiu um marco na ascensão da política pan-americana, teve brilhantemente comemorado entre nós o dia dedicado às Américas. Damos nesta página aspectos da sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico, em que, a propósito da data, falou o Chanceler Aranha, e um flagrante colhido no Palácio Tiradentes após a saudação feita por s. excia. ao povo da Norte América, na "Hora do Brasil".



O ministro Oswaldo Aranha, Orson Welles e dr. Lourival Fontes num flagrante apanhado durante as comemorações do dia das Américas.





C<sup>IA</sup> SOUZA CRUZ